UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

JASMIM SEDIE DRIGO

SÍNCOPE VOCÁLICA NA ITÁLIA ANTIGA

VERSÃO REVISADA

São Paulo

2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS

SÍNCOPE VOCÁLICA NA ITÁLIA ANTIGA

Jasmim Sedie Drigo

Orientador: Prof. Dr. José Marcos Mariani de Macedo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Letras.

VERSÃO REVISADA

São Paulo

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

D779s	<p>Drigo, Jasmim Sedie Síncope Vocálica na Itália Antiga / Jasmim Sedie Drigo ; orientador José Marcos Mariani de Macedo. - São Paulo, 2016. 181 f.</p> <p>Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Letras Clássicas.</p> <p>1. Linguística Histórica. 2. Latim. 3. Sabélico. 4. Síncope. I. de Macedo, José Marcos Mariani, orient. II. Título</p>
-------	---

Nome: DRIGO, Jasmim Sedie

Título: Síncope Vocálica na Itália Antiga

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em: __/__/____

Banca Examinadora

Prof. Dr. José Marcos Mariani de Macedo Instituição: Universidade de São Paulo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Instituição:

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Instituição:

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. (suplente) Instituição:

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. (suplente) Instituição:

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Ao meu pai,

Elso Drigo Filho

Agradecimentos

À Fapesp, pela bolsa de auxílio auxílio á pesquisa no país e também pela bolsa BEPE (Bolsa Estágio de Pesquisa no Exterior), que tornou possível a realização deste trabalho.

Ao meu orientador, Prof. Dr. José Marcos Mariani de Macedo, pela paciência e competência com a qual me guiou ao longo da pesquisa. Além do mais, devo importante parte da minha formação e meu crescente interesse pela linguística histórica a suas interessantes aulas.

Ao meu supervisor durante a vigência da bolsa BEPE, Prof. Dr. Michael Weiss, que tentou me ensinar de modo muito solícito tudo o que podia durante meus breves meses na Universidade de Cornell.

Também sou muito grata a ajuda que recebi de alguns pesquisadores ao longo do mestrado. Agradeço aos professores Dr. Mário Viaro e Dr. Paulo Chagas, que forneceram comentários valiosos durante a minha qualificação. Ao Prof. Dr. Rex Wallace da UMass, que incentivou e me ajudou em certa medida a escolher o tema da dissertação. Ao Prof. Kanehiro Nishimura da Universidade de Tóquio, que me auxiliou em alguns pontos e me incentivou a fazer o estágio com o Prof. Dr. Weiss.

À Nádia e à Bruna, minhas almas-gêmeas e companheiras de todas as horas.

À Ágata e ao Cauã, irmãos de carne e de alma.

Aos meus amigos de faculdade, Camilla, Patrícia, Ramón e Roberta, companheiros de copo, risadas e *opopoi*.

Às minhas avós Beatriz e Lourdes, à minha mãe Angélica, e à Socorro, que sempre quiseram ver-me realizada.

Ao Paulo, que sorriu e sofreu comigo durante todo o processo.

RESUMO

Latim e sabélico são línguas que possuem muitos paralelos entre si, pois pertencem ao mesmo ramo do proto-indo-europeu, o ramo itálico. Uma semelhança interessante e intrigante entre essas línguas é a síncope vocálica, porque se trata de um processo fonológico recorrente.

Até algumas décadas atrás, os estudiosos não acreditavam ser possível analisar devidamente as condições nas quais a síncope ocorre em latim, por serem muito complexas. No entanto, pesquisas mais recentes mostram que isso é possível de alguma forma, apesar de a análise ser difícil. A ocorrência da síncope vocálica em sabélico parece menos complexa que em latim. Em sabélico, os ambientes fonológicos nos quais a síncope ocorre são mais limitados, mas a dificuldade em entender o significado e a etimologia de algumas palavras sabélicas também torna a análise complicada.

O objetivo desta pesquisa foi delimitar o máximo possível os ambientes fonológicos da síncope em latim e em sabélico e entender quais correlações podem ser feitas entre os exemplos listados. Ainda que seja interessante analisar todos os casos com base nas mesmas premissas, isso é muito difícil, uma vez que os dados encontrados são muito variados. As correlações que podem ser feitas entre casos de línguas diferentes são basicamente apenas de ordem etimológica, pois a ação e resultado da síncope agem de maneiras diferentes dependendo da língua e do período.

PALAVRAS-CHAVES: Síncope vocálica, latim, sabélico, linguística histórica.

ABSTRACT

Latin and Sabellic are languages that have many parallels, for they belong to the same Indo-European branch, the Italic branch. An interesting and intriguing phonological similarity between these languages is vowel syncope, because it is a recurring phonological process.

Until a few decades ago, scholars believed not to be possible to analyze properly the conditions under which syncope occurs in Latin, because they are very complex. However, more recent researches show that this is somehow possible, though the analysis is difficult. The occurrence of vowel syncope in Sabellic seems to be less complex than in Latin. In Sabellic, the phonological environments in which syncope occurs are more limited, but the difficulty to understand the meaning and etymology of some Sabellic words make this analysis also tough.

The aim of this research was to limit as much as possible the phonological environments of syncope in Latin and in Sabellic and to understand the correlations that can be made among the examples of the *corpora*. Although it would be interesting to analyze all cases based on the same premises, this is very difficult, for the data do not allow it. The correlations that can be made are basically just etymological, because the way it works and the results are different according to each language and each time they existed.

KEYWORDS: Vowel syncope, Latin, Sabellic, historical linguistics.

TABELA DE ABREVIACÕES

Fonologia e Gramática

A	‘analogia’
abl.	‘ablativo’
acs.	‘acusativo’
adv.	‘advérbio’
C	‘consoante’
cf.	‘confira; compare’
cg.	‘cognato’
conj.	‘conjunção’
dat.	‘dativo’
gen.	‘genitivo’
gerund.	‘gerundivo’
impf.	‘imperfeito’
IN	‘incerto’
ind.	‘indicativo’
K	‘oclusiva’
loc.	‘locativo’
N	‘não há síncope’
nom.	‘nominativo’
part.	‘particípio’
pass.	‘passivo’
perf.	‘perfeito’
pl.	‘plural’
pref.	‘prefixo’
prep.	‘preposição’
pres.	‘presente’
R	‘soante’
SF	‘síncope em sílaba final’
sg.	‘singular’
SM	‘síncope em sílaba medial’
SNPT	‘sílabas não-imediatamente pós-tônica’

subj. ‘subjuntivo’
sup. ‘supino’
V ‘vogal’

Línguas

Ale. ‘Alemão’
Arm. ‘Armênio’
Av. ‘Avesta’
Fal. ‘Falisco’
Gr. ‘Grego’
Etr. ‘Etrusco’
Fal. ‘Falisco’
IrA. ‘Irlandês Antigo’
Lat. ‘Latim’
LA ‘Latim Antigo’
LC ‘Latim Clássico’
LPC ‘Latim Pré-Clássico’
Mic. ‘Micênico’
Osc. ‘Osco’
Pg. ‘Pelígio’
PIE ‘Proto-Indo-Europeu’
PIt. ‘Proto-Itálico’
PM ‘Piceno Meridional’
Rét. ‘Rético’
Rus. ‘Russo’
Sab. ‘Sabélico’
Scr. ‘Sânscrito’
ToB ‘Tocário B’
Umb. ‘Úmbrio’
Vol. ‘Volsco’

Símbolos

- * ‘reconstrução de uma forma que provavelmente existiu’
- ** ‘forma que teria existido se o desenvolvimento histórico fosse outro além do que realmente existiu’
- > ‘se torna por mudança fonológica e/ou morfológica’
- < ‘resulta de mudança fonológica e/ou morfológica’
- ‘mudança semântica’
- // ‘transcrição fonológica’
- V.CV ‘o ponto marca uma divisão silábica’
- [] ‘letra(s) que provavelmente existiu(ram)’ (marca filológica)
- < > ‘grafia’

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I: CONCEITOS FUNDAMENTAIS	18
1. Línguas da Itália Antiga	18
1.1. Ramo Itálico	19
1.2. Latim-Falisco	20
1.3. Sabélico	21
1.4. Etrusco	22
2. Síncope Vocálica	23
3. Enfraquecimento Vocálico	24
4. <i>Corpora</i>	24
CAPÍTULO II: SÍNCOPE VOCÁLICA EM LATIM	28
1. Latim	28
2. Acentuação	29
3. Quantidade de Sílabas	30
4. Qualidade das Vogais	31
5. Contraexemplos	31
6. Presença de Soantes	32
6.1. <i>R_R</i>	33
6.2. <i>R_C</i>	33
6.3. <i>C_R</i>	35
7. <i>*-rVs# > -er#</i>	35
7.1. <i>-er-</i> em Sílabas Tônicas	37
8. Síncope em Sílabas Fechadas com Coda em <i>-s</i>	38
8.1. Casos Polêmicos	38
9. Síncope no Sufixo <i>*-tero- > -tro-</i>	39
10. Síncope na Antepenúltima Sílaba em Palavras Quadrissilábicas	40
11. Síncope em Palavras que seguem a Regra de Acentuação da Penúltima	40
12. Síncope em Palavras Tri- ou Quadrissilábicas com uma Vogal Longa na Última Sílaba	42

13. Diminutivos	43
14. Outros Casos de Síncope Não-Imediatamente Pós-Tônica	44
15. Caso Polêmicos	45
15.1. <i>adūlor</i> ‘adular’	45
15.2. <i>calficiō</i> ‘aquecer’	46
15.3. <i>culmus</i> ‘caule’	46
15.4. <i>cunctus</i> ‘todo; inteiro’	47
15.5. <i>ferre, ferrem, fert, fers</i> do verbo <i>ferō</i> ‘carregar’	47
15.6. <i>halō</i> ‘emitir fragrância’	48
15.7. <i>Herclēs</i> ‘Hércules’	48
15.8. <i>īmus</i> ‘parte mais baixa’	48
15.9. <i>lārdī</i> ‘toucinho’	49
15.10. <i>occa</i> ‘rastelo’	49
15.11. <i>summus</i> ‘o mais alto’	49
16. Hipóteses sobre a Síncope em Latim	49
17. Conclusões Parciais	51
 CAPÍTULO III: SÍNCOPE VOCÁLICA EM SABÉLICO	 53
1. Sabélico	53
2. Síncope em Silabas Finais	53
2.1. $V > 0 / _s\#$	54
2.1.1. Casos Polêmicos	58
2.1.1.1. Umb. <i>Atiersir</i> (Vb 8; Vb 14) ‘Artirse’ (gentílico ou nome de uma fraternidade)	59
2.1.1.2. Osc. <i>ceus</i> (nom., sg. – Lu 1, 19) ‘cidadão’	59
2.1.1.3. Umb. <i>emps</i> (part. pass. – Um 10) ‘comprado’	59
2.1.1.4. Osc. <i>ligis</i> (dat./abl., pl. – Lu 1, 25) ‘leis’	60
2.1.1.5. Umb. <i>ocar, ukar</i> (nom., sg. – VIb 46) ‘cidade’	60
2.1.1.6. Umb. <i>pacer</i> (nom., sg. – VIa 23; VIa 30; VIa 33; VIa 40; VIa 42; VIa 50; VIa 52; VIb 7; VIb 11; VIb 13; VIb 26; VIb 32; VIb 34; VIIa 14; VIIa 17; VIIa 31; VIIa 50) ‘propício’	61
2.2. $o > 0 / ij_m\#$	61
3. Síncope em Sílabas Mediais	62
3.1. Síncope no Sufixo *-tero- > -tro-	62

3.2. Síncope em Formas Tri- ou Quadrissilábicas com uma Vogal Longa na Terceira Sílab	64
3.3. Síncope em Formas Trissilábicas com uma Vogal Breve na Terceira Sílab	66
3.4. Síncope Regular em Casos Oblíquos	67
3.5. Síncope em uma Sequência de Duas Vogais Breves em Sílabas Mediais	67
3.6. Síncope em Diminutivos	68
3.7. Casos nos quais a Vogal Sincopada é Incerta	69
3.8. Casos Polêmicos	70
3.8.1. Umb. <i>amboltu</i> (3ª sg., imp. – VIb 52) ‘dê voltas em!’	70
3.8.2. Umb. ampe(n)tu (imp. – IIa 20; III 23), apentu (imp. – III 27) ‘aproxima-tel’	70
3.8.3. Umb. amprehtu (3ª sg., imp. - Ib 21), apretu (3ª sg., impf. – Ib 20) ‘leva (os animais) para uma volta!’	71
3.8.4. Umb. a(n)tentu , <i>andendu</i> (3ª sg., imp. – IIa 20; III 15; III 16; III 17; III 17; III 22; IV 21; IV 27; IIb 28; VIIa 46) ‘ergue até o topo!’; <i>ententu</i> , <i>endendu</i> (3ª sg., imp. – VIb 40; VIb 40; VIb 49; Ib 12; III 15) ‘insere!’	72
3.8.5. Osc. embratur (nom., sg. – nPg 6a; nPg 6b) ‘imperador’	72
3.8.6. Umb. felsva (Va 11) (significado desconhecido)	72
3.8.7. Umb. <i>fertu</i> (imp. – VIb 50; VIb 50) ‘faz!’	73
3.8.8. Osc. herekleís (gen., sg. – Cm 1A11; Cm 1A24; Cm B4; Cm B6) ‘Hércules’	73
3.8.9. Umb. herte(r) (3ª sg., pres., pass. – Va 6; Va 8; Va 10; IIa 40; III 1) ‘foi necessário’	74
3.8.10. Umb. <i>ninctu</i> (imp. – VI b 60; VIIa 49) ‘ataca!’	74
3.8.11. Umb. <i>oseto</i> , <i>osatu</i> (3ª sg., ind., impf. – Um 7; VIb 24; VIb 37) ‘construído’	75
3.8.12. Osc. patensíns (3ª pl., subj., impf. – Cm 1B24; Cm 1B25) ‘eles abririam’, osc. patanai (dat., sg. – Sa 1A14; Sa 1B14) (significado desconhecido), umb. <i>Padellar</i> (gen., sg. – VIa 14) ‘Padela’ (nome de uma deusa)	75
3.8.13. Osc. <i>pertumum</i> (Lu 1, 7) (significado desconhecido)	76
3.8.14. Osc. <i>prúftú</i> (3ª pl., perf., pass. – Cm 1A16) ‘foram estabelecidos’; prúffed (3ª sg., perf. – Cm 10; Sa 25) ‘aprovou’	76
4. Síncope em Sílabas Mediais e Finais na Mesma Palavra	77
5. Hipóteses sobre a Síncope em Sabélico	78

6. Conclusões Parciais	80
CONCLUSÕES	82
BIBLIOGRAFIA	84
APÊNDICE: ETRUSCO	90
ANEXOS	92
ANEXO I: <i>CORPUS</i> DE PALAVRAS LATINAS	92
ANEXO II: <i>CORPUS</i> DE PALAVRAS SABÉLICAS	132

INTRODUÇÃO

Durante a leitura de alguns textos latinos me deparei com palavras que possuíam variantes sem uma vogal medial e outras com a vogal medial, como *caldus* x *calidus*. A variação não teria me chamado tanta atenção se eu não tivesse reparado que o mesmo fenômeno ocorre no etrusco, uma língua não-indo-europeia. Posteriormente, li artigos e livros que descreviam o mesmo processo em línguas sabélicas. Coincidência?

Quando um mesmo fenômeno fonológico pode ser observado em várias línguas da mesma região, é difícil acreditar em coincidência sem antes analisar os dados de forma detalhada. Como havia poucos trabalhos que estudam a síncope vocálica levando em consideração todas as principais línguas da Itália Antiga (como Nishimura: 2008), percebi que uma análise descritiva sistemática ainda era algo que precisava ser feito.

Algumas questões surgiram à minha mente: será que a síncope funciona do mesmo modo nessas línguas? Por que a síncope é frequente apenas na Península Itálica? Por que o etrusco, uma língua não-indo-europeia, também apresenta síncope vocálica de forma frequente? Qual correlação pode ser feita ao reunir os principais casos de síncope nas principais línguas da Itália Antiga?

No início, a hipótese principal era de que a síncope vocálica era um fenômeno areal, algo que tivesse ocorrido primeiro em uma dessas línguas e depois se dispersado para as demais, especialmente pelo fato de o etrusco também apresentar exemplos. Infelizmente, a questão se mostrou mais complexa do que imaginada *a priori*, e os dados etruscos não puderam ser analisados no mesmo nível dos casos latinos e sabélicos (ver mais no *Apêndice: Etrusco*).

O estudo da síncope vocálica se mostrou frutífero, pois foi possível reunir dados que até então estavam muito dispersos na bibliografia moderna e também foi possível discutir casos polêmicos, o que auxiliou uma melhor compreensão do fenômeno nessas línguas.

Por fim, a dissertação foi dividida em quatro capítulos, um apêndice e dois *corpora*:

O Capítulo I: Conceitos Fundamentais é basicamente uma explicação das noções que são essenciais para o desenvolvimento do trabalho. Esse capítulo inclui subcapítulos com assuntos diversos, mas todos eles possuem caráter introdutório de temas que serão mais bem desenvolvidos ao longo da dissertação: 1) Línguas da Itália

Antiga, breve explicação histórica dos povos e línguas que existiam no período de VI a. C. a I a. C.; 2) Síncope vocálica, apresentação de diversas definições e escolha da definição que será usada na dissertação; 3) Enfraquecimento vocálico, comparação entre síncope e enfraquecimento; 4) *Corpora*, apresentação da estrutura de cada *corpus* e quais critérios utilizados na sua construção.

O **Capítulo II: Síncope Vocálica em Latim** contém a análise da síncope na língua latina, remetendo aos casos do *corpus* latino. No final do capítulo, há uma seção de Conclusões Parciais, que mostra os resultados encontrados apenas a partir dos casos latinos.

O **Capítulo III: Síncope Vocálica em Sabélico** contém a análise da síncope nas línguas sabélicas, remetendo aos casos do *corpus* sabélico. No final do capítulo, há uma seção de Conclusões Parciais, que mostra os resultados encontrados apenas a partir dos casos sabélicos.

A seção **Conclusões** retoma os passos mais importantes da pesquisa e apresenta os resultados finais.

No **Apêndice: Etrusco**, encontra-se uma breve lista de casos etruscos de síncope e se explica por que os exemplos etruscos não puderam ser colocados no mesmo patamar dos casos latinos e sabélicos.

Os *corpora* são duas listas dos mais interessantes e importantes casos de síncope vocálica: o **Anexo I: Corpus de Palavras Latinas** e o **Anexo II: Corpus de Palavras Sabélicas**.

CAPÍTULO I: CONCEITOS FUNDAMENTAIS

1. Línguas da Itália Antiga

A região hoje conhecida como Itália foi uma região habitada por diversos povos, de línguas e costumes diferentes na Antiguidade. Nesta dissertação, as línguas utilizadas para a análise da síncope vocálica são o latim e o sabélico (osco, úmbrio, o pelígio e piceno meridional), escolhidas porque há vestígio de síncope em todas elas.

O recorte temporal usado, feito para que a análise possa ser mais eficaz, é o período de VI a.C. a I a.C. Começa-se no século VI a. C., quando os primeiros registros dessas línguas podem ser encontrados, e termina-se no século I a.C., quando não há mais registro do sabélico devido à expansão do império romano.

Neste recorte temporal, pode-se reconstruir um mapa linguístico da região¹:

¹¹ Mapa construído por mim, com base no mapa de Rex (2007: ix).

O mapa mostra diversas línguas: rético, venético, etrusco, osco, úmbrio, falisco, latim, piceno meridional, piceno setentrional, messápico e grego. Trata-se de línguas de diferentes ramos linguísticos: as línguas relevantes para esta pesquisa, as sabélicas e o latim-falisco se encontram no centro-sul da península itálica; o etrusco e o rético, línguas não-indo-europeias se localizam no norte; o grego era apenas falado no extremo sul da Itália; o messápico, outra língua indo-europeia de substancial importância na época, também era falado no sul. É importante mencionar algumas outras línguas além das itálicas indo-europeias para que se possa compreender a grande diversidade linguística que existia durante o período em questão.

1.1. Ramo Itálico

O latim e o sabélico têm fortes paralelos entre si porque ambos pertencem à família do Proto-Indo-Europeu² e também ao mesmo ramo Itálico. Pode-se ainda dividir o ramo entre dois subgrupos: latim-falisco e sabélico.

Durante o século XX houve muita polêmica sobre a questão da unidade itálica, se o sabélico e o latim-falisco seriam línguas separadas diretamente do proto-indo-europeu, ou se seriam dois subgrupos frutos de um proto-grupo, o proto-itálico. Beeler (1952:436-437) afirma que até o começo do século XX não existiam dúvidas sobre a unidade itálica, entretanto quando a existência de outras proto-línguas (como por exemplo, o proto-balto-eslavo) foi colocada em dúvida, a existência do proto-itálico deixou de ser defendida pela maioria dos estudiosos.

Durante esse período de incertezas, que perdurou até 1970 ou 1980, diversos autores, tais como o próprio Beeler (1952:442-443), Jones (1950:60-87) e outros, defendiam a hipótese separatista, de que essas línguas seriam ramos independentes do Proto-Indo-Europeu,. Outros autores se mostraram adeptos da hipótese do proto-itálico, inclusive durante a época de dúvidas, tais como Buck (1904; 1962: 23-30) e Wallace & Joseph (1987:675-693).

Há muitas evidências linguísticas que apontam para um período proto-itálico, podem-se observar inovações fonológicas em comum que não se veem em outros ramos do proto-indo-europeu. Um exemplo é a difusão da fricativa surda *f*, como em PIE **d^heh₁-l(u)i-* > Plt. **fēl(u)ī-* ‘amamentação’ > lat. *fēlix* ‘afortunado’ (de Vaan 2008: 209). Como Fortson (2010: 278) aponta, outro exemplo é o fato de as laringais terem se

² Para mais sobre estudos introdutórios do proto-indo-europeu, ver Fortson (2010), Szemerényi (1999), Meier-Brüger (2003) e Mallory & Adams (2004).

perdido na sua forma não-silábica, enquanto se mantiveram como *a* em outros casos, como em PIE **sth₂-to-* > lat. *status* ‘parado’ e em PIE **h₂enh₁mo-* > osc. **anamúm** ‘respiração’. Várias outras inovações e preservações linguísticas das línguas itálicas podem ser apontadas, mas como o propósito desta dissertação é analisar a síncope vocálica, não essa discussão não será desenvolvida aqui.

A hipótese de uma unidade itálica é praticamente consensual nos dias de hoje, prova disso é que a maioria dos manuais de linguística histórica trata o ramo itálico como um ramo do proto-indo-europeu: Lehmann (1992:75-77), Beekes (1995:25-26), Bynon (1993:69), entre outros.

Ao longo desta dissertação, sempre que se falar em línguas itálicas, tem-se em mente essa definição: línguas indo-europeias que pertencem ao mesmo ramo linguístico porque possuem características estruturais em comum.

1.2. Latim-Falisco

Diferentemente da polêmica anterior, a questão em relação ao estatuto do falisco está longe de ser resolvida: trata-se de uma língua independente do subgrupo latim-falisco ou trata-se de um dialeto do latim? Durante muito tempo o falisco foi apenas tratado como uma língua independente que apresenta fortes semelhanças com o latim, como em Joseph & Wallace (1991), Beekes (1995: 25), Baldi (2002: 123-5).

Estudos mais recentes, no entanto, defendem que não há diferenças substanciais em relação às duas línguas e que é mais coerente tratar o falisco como um dialeto do latim, como Giacomelli (1963). O trabalho mais recente e mais exaustivo a respeito do falisco, de Bakkum (2009A; 2009B), defende essa teoria analisando todos os aspectos linguísticos e históricos do povo falisco.

Segundo Bakkum (2009A: 100-3), o falisco é conhecido por não apresentar enfraquecimento vocálico e por não haver evidência substancial de síncope vocálica. O autor argumenta que, como o latim e o sabélico apresentam diversos casos de síncope, seria estranho que o fenômeno não ocorresse em falisco e elenca alguns possíveis casos de síncope. No entanto, apenas se pode identificar um caso evidente de síncope em falisco: *maximo* (MF89), *maxom[o]* (MF98) < **magisomo*. Por isso, independentemente de o falisco ser um dialeto do latim ou outra língua, ele não é muito útil para esta pesquisa e não será mais discutido aqui.

O latim, por sua vez, é a língua itálica que mais apresenta vestígios textuais e sobre a qual há muita fortuna crítica moderna. Devido à grande produção textual,

mostrou-se necessário dividir o latim em três períodos históricos: Latim Antigo (LA), que abarca as primeiras inscrições latinas do séc. VI a. C. até 240 a. C. (início da produção literária); Latim Pré-Clássico (LPC), que compreende o período de 240 a. C. até 81 a. C. (primeiro trabalho de Cícero); e Latim Clássico, que abrange 81 a. C. até 14 d. C. (morte de Augusto)³.

1.3. Sabélico

O outro subgrupo do ramo itálico é o sabélico, também chamado de osco-úmbrio por causa das duas línguas de maior expressão do ramo, o osco e o úmbrio.

As línguas sabélicas usam mais do que um alfabeto para grafar suas línguas, há inscrições com alfabeto latino, com alfabeto grego e com alfabetos epicóricos. O latino e o grego foram emprestados das línguas latina e grega respectivamente, enquanto os epicóricos foram criados com base no alfabeto etrusco. Há um alfabeto epicórico osco, um úmbrio e um piceno meridional; apesar de possuírem a mesma base, tratam-se de alfabetos diferentes⁴.

Para que as diferenças entre as grafias fiquem claras, segue-se neste trabalho o método mais utilizado pela maioria dos estudiosos da área: as palavras escritas originalmente com alfabeto latino serão grafadas com o alfabeto latino e serão marcadas em itálico; as palavras escritas originalmente com alfabeto grego serão grafadas com o alfabeto grego; e as palavras originalmente escritas com alfabetos epicóricos serão transliteradas em caracteres latinos e serão marcadas em negrito.

O úmbrio é a língua não-latina que tem o mais longo vestígio escrito na região, cerca de 30 inscrições. Apesar de terem restados poucos textos úmbrios, o maior e mais famoso texto úmbrio, as *Tábuas Iguvínias* (texto do séc. III a. C. aproximadamente), é um longo texto composto de 7 tabletes de bronze e que descrevem um ritual religioso.

Há cerca de 400 pequenas inscrições em osco, mas a maior parte delas é composta apenas de algumas palavras ou mesmo de uma só palavra. Em termos linguísticos, pode-se dizer que o osco é a língua sabélica mais conservadora dentre as línguas itálicas. Um bom exemplo desse conservadorismo é o fato de o osco não monotongar ditongos, processo que sempre ocorre em úmbrio, e que acontece às vezes

³ Divisão feita com base na de Meiser (1998: 2).

⁴ Para mais sobre alfabetos de línguas sabélicas, ver Wallace (2007: 6-10), Marinetti (1985: 45-60), Lejeune (1970) e Lejeune (1972).

em latim: tal como em osc. **kvaísstur** vs umb. **kvestur** (cf. lat. *quaestor* ‘tipo de magistrado’).

A língua pelígia (em inglês *Paeligian*) é considerada pelos estudiosos como uma língua do subgrupo osco, mas neste trabalho se segue a perspectiva tradicional de evidenciar quais palavras são pelígias.

Além dessas línguas sabélicas, também se usam algumas palavras do piceno meridional neste trabalho, uma língua com menos vestígios escritos do que as demais línguas sabélicas, mas na qual também se pode verificar a presença da síncope vocálica.

É possível trabalhar com essas línguas como um só grupo porque, em termos fonológicos, as línguas sabélicas são muito próximas. Wallace (2007: 11) explica que as diferenças significativas apenas aparecem no sistema vocálico. No entanto, para o objetivo desta análise, essas diferenças são pouco significativas e somente serão citadas quando influenciarem diretamente a questão da síncope vocálica.

1.4. Etrusco

A análise ainda contém poucos exemplos do etrusco, mas não de forma tão aprofundada quanto o que foi feito no latim e no sabélico, principalmente pela falta de compreensão da língua etrusca. Ainda que se possa constatar a síncope vocálica em diversas palavras, não há conhecimento suficiente sobre o léxico e sobre a morfofonologia para que uma análise completa seja possível.

A estrutura linguística do etrusco é bem diferente das demais línguas estudadas, pois tem algumas características peculiares, tais como processos morfológicos aglutinativos, e o fato de alguns casos serem formados a partir do pertinutivo⁵ e não apenas do nominativo ou do genitivo. Por ser uma língua considerada praticamente isolada, sem relação de parentesco com outras línguas bem conhecidas, a evidência textual escassa (inscrições compostas de vocabulário especializado e informações indiretas de autores gregos e romanos) é ainda mais problemática. Além disso, não há resquício de literatura, ainda que as fontes indiretas acusem a existência de literatura etrusca, e o único texto um pouco mais longo que nos chegou é o *Liber Linteus Zagrebiensis* (texto do séc. III a. C.), um calendário com datas de festivais religiosos.

A língua etrusca é escrita no seu próprio alfabeto, um alfabeto baseado no grego, mas modificado para suprir as necessidades fonológicas do etrusco. Algumas letras

⁵ O caso pertinutivo tem uma função de posse, ver Rix (2004A), autor que cunhou o termo, e Wallace (2008:46-47).

foram retiradas do alfabeto, como o ômicron, e outras foram inseridas, como uma letra para o som /f/. Nesta dissertação, as palavras em alfabeto etrusco serão transliteradas em caracteres latinos e colocadas em negrito, da mesma maneira que será feito com termos sabélicos em alfabetos epicóricos.

Rix (2004A, 1998) defende que o etrusco não é uma língua isolada e que é possível identificar mais duas línguas da mesma família que o etrusco: o lêmnio (localizado no nordeste do mar Egeu) e o rético (localizado nos Alpes). No entanto, essas línguas têm ainda menos vestígios que o etrusco, ou seja, mesmo que aceitemos a premissa de Rix, isso não auxilia muito na compreensão dessas línguas não-indo-europeias. Para mais sobre o etrusco, ver **Apêndice: Etrusco**.

2. Síncope Vocálica

A síncope vocálica é um fenômeno fonológico que pode ser observado em muitas línguas ao redor do mundo. Antes de analisar o fenômeno nas línguas da Itália Antiga, é importante definir detalhadamente o que se toma como síncope vocálica; grosso modo, trata-se da elisão de uma vogal no interior da palavra, mas essa definição é vaga demais para os propósitos deste trabalho.

Os manuais de linguística também definem síncope vocálica de modo bem simples. Lehmann (1992: 195) descreve a síncope, juntamente com a apócope, como processos de perdas vocálicas, sendo que a síncope seria a perda de vogais mediais e a apócope seria a perda de vogais finais, por exemplo: ing. ant. *temede* > ing. mod. *tamed*. Beekes (1995: 58), por sua vez, explica que sons em final de palavra ou em final de sílaba tendem a sofrer mudanças fonológicas com maior facilidade.

O próprio termo síncope não é utilizado por todos os estudiosos. Hawkins (1995:265-7), por exemplo, prefere apenas falar em perda silábica. Ele comenta sobre a posição mais fraca dentro de uma palavra; segundo o estudioso, seria a sílaba átona que segue uma sílaba tônica. Mesmo Nishimura (2008), que trata exaustivamente do assunto, não utiliza o termo síncope em sua tese, preferir usar o termo desaparecimento vocálico.

Como a questão da síncope é complexa, a definição de síncope será trabalhada melhor no contexto das línguas latina e sabélica respectivamente (ver item **16. Hipóteses sobre a Síncope em Latim** no *Capítulo II: Síncope Vocálica em Latim*, e **5. Hipóteses sobre a Síncope em Sabélico** no *Capítulo II: Síncope Vocálica em Sabélico*).

3. Enfraquecimento Vocálico

O enfraquecimento vocálico e a síncope vocálica estão relacionados de algum modo, mas resta a dúvida de qual modo estão relacionados. Trata-se de duas etapas de um mesmo processo ou se trata de dois fenômenos fonológicos distintos que têm o mesmo estágio inicial?

Rix (1966:161-162) defende que a síncope não é um processo subsequente ao enfraquecimento vocálico, apesar de terem o mesmo estágio inicial, mas que se trata de dois processos distintos. Nishimura (2008: 6-8) também segue a premissa de Rix para analisar a síncope e o enfraquecimento.

Nesta pesquisa, concorda-se com a perspectiva de Rix e Nishimura, de modo que é possível analisar somente a síncope vocálica sem entrar em maiores detalhes sobre o enfraquecimento vocálico. Uma análise que leve em conta também o enfraquecimento vocálico nas línguas da Itália Antiga seria complexa demais para uma dissertação de mestrado.

4. *Corpora*

Para que a análise fosse feita detalhadamente e várias palavras e contextos pudessem ser comparados, foram construídos dois *corpora* de termos com síncope vocálica: um do latim e um do sabélico.

Os *corpora* não pretendem ser exaustivos, por algumas razões, mas parece seguro afirmar que os termos recolhidos são suficientes para que a análise seja profunda e detalhada. O *corpus* latino não é exaustivo porque a variedade de textos é muito grande em um largo período de tempo e não há um contexto preciso para se procurar mais casos. Além disso, a metodologia utilizada para colher casos de síncope consiste basicamente em procurar exemplos da bibliografia moderna, mas poucos estudiosos se propuseram a elencar casos de síncope vocálica em latim, o que torna impossível a construção de um *corpus* exaustivo. No sabélico, o *corpus* está mais perto de ser exaustivo porque há um volume bem menor de textos, mas para que a análise fosse mais objetiva, foram deixados de lado casos que são muito parecidos com outros já catalogados ou casos de grafia incerta.

Os *corpora* foram construídos com base em textos de pesquisadores modernos, os exemplos foram reunidos desses diversos textos e se discute a etimologia de cada um deles. Procurou-se verificar nos textos originais, especialmente em úmbrio, osco, piceno

meridional e pelígio, a forma e o contexto das palavras analisadas. Nos casos latinos, nem sempre foi possível verificar os contextos (geralmente por serem palavras com múltiplas atestações), e foram então utilizados os dados contidos em dicionários modernos e afins.

O *corpus* latino é composto de 157 palavras e o sabélico de 158 palavras, encontra-se também entre essas formas casos incertos e casos de analogia. Formas marcadas como incertas (IN) são casos que não se tem certeza da síncope e da sua etimologia, de modo que não podem ser contabilizados como exemplos seguros de síncope. Palavras marcadas como analogia (A) são exemplos de casos que não possuíam uma vogal a ser sincopada na sua forma original, mas que apresentam tal forma por analogia a outras que realmente sofreram síncope.

A forma na qual estão organizados segue a seguinte ordem: 1) *Termo*, grafado em itálico quando em alfabeto latino, em caixa alta quando em inscrições do LA, em negrito quando em alfabeto epicórico (osco, úmbrio, piceno meridional, etrusco), em grego quando em alfabeto grego; 2) *Língua* (apenas no *corpus* sabélico); 3) *Tradução*, quando conhecida; 4) *Ocorrência*, quando possível; 5) *Análise* própria minha, que pode ser baseada em análises pré-existentes, pode mesclar as análise já existentes, ou pode ser uma nova proposta de análise; 6) *Análises de estudiosos modernos*, citando todas as análises relevantes para o estudo da síncope; 7) *Ambiente Fonológico*, composto por *Consoantes Adjacentes*, *Posição da Síncope*, *Quantidade de Sílabas*, e *Sílaba Tônica* (no caso do *corpus* latino). Segue abaixo um exemplo de verbete do *corpus* latino:

E um exemplo do *corpus* sabélico:

CAPÍTULO II: SÍNCOPE VOCÁLICA EM LATIM

1. Latim

A questão da síncope vocálica em latim é extremamente complexa e poucos foram os estudiosos que se aventuraram a analisá-la de maneira detalhada. Buck (1904:57), por exemplo, afirma não ser possível precisar as condições fonológicas nas quais a síncope ocorre em latim, uma vez que os fatores envolvidos são muito complexos. Sommer (1914:133-134) também aponta a impossibilidade de descrever com detalhe as condições nas quais a síncope ocorre em latim, por serem muito complicadas.

Apesar das afirmações pessimistas de vários estudiosos da área, alguns autores defendem a possibilidade de descrever as condições do fenômeno. Dentre os primeiros a tentar uma definição (ainda que muito geral), está Exon (1907:118), que define a síncope em latim como: o desaparecimento de uma vogal breve não-acentuada entre consoantes, que resulta normalmente na perda de uma sílaba da palavra. Ainda que não de modo exaustivo, Rix (1966:158-165) também procura descrever algumas características fonológicas do processo.

Segundo Nishimura (2008: 18; 2011:1), apesar de normalmente se dizer que o desaparecimento vocálico em latim não é tão frequente quanto em sabélico, isso não é verdade, existe uma infinidade de exemplos em latim. Além disso, por meio da análise da síncope em latim e em outras línguas itálicas, o autor elenca várias condições necessárias para a existência do enfraquecimento e desaparecimento vocálico.

O estudioso analisa esse processo fonológico tendo como base a importância do acento tônico (no original, *stress*), assim como Exon (1907). Nishimura (2008: 6) afirma que, apesar de a questão do acento no latim clássico ainda ser controversa, as sílabas com enfraquecimento e desaparecimento vocálico são geralmente átonas (no original, *unstressed*).

Em outro artigo mais recente, Nishimura (2011) focaliza sua análise apenas na síncope em latim para tentar restringir as condições nas quais o fenômeno ocorre. Segundo o estudioso (2011: 5), a síncope operava de forma diferente em cada período histórico (pré-literário, pré-clássico e latim clássico), de modo que é preciso levar em consideração que diferentes fatores deveriam estar envolvidos em cada período.

2. Acentuação

As condições necessárias para que a síncope vocálica aconteça são várias, mas nem sempre tais condições são suficientes para que a síncope ocorra. Um dos aspectos mais importantes, segundo Nishimura (2008, 2009), Rix (1966: 158), Leumann (1977: 97), Meiser (1998: 66), e outros, parece ser o acento tônico. Normalmente a síncope ocorre em uma sílaba pós-tônica, em uma sílaba imediatamente seguinte à sílaba tônica.

Como o acento é um fator importante, é necessário analisar as regras de acentuação em vigor em todos os períodos em questão. Nishimura (2008:116-140) analisa os casos de síncope com base na acentuação na primeira sílaba para as palavras do Latim Antigo e do Latim Pré-Clássico, e com base na acentuação da Lei da Penúltima para palavras do Latim Clássico.

No caso dos exemplos mais antigos, o estudioso (2008: 116-121) observa que a síncope ocorre em sílaba pós-tônica; se a sílaba tônica sempre for a primeira sílaba, normalmente a vogal sincopada se encontra na segunda sílaba, como em⁶:

- *balneum* ‘balneário’ < LPC *balineum* < PIIt. **balaneom* (Nishimura 2008: 118, 127, 134);
- *dexter* ‘direita’ < LPC **dexterōs* < PIIt. **deksiteros* (Nishimura 2008: 19, 116-117, 127, 134; Weiss 2009: 123);
- *maxumus* ‘máximo’ < LPC **magisomo* < PIIt. **mag-isŋmo-*; cf. fal. *maximo* (MF89), *maxom[o]* (MF98) ‘máximo’ (Nishimura 2008: 117; De Vaan 2008: 73-4);

Em casos excepcionais, a vogal sincopada pode-se encontrar também na terceira sílaba, como em:

- *asellus* ‘burro’ < LPC **asene-lo*; diminutivo de *asinus* ‘asno’ (Nishimura 2008: 145);
- *iuncus* ‘junco’ < **iũnko* < LA **ioinko-* < PIIt. **ioiniko-* (Walde & Hoffmann 1954: 729-30);
- *salūber* ‘salubre’ < **salubris* (Nishimura 2008: 150).

O caso de *asellus* é mais complicado, pois se trata de um diminutivo construído com o sufixo *-elo-. Palavras formadas com esse diminutivo sempre apresentam síncope porque o sufixo apresenta uma vogal breve em uma sílaba átona, e a vogal também se encontra entre duas soantes. Para mais sobre síncope em diminutivos, ver item **13. Diminutivos** neste mesmo capítulo.

⁶ Todos os exemplos citados a partir deste ponto se encontram no **Anexo I: Corpus de Palavras Latinas** com suas respectivas referências e análise resumida.

A partir do Latim Clássico, a regra de acentuação mudaria para a Lei da Penúltima, que dita que o acento deve cair na antepenúltima se a penúltima sílaba for breve. Nas palavras desse período, a síncope tende a acontecer na penúltima sílaba, pois normalmente a antepenúltima é a sílaba tônica, como em:

- *ārdus* (Plauto) ‘árido’ < LC *āridus* (Nishimura 2008: 199).

O mais frequente no *corpus* é a ocorrência da síncope vocálica em posição imediatamente pós-tônica (104 casos, sem contar casos incertos e analogia). Quando a sílaba seguinte à sílaba tônica possui uma vogal breve, ela se torna vulnerável e tende, de modo consistente, a perder a vogal. São os casos de:

- *auceps* ‘caçador de pássaros’ < **au̯i-kap-s* (Weiss 2009: 261; Nishimura 2008: 19, 117);
- *cette* (imp. - Plínio, Ênio) ‘dá aqui!’ < LPC **kedte* < PIt. **kedate* (Nishimura 2008: 118; Weiss 2009: 123).

No entanto, há casos que não seguem essa tendência e por isso necessitam ser analisados à parte. Um grande grupo de casos de síncope não-imediatamente pós-tônica é o de diminutivos, por exemplo:

- *misellus* ‘pobrezinho’ < LPC **misere-lo/ā-*; diminutivo de *miser* ‘pobre’ (Nishimura 2008: 145).

Há casos de síncope considerados não-imediatamente pós-tônicos, mas que também permitem soluções diferentes das apresentadas por outros estudiosos. Esses casos serão analisados individualmente e de modo detalhado. Esses casos são analisados no item **14. Outros Casos de Síncope Não-Imediatamente Pós-Tônica** deste mesmo capítulo.

3. Quantidade de Sílabas

Geralmente as palavras que sofrem síncope são quadrissilábicas ou trissilábicas, 64 casos do *corpus* são de palavras trissilábicas⁷ e 45 casos são de palavras quadrissilábicas⁸, tais como:

⁷ Além das palavras trissilábicas citadas nesta seção, ainda há no *corpus* as palavras: *agellus*, *anceps*, *antae*, *ārdus*, *auceps*, *auillus*, *caldus*, *cautum*, *citrā*, *contrā*, *doctus*, *facultās*, *ferre/fertis*, *flagellum*, *forceps*, *gaudeō*, *halō*, *Herclēs*, *hospes*, *īmus*, *infrā*, *integer*, *iugrā*, *lardī*, *libellā*, *libellus*, *macellus*, *miser*, *necdum*, *nōnus*, *nostro-*, *occa*, *ornus*, *palmus*, *pars*, *pergō*, *Pollūx*, *ponō*, *pōpulneus/nus*, *porgō*, *postrīdiē*, *postus*, *praecō*, *prīnceps*, *propter*, *puertia*, *purgō*, *retrō*, *sacellus*, *sacerdōs*, *salūbre*, *sēsqui-*, *socer*, *suprā*, *surgō*, *ūdos*, *ulna*, *uladē*, *uechus*, *uernō*, *uestro-*, *uirtūs*, *uulnus*.

⁸ Além das palavras quadrissilábicas citadas nesta seção, ainda há no *corpus* as palavras:

- *balneum* ‘balneário’ < LPC *balineum* < PIt. **balaneom* (Nishimura 2008: 118, 127, 134);
- *cette* (imp. - Plínio, Ênio) ‘dá aqui!’ < LPC **kedte* < PIt. **kedate* (Nishimura 2008: 118; 2009: 123).

No *corpus*, há apenas 13 casos de síncope em palavras dissilábicas⁹, tais como:

- *sacer* ‘sagrado’ < **sakerr* < **sakers* < **sakrs* < LA **SAKROS** (Nishimura 2008: 150);
- *aper* ‘javali’ < **aper-* < **apr-* < PIt. **apro-* (Nishimura 2008: 150).

E três de palavras pentassilábicas:

- *disciplīna* ‘instrução’ < LC *discipulīna* (Nishimura 2008: 119);
- *nuncupāre* (inf.) ‘nomear’ < **nōmicupāre* (Leumann 1977: 97);
- *officium* ‘trabalho’ < LPC **opi-fakiom* (Nishimura 2008: 116).

É possível observar que palavras com três ou quatro sílabas são mais suscetíveis a sofrer síncope vocálica. Curiosamente foram encontrados apenas dois casos de palavras pentassilábicas, o que significa que não é suficiente a palavra ser longa para estar suscetível à síncope.

4. Qualidade das Vogais

Segundo Nishimura (2011: 7), a síncope vocálica em latim parece acontecer com qualquer vogal, desde que seja breve. No entanto, o autor comenta que a perda do *u* é incomum (por algum motivo desconhecido). Para que a síncope ocorra, a vogal passa por um estágio inicial no qual ela se torna **ə* e apenas depois a vogal desaparece. Ou seja, a qualidade da vogal parece não influenciar tanto na ocorrência ou não da síncope, pode-se observar que outros fatores são mais importantes e produtivos.

5. Contraexemplos

A perspectiva diacrônica é imprescindível para que as atestações possam ser realmente identificadas como síncope. Há dois contra-exemplos interessantes que poderiam ser identificados à primeira vista como síncope vocálica, mas que na verdade não o são: é o caso de *pōculum/pōclum* ‘taça’ e *pūblicus* ‘público’/ *populus* ‘povo’.

abdūcō, alter, ampulla, asellus, audēre, calificio, catella, catella, catellus, cistella, concutiō, dexter, expergīscor, ferculum, figlīna, frīgdārium, hortārī, īlignus, iunco, iuxtā, malleus, maxumus, mīsellus, misertus, nouellus, nūper, obiūrgō, offella, ōpiliō, patella, pūrgāre, quīndecim, reccidī, repperī, reppullī, rettullī, sēstertius, sinciput, tegmine, tenellus, uīndecim, ūsurpāre, uīndēmia, uitellus.

⁹ Além das palavras dissilábicas citadas nesta seção, ainda há no *corpus* as palavras: *ars, caper, faber, fers/fert, iūs, mēntis, mors, niger, piger, puer, uafer.*

Podem ser atestadas, mais ou menos na mesma época, as formas *pōclum* e *pōculum*. Seria possível supor *pōculum* > *pōclum*, visto que há ocorrências de síncope vocálica em outras palavras com contextos fonológicos semelhantes, no qual a vogal /u/ está entre uma oclusiva e uma soante (como *discipulīna* > *disciplīna* ‘instrução’). No entanto, segundo Weiss (2009: 69), essa palavra é de origem indo-europeia, o que auxilia na reconstrução do processo: **peh₃-tlom* > **pōtlom* > *pōclum* > com epêntese *pōculum*.

Processo semelhante deve ter ocorrido com *pūblicus/populus*, embora de maneira mais complexa, pois duas raízes existiam ao mesmo tempo: *pūbl-* e *popul-*. De acordo com De Vaan (2008:480), a palavra não tem uma etimologia conhecida, contudo é possível reconstruir a forma do Proto-Itálico, que seria **poplo-*. Podem-se encontrar cognatos no úmbrio, **puplum**, *poplom*, e talvez até **puplu** no etrusco; e as atestações mais antigas em latim seriam *POPLIOSIO* e *POPLICOD*. Apesar de conviverem ao mesmo tempo formas como *populātiō* ‘devastação’ e *populāriter* ‘coloquialmente’, a forma original não teria a vogal medial, ou seja, não se trata de uma síncope, mas de uma epêntese que ocorreu apenas no latim.

Esses contraexemplos servem apenas para ilustrar como a diacronia e a etimologia são importantes para identificar os ambientes fonológicos nos quais a síncope vocálica ocorre em latim. Esses detalhes importantes evidenciam a complexidade do fenômeno na língua latina.

6. Presença de Soantes

Outro aspecto que facilita a queda de vogais mediais é a presença de soantes (nasais e líquidas) próximas a essas vogais (Rix: 1996: 157). Nishimura (2008: 133) também afirma que a queda de vogais nesses contextos resulta em encontros consonantais mais semelhantes aos que já ocorrem na língua.

O *corpus* desta pesquisa corrobora a visão desses autores, pois a presença de soantes é abundante, das 124 palavras que compõem o *corpus* (sem contar casos marcados como analogia – A – e casos marcados como incerto – IN), 73 apresentam soantes antes e/ou depois da vogal sincopada.

Embora não seja imprescindível para a ocorrência da síncope, a alta frequência de soantes indica que esse tipo de ambiente fonológico facilita a ocorrência da síncope vocálica. Outra prova de que a presença de soantes adjacentes a vogais breves é

importante é o fato de isso acontecer em palavras com quantidades de sílabas diferentes e em palavras de diferentes períodos do latim.

6.1. *R_R*

Uma vogal entre duas soantes tende a desaparecer:

- *agellus* ‘campo’ < **agerlo-* < **agrlo-* < Plt. **agre-lo-* (Nishimura 2008: 147, 151; Leumann 1977: 97);
- *expergīscor* ‘acordar’ < **ex-pro-rgīscor*; cf. av. *fra-γrīsamnō* ‘desperto’ (Leumann 1977: 97);
- *ornus* ‘cinzas’ < **orinos* < **osenos* (Schrjiver 1991: 327; Leumann 1977: 96);
- *palma* ‘palma (da mão)’ < Plt. **palamā* < PIE **p_lh₂-meh₂-*; cf. gr. *παλάμη* ‘palma (da mão)’, IrA. *lām* ‘mão’ (Nishimura 2008: 118; Schrjiver 1991:327);
- *pōpulneus* ‘derivado de álamo’ < *pōpuli-*; cf. lat. *pōpulus* ‘árvore de álamo’ (Nishimura 2008: 143-4);
- *uernō* (adv.) ‘primavera’ < LC **uērīnōd* (Nishimura 2008: 126);
- *ulna* ‘antebraço’ < **olnā* < **olenā*; cf. gr. *ὐλένη* ‘antebraço’ (Leumann 1977: 96);
- *uulnus* ‘ferida’ < **uolnos* < **uolenos* (por Leumann 1977: 96).

Os casos de síncope em diminutivos também se encontram nesta categoria, pois a síncope ocorre no sufixo diminutivo *-nelo-, o qual possui duas soantes (ver reconstrução de todos os exemplos do *corpus* no item **13. Diminutivos**). Todos os casos seguem o padrão:

- *catella* ‘corrente leve’ < LPC **katēne-lā*; diminutivo de *catēna* ‘corrente’ (Nishimura 2008: 145-6).

6.2. *R_C*

A presença de uma soante antes da vogal a ser sincopada é frequente, o que leva a crer que essa posição é a que mais auxilia na ocorrência da síncope:

- *antae* ‘pilastras quadradas’ < **anatā-* (Leumann 1977: 97; Weiss 1993: 46);
- *aper* ‘javali’ < **aper-* < **apr-* < Plt. **apro-* (Nishimura 2008: 150);
- *ardus* ‘árido’ < LC *āridus* (Plauto) < Plt. **ās-ē-* ‘estar seco’ (Nishimura 2008: 199; De Vaan 2008: 53);

- *calficiō* ‘aquecer’ < LC **caleficiō* (Leumann 1977: 97; Weiss 2009: 124; Nishimura 2008: 119)¹⁰;
- *caper* (Catulo) ‘bode’ < **caperr* < **capers* < **caprs* < PIt. **kapros* (Nishimura 2008: 150);
- *faber* ‘artesão’ < **faberr* < **fabers* < **fabrs* < PIt. **fabros* (Nishimura 2008: 150);
- *ferculus* ‘bandeja (para alimentos)’ vs *praefericulus*; cf. gr. φαρέτρα ‘aljava’ (Nishimura 118-9:);
- *ferre*, *fers* (do verbo *ferō*) ‘carregar’ < **feresi*, **feres* (Meiser 1998: 224; De Vaan 2008: 213-4)¹¹;
- *forceps* ‘pinça’ < **formkap-* < LPC **formo-kap-* (Nishimura 2008: 117);
- *hortārī* (inf.) ‘exortar’ vs *horitātur*, *horitur* (Leumann 1977: 96);
- *iūrgō*, *obiūrgō* ‘censurar’ < LC **iūrigō* < PIt. **iōus-agō* (Nishimura 2008: 119);
- *lārdī* ‘toucinho’ < *lāridī* (Nishimura 2008: 126)¹²;
- *miser* ‘pobre’ < **miserr* < **misers* < PIt. **miseros* (Leumann 1977: 98);
- *misertus* (part. passado de *miseror*) ‘sentir compaixão’ < *miseritus* (Leumann 1977: 96);
- *niger* ‘preto’ < **nigerr* < **nigers* < **nigrs* < PIt. **nigros* (Nishimura 2008: 150);
- *pergō* ‘continuar’ < LC **perregō* (Nishimura 2008: 124);
- *piger* ‘preguiçoso’ < **pigerr* < **pigers* < **pigrs* < PIt. **pigros* (Nishimura 2008: 150);
- *porgō* ‘esticar-se’ < LC **porrigō* (Nishimura 2008: 124);
- *prīnceps* ‘líder’ < LA **pri(s)mo-kap-s* (Nishimura 2008: 117; Leumann 1977: 96);
- *puer* ‘menino’ < **puerr* < **puers* < PIt. **pueros* (Leumann 1977: 98);
- *pūrgāre* ‘purificar’ < **pūrigāre*; cf. lat. *pūrus* ‘puro’ (Leumann 1977: 98, conjectura feita por Plauto, *Aulularia*, v. 753);
- *purgō* ‘desculpar-se’ < LC **purrigō* (Nishimura 2008: 124);
- *sacer* ‘sagrado’ < **sakerr* < **sakers* < **sakrs* < LA **SAKROS** ; cf. fal. **sacra** (nom., sg., f.) ‘sagrado’, umb. **sacru** (nom., sg., f.) ‘sagrado’, osc. **sakrim** (acs., sg.) ‘sagrado’ (Nishimura 2008: 150; De Vaan 2008: 532);
- *sacerdōs* ‘sacerdote’ < **sakrdōs* < **sakro-dhōt-s*; formas mais antigas: *sacrilegus* ‘sacrilégio’, *sacrificāre* ‘sacrificar’ (Leumann 1977: 97);
- *sinciput* ‘meia-cabeça; bobo’ < **sēmi-caput* < PIt. **sūīno-caput* (Leumann 1977: 97; Nishimura 2008: 124; De Vaan);

¹⁰ Para mais sobre *calficiō*, ver item 15.2..

¹¹ Para mais sobre *ferre*, *fers*, ver item 15.5..

¹² Para mais sobre *lārdī*, ver item 15.8..

- *socer* ‘sogro’ < **socerr* < **socers* < PIt. **soceros*; em Plauto, *socerus* (Leumann 1977: 98);
- *surpiō* ‘roubar’ < **sub-rapiō* (Nishimura 2008: 135);
- *uafer* ‘engenhoso’ < **uaser-* < **uasr-* < PIt. **uasro-* ou **uap-ro-*; cf. lat. *uarius* ‘variado’ (De Vaan 2008: 650);
- *ualdē* (adv.) ‘muito’ < **ualidē* (de *ualidus*); cf. lat. *uarius* (Nishimura 2008: 9; Leumann 1977: 97);
- *uindēmia* ‘coleta de uvas para a produção de vinho’ < **uini-dēmia* < PIt. **uino-dēmos* (Leumann 1977: 97);
- *uirtūs* ‘qualidade viril’ < **uiro-tūs* (Leumann 1977: 96, palavra nos moldes de *serui-tūs* ‘servitude’);
- *undecim* ‘11’ < LPC **oinoz-decem*; cf. gr. ἑνδεκα ‘11’, av. *aēvan-dasa-* ‘11’ (Nishimura 2008: 19, 116; Leumann 1977: 107, 487);
- *ūsurpāre* ‘usurpar’ < **ūsu-rapos* (de *ūsus* + *rapere*); cf. lat. *ūsū-capiō* ‘usucapião’ (Leumann 1977: 97; Nishimura 2008: 19).

6.3. C_R

Não há tantos exemplos para esse ambiente fonológico como existe para o anterior, *R_C*, a maior parte desses casos consiste em palavras com o sufixo *-tero- (ver reconstrução de todos os exemplos do *corpus* no item 9. **Síncope no Sufixo *-tero- > -tro-**), as quais seguem o padrão:

- *citrā* (adv./prep.) ‘desse lado’ < **citr-* < PIt. **citer-*; cf. lat. *citerior* ‘mais perto’ (Leumann 1977: 97).

Além desse tipo de palavra, a síncope ocorre também nesse contexto em:

- *disciplīna* ‘instrução’ < LC *discipulīna* (Nishimura 2008: 119);
- *figlīna* ‘oficina de vasos de argila’ vs LPC *figulus* (Leumann 1977: 96);
- *nōnus* ‘nono’ < **noūenos* (Leumann 1977: 97);
- *pōnō* (Plauto, Catão) ‘colocar’ < **posnō* < PIt. **posinō* (Nishimura 2008: 118, 127, 134; De Vaan 2008: 479);
- *ueclus* ‘velho’ < **uetlus* < **uetulus* (Leumann 1977: 97).

7. *-rVs# > -er#

É frequente a ocorrência de *-rVs > -er em latim (e também em sabélico – ver *Capítulo III: Síncope Vocálica em Sabélico*, item 2.1., ■ *-ros# > -er#), o ideal seria

que fosse possível explicar todos os casos por uma mesma regra, porém o acento tônico e a qualidade da vogal não permitem uma mesma explicação para todos os casos. Basicamente há duas reconstruções possíveis, uma com síncope e outra com metátese.

Nishimura (2008: 149-151) explica o desenvolvimento *-ros# > -er# (com síncope) com a seguinte fórmula: *CrV- > *C^orV > *C^or^V > Cer, e o exemplifica com alguns casos:

- ācer ‘afiado’ < *akerr < *akers < *ak_ɾs < *akris (Nishimura 2008: 149, 151);
- alacer (Ênio) ‘ativo’ < *alakerr < *alakers < *alak_ɾs < *alakris (Nishimura 2008: 149, 151);
- aper ‘javali’ < *aper- < *ap_ɾ- < *apro- (Nishimura 2008: 150);
- caper (Catulo) ‘bode’ < *caperr < *capers < *cap_ɾs < *kapros (Nishimura 2008: 150);
- faber ‘artesão’ < *faberr < *fabers < *fab_ɾs < *fabros (Nishimura 2008: 150);
- hibernus ‘relativo ao inverno’ < *hīberrnos < *hībr_ɾnos < *hībrinos < *g^heimr-ino- (Nishimura 2008: 147);
- imber ‘chuva’ < *emberr < *embers < *emb_ɾs < *embris < *mb^hris (Nishimura 2008: 150);
- integer ‘intocado’ < *entagerr < *entagers < *entag_ɾs < *entagros (Nishimura 2008: 150);
- miser ‘pobre’ < *miserr < *misers < *miseros (Leumann 1977: 98);
- niger ‘preto’ < *nigerr < *nigers < *nig_ɾs < *nigros (Nishimura 2008: 150);
- piger ‘preguiçoso’ < *pigerr < *pigers < *pig_ɾs < *pigros (Nishimura 2008: 150);
- puer ‘menino’ < *puerr < *puers < *pueros (Leumann 1977: 98);
- sacer ‘sagrado’ < *sakerr < *sakers < *sak_ɾs < LA **SAKROS** ; cf. fal. **sacra** (nom., sg., f.) ‘sagrado’, umb. **sacru** (nom., sg., f.) ‘sagrado’, osc. **sakrim** (acs., sg.) ‘sagrado’ (Nishimura 2008: 150; De Vaan 2008: 532);
- socer ‘sogro’ < *socerr < *socers < *soceros; em Plato, *socerus* (Leumann 1977: 98);
- uafer ‘engenhoso’ < *u_ɛaser- < *u_ɛas_ɾ- < Plt. *u_ɛasro- ou *u_ɛap-ro-; cf. lat. *uarius* ‘variado’ (De Vaan 2008: 650).
- uter ‘mangueira de água’ < *ud_ɾs < *udris; cf. gr. ὕδρῖα ‘vasilhame de água’ (Meiser 1998: 123; Untermann 2000: 785).

Quando a vogal da sílaba final no Proto-Itálico tiver sido *o, como em *faber* (< *fabros) e *niger* (< *nigros), é muito provável que tenha ocorrido uma síncope na

história da palavra, pois o *o não se torna *e por desenvolvimento fonológico regular em latim. Portanto, para esses casos, a única explicação viável é a síncope.

Nos casos em que a vogal da sílaba final no Proto-Itálico possa ter sido *i, a situação é diferente, já que tanto uma síncope quanto uma metátese funcionariam bem fonologicamente.

Em latim, a sequência *-Cri- pode facilmente se tornar -er por meio de metátese:

- Plt. *akris > com metátese *akirs > *akirs > *akerr > ācer;
- Plt. *alakris > com metátese *alakirs > *alakers > *alakerr > alacer;
- Plt. *keleris > com metátese *keleirs > *kelers > *kelerr > celer;
- PIE *ǵ^heimr-ino- > *hībrinos > com metátese *hībirnos > hībernus;
- PIE *ǵ^hmb^hris > *embris > com metátese *embirs > *embers > *emberr > imber;
- Plt. *udris > com metátese *utirs > *uters > *uterr > uter¹³.

7.1. -er- em Sílabas Tônicas

Nishimura (2008: 150) cita quatro exemplos de síncope em sílabas tônicas: *cernō* (< Plt. *krinō) ‘distinguir’, *certus* (< Plt. *krito) ‘certo’, *ter* (< Plt. *tris) ‘três vezes’, e *testis* (< *tersti < Plt. *triste-) ‘testemunha’. Mas assim como os exemplos do item 7. *-rVs# > -er#, esses quatro casos permitem duas reconstruções fonologicamente possíveis: uma com síncope, e outra com metátese.

Síncope em uma sílaba tônica é um fenômeno extremamente raro e estranho, pois a síncope tende a ocorrer em sílabas átonas, como já foi mencionado acima. Uma explicação desse tipo seria somente aceitável se não houvesse uma solução alternativa, mas esses quatro casos podem ser explicados de outra maneira, com metátese. Ou seja, é mais óbvio e plausível não considerá-los como casos de síncope.

Com metátese, as reconstruções dessas palavras seriam:

- Plt. *krinō > com metátese *kirno > *kerno > cernō
- Plt. *krito > com metátese *kirto > *kerto > certus
- Plt. *tris > com metátese *tirs > *ters > *terr > ter
- Plt. *triste- > com metátese *tirste- > *terste- > testis¹⁴

¹³ Em latim, *d* antes de *r* se torna *t*, **d* > *t* (Meiser 1998: 123); por isso, **udris* > *uter* e não ***uder*.

¹⁴ Nas sequências *-rst-, *-rsk-, a soantes se perde (Sihler 1995: 221), tal como lat. *tostus* ‘torrado’ < **torstos*. Por isso **terste*- > *testis*.

8. Síncope em Sílabas Fechadas com Coda em -s

Nishimura (2011: 17-8) discute que é possível haver síncope em sílabas fechadas se a coda for em -s, com silabificação -SC(R)-:

- *mīscellus* ‘híbrido’ < LPC **minuscellus* (Nishimura 2008: 139-140; Nishimura 2011: 17).

Silabificação -SC(R)-: **mi.nu.scel.lus*. A sequência de vogais breves em **mīnŭscellus* aponta para o fato de a síncope ter ocorrido em um período mais antigo, provavelmente no Latim Pré-Clássico;

- *sēsqui-* (adv./prep.) ‘1 e ½’ < LPC **sēmī-* (Nishimura 2008: 139-140; Nishimura 2011: 17);
- *sēstertius* (Varrão/Cícero) ‘2 e ½’ < LPC **sēmī-* (Nishimura 2008: 139-140; Nishimura 2011: 17; Leumann 1977: 97).

Diferente de outros exemplos com essa sequência, o termo não apresenta uma sequência de vogais breves.

8.1. Casos Polêmicos

- *fēstra-*, *fē(n)stra* ‘janela’ < LPC *fenestra* (Plauto/Catão) (Nishimura 2008: 137, 140; Nishimura 2011: 17).

Segundo Nishimura, a sequência de vogais breves nas duas sílabas iniciais de *fenestra* aponta para o fato de a síncope ter ocorrido provavelmente no Latim Pré-Clássico. Meiser (2002: 66) concorda com Nishimura e explica que a vogal anterior à sequência -sT(R)- tende a ser sincopada: *fenestram* > *fēnstram*.

Rix (1966: 157), por sua vez, defende que a forma sincopada seria na verdade um empréstimo do etrusco, e que a palavra não teria sofrido síncope dentro do latim.

- *mōnstrum* ‘sinal sobrenatural’ < LPC **monestrum* (Plauto/Catão) (Nishimura 2008: 137, 140; Nishimura 2011: 17).

A sequência de vogais breves em **mōnēstrum* aponta para o fato de a síncope ter ocorrido provavelmente no Latim Pré-Clássico.

Weiss (2010: 395n131) apresenta uma solução mais interessante: lat. *mōnstrum* < **mont-tlom*¹⁵, da raiz **mont-* ‘mostrar’, a única que funciona bem também no cognato sabélico (sobre o desenvolvimento de SP. **múfqlúm**, ver 5. Hipóteses sobre a Síncope

¹⁵ O r em *mōnstrum* parece ser uma analogia em relação a *lūstrum* ‘pântano’ (Vine 1993: 128).

em Sabélico do *Capítulo III: Síncope Vocálica em Sabélico*). Desse modo, não se pode tomar essa palavra como um exemplo de síncope.

9. Síncope no Sufixo *-tero- > -tro-

O sufixo comparativo *-tero- é produtivo em latim, por isso há vários exemplos de palavras com síncope neste contexto:

- *alter* ‘outro’ < **aliter* < Plt. **alitēr(os)*-; cf. osc. **alttrú** (nCm 2a) ‘outro’ (Leumann 1977: 96; Weiss 2009: 285; 1960: 213).

Ernout & Meillet (1959:22-23) argumentam que pode não ter ocorrido síncope na palavra, que a reconstrução mais provável seria **al-tero-* > *alter*. No entanto, a geminação na forma osca **alttrú** sugere que houve alguma vogal, pois caso contrário haveria apenas um *t* na palavra¹⁶. Hoje em dia, a maioria dos estudiosos também apoia a ideia da síncope.

- *citrā* (adv./prep.) ‘desse lado’ < **citr-* < Plt. **citer-*; cf. lat. *citerior* ‘mais perto’ (Leumann 1977: 97);

- *contrā* (adv./prep.) ‘contra’ < **contr-* < Plt. **conter-*; cf. osc. *contrud* (abl., sg., m./n. – Lu 1,11; Lu 1, 17; Lu 1, 25; Lu 1, 33frag.) ‘contra’ (Leumann 1977: 97; Untermann 2000: 417);

- *dexter* ‘direita’ < LPC **deksteros* < Plt. **deksiteros*; cf. osc./umb. *destr-* (VIb 24; VIb 38; Cp 8) ‘direita’, scr. *dākṣina-* ‘direita’, gr. δεξιτερός ‘(para o lado) direito’, mic. *de-ki-si-wo /deksiwos/* ‘(para o lado) direito’ (Nishimura 2008: 19, 116-117, 127, 134; Weiss 2009: 123; De Vaan 2008: 168; 1960: 213);

- *extrā* (adv./prep.) ‘fora de’ < Plt. **extera* (Leumann 1977: 97);

- *infrā* (adv./prep.) ‘abaixo’ < Plt. **infera* (Leumann 1977: 97);

- *retrō* (adv./prep.) ‘atrás’ < **retr-* < Plt. **reter-* (or Leumann 1977: 97);

- *suprā* (adv./prep.) ‘em cima de’ < LPC SUPERA; cf. umb. **subra**, *subra* (prep./adv. – Va 20; VIa 15; VIb 17; VIb 41; VIIa 39; VIIb 3) ‘em cima de’ (Nishimura 2008: 118; Untermann 2000: 706-7);

- *ultrā* (adv./prep.) ‘além’ < **ultr-* < Plt. **ulter-*; cf. lat. *ulterior* ‘mais distante’ (Leumann 1977: 97).

¹⁶ Geminação de consoantes oclusivas após síncope vocálica é frequente em sabélico, isso quando a vogal sincopada não é restaurada por meio de epêntese. Para mais sobre geminação em sabélico, ver Buck (1904: 99-100).

No sabélico, o sufixo **-tero* também é produtivo, mais sobre isso no *Capítulo III: Síncope Vocálica em Sabélico*, item **3.1. Síncope no Sufixo **-tero* > *-tro***.

10. Síncope na Antepenúltima Sílabas em Palavras Quadrissilábicas

Nishimura (2011: 2) afirma que diversas palavras quadrissilábicas que apresentam síncope na antepenúltima sílaba podem ser datadas de uma época pré-literária, anterior à regra de acentuação da penúltima. Essas palavras remontariam ao período do acento inicial tônico e a síncope teria ocorrido na segunda sílaba, a sílaba imediatamente pós-tônica. Se essas palavras seguissem a lei de acentuação da penúltima, a sílaba tônica seria a sílaba que foi sincopada, o que é bastante improvável. A partir dessas evidências, pode-se afirmar que o LA e o LPC possuíam acento inicial tônico.

- *maxumus* ‘máximo’ < LPC **magisomo* < Plt. **mag-isŋmo-*; cf. fal. *maximo* (MF89), *maxom[o]* (MF98) ‘máximo’ (Nishimura 2008: 141; Nishimura 2011:2; De Vaan 2008: 73-4);
- *ōpiliō* ‘pastor’ < **āu-pol-o-* < LPC **āui-pol-o-* < **āui-pol-ó-* < Plt. **ōui-pol-ó-* < PIE **h₂ōui-polh₂-ó* (Nishimura 2011:2; De Vaan 2008: 73-4);
- *reccidī* (perf. de *recidō*) ‘cair para trás’ < LPC **rekekadī* < PIE **-kad-* ‘cair’ (Nishimura 2011:3; Rix 2001A: 318);
- *reppulī* (perf. de *repellō*) ‘repelir’ < LPC **repepalī* < PIE **-pelh₂-* ‘aproximar-se’ (Nishimura 2011:2; Rix 2001A: 470);
- *repperī* (perf. de *reperiō*) ‘descobrir’ < LPC **repeparī* < PIE **perh₃-* ‘fornecer’ (Nishimura 2011:2; Rix 2001A: 474);
- *rettulī* (perf. de *referō*) ‘carregar de volta’ < LPC **retetalī* < PIE **-telh₂-* ‘levantar’; derivativo *extetulisses* (Ênio) ‘colocaste os pés para fora’ (Nishimura 2011:2-3; Rix 2001A: 622);
- *sinciput* ‘meia-cabeça; bobo’ < **sēmi-caput* (Nishimura 2011:2; Leumann 1977: 97);
- *undecim* ‘11’ < LPC **oino-dekem*; cf. gr. ἑνδεκα ‘11’, av. *aēvan-dasa-* ‘11’ (Nishimura 2011:2; Leumann 1997: 107, 487).

11. Síncope em Palavras que seguem a Regra de Acentuação da Penúltima

Mester (1994) defende a tese de que o latim é baseado em troqueus bimoraicos (◡ = breve/breve; ¯ = longa) e que isso explicaria a síncope imediatamente pós-tônica. A síncope pode ser entendida como o desaparecimento de uma vogal que não se adapta ao padrão de troqueus bimoraicos. Portanto, quando uma palavra apresenta a configuração:

... [ǿ̄] ǿ [ǿ̄] ...

A tendência do latim é simplificar a sequência em:

[ǿ̄] [ǿ̄]

E a síncope vocálica é uma maneira de reduzir a palavra (Mester 1994: 38).

Nishimura (2011: 8-10) comenta que a explicação de Mester funciona muito bem para palavras nas quais a acentuação segue a lei da penúltima, mas que ela não serve para palavras do LPC e de períodos anteriores. Ou seja, outros aspectos precisam ser levados em consideração quando se analisa a síncope em períodos diferentes do período clássico (como o acento tônico inicial, aspecto discutido no item anterior, **10. Síncope na Antepenúltima Sílabas em Palavras Quadrissilábicas** deste mesmo capítulo).

Alguns exemplos ilustram devidamente como a prosódia baseada em troqueus bimoraicos pode explicar a síncope:

- *aetās* ‘idade’ < **aeuitās*; cf. lat. *aeuīternus* ‘permanente’ x *aeternus* ‘eterno’ (Nishimura 2011: 9; Nishimura 2008: 119; Mester 1994: 38);
- *frīgdārium* ‘despensa fria’ < **frīgi-* (Nishimura 2011: 9);
- *pergō* ‘continuar’ < **perregō* (Nishimura 2011: 9; Mester 1994: 38);
- *porgō* ‘esticar-se’ < **porrigō* (Nishimura 2011: 9; Mester 1994: 38);
- *purgō* (Plauto) ‘desculpar-se; purificar’ < **purrigō*; cf. lat. *pūrus* ‘puro’ (Leumann 1977: 98; Nishimura 2011: 9; Mester 1994: 38);
- *surgō* ‘levantar’ < **subregō* (Nishimura 2008: 9; Mester 1994: 38);
- (*ob*)*iūrgō* ‘censurar’ < **iūrigō* < **iōus-agō* (Nishimura 2011: 9; Nishimura 2008: 119, 124; Mester 1994: 38);
- *ūdōs* ‘molhado’ < *ūuidōs* (Nishimura 2008: 9; Mester 1994: 38);
- *uernō* (adv.) ‘primavera’ < **uērinōd* (Nishimura 2008: 9).

12. Síncope em Palavras Tri- ou Quadrissilábicas com uma Vogal Longa na Última Sílabas

Como esse tipo de síncope é frequente em sabélico (ver *Capítulo III: Síncope Vocálica em Sabélico*, item 3.2. **Síncope em Palavras Tri- ou Quadrissilábicas com uma Vogal Longa na Última Sílabas**), é interessante verificar se o mesmo ocorre em latim e se alguma conclusão pode ser tirada dessa comparação:

- *aetās* ‘idade’ < LC **aeūtās*, *aeternus* ‘eterno’ < *aeuiternus* ‘permanente’; cf. osc. **aítateís** (gen., sg. – Si 7) ‘idade’ (Nishimura 2008: 119; De Vaan 2008: 29¹⁷);
- *ardus* (Plauto) ‘árido’ < LC *āridus* (Nishimura 2008: 199);
- *audēre* ‘ousar’ < **auid-ē-* (de *auidus* ‘ganancioso’) (Nishimura 2008: 118);
- *iūrgō*, *obiūrgō* ‘censurar’ < LC **iūrigō* < Plt. **iōus-agō* (Nishimura 2008: 119);
- *iūstus* ‘justo’ < LA *ioquestōd*; *iūs* ‘lei’ < **iōuos* < **ieuos* (De Vaan 2008: 316-7);
- *iuxtā* (adv.) ‘perto de’ < Plt. **iūgVstād* (De Vaan 2008: 318);
- *palma* ‘palma (da mão)’ < Plt. **palamā* < PIE **p_hh₂-meh₂-*; cf. gr. *παλάμη* ‘palma da mão’, IrA. *lām* ‘mão’ (Nishimura 2008: 118; Schrijver 1991:327);
- *pergō* ‘continuar’ < LC **perregō* (Nishimura 2008: 124);
- *pōnō* (Plauto, Catão) ‘colocar’ < **posnō* < Plt. **posinō* (Nishimura 2008: 118, 127, 134; De Vaan 2008: 479);
- *porgō* ‘esticar-se’ < LC **porrigō* (Nishimura 2008: 124);
- *praecō* ‘anunciador’ < **praedkō* < Plt. **praidikō* (De Vaan 2008:169);
- *purgō* ‘desculpar-se’ < LC **purrigō* (Nishimura 2008: 124);
- *surgō* ‘levantar’ < LC **subregō* (Nishimura 2008: 124);
- *surpiō* ‘roubar’ < LC **sub-rapiō* (Nishimura 2008: 135);
- *ūdōs* ‘molhado’ < LC **ūuidōs* (Nishimura 2008: 125);
- *ualdē* ‘muito’ < *ūalidē* (de *ualidus*); cf. lat. *ualidus* ‘forte’ (Nishimura 2008: 19; Leumann 1997: 97);
- *uernō* (adv.) ‘primavera’ < LC **uerinōd* (Nishimura 2008: 126);

Conforme Nishimura (2011: 2) explica, em todos esses casos a síncope vocálica parece ter ocorrido quando o acento tônico inicial estava em vigor. Desse modo, todas as vogais sincopadas se encontravam na segunda sílaba de cada palavra, ou seja, na sílaba imediatamente pós-tônica.

¹⁷ De Vaan (2008:29) também apresenta duas etimologias possíveis para a palavra: **ai_uotāt-s* > **aiotas* > com síncope *aetās* ou **ai_uotāt-s* > **aiūtās* > **aiitās* > *aetās*.

13. Diminutivos

São palavras, originalmente quadrissilábicas, com uma sequência de duas vogais breves após a sílaba inicial e tônica, que normalmente perdem a segunda vogal medial breve. 18 casos do *corpus* latino são desse tipo de palavra, prova de que se trata de um processo produtivo para a composição de diminutivos.

- *ampulla* ‘garrafa’ < **amporela*; diminutivo de *amphora* ‘ânfora’; cf. SLo. *ampuḍḍa* ‘garrafa’ (Nishimura 2008: 145; Weiss 2009: 281, 481);
- *asellus* ‘burro’ < **asene-lo*; diminutivo de *asinus* ‘asno’ (Nishimura 2008: 145);
- *auillus* ‘carneirinho’ < **ag^uḡlo* < Plt. **ag^u-nelo-*; derivativos *agniculus*, *agnicellulus*, *agnicellus* ‘carneirinho’ (De Vaan 2008: 30; Ernout & Meillet 1959: 15);
- *catella* ‘corrente leve’ < **katēne-lā*; diminutivo de *catēna* ‘corrente’ (Nishimura 2008: 145-6);
- *catellus* ‘filhote’ < **katēne-lo*; diminutivo de *catullus* ‘jovem animal’; cf. umb. **katlu** (acs., sg. – Ila 18; Ila 20; Ila 29) ‘filhote de cachorro’ (Nishimura 2008: 145; Benediktsson 1960: 238);
- *cistella* ‘caixinha’ < **kistelā*; diminutivo de *cistula* ‘caixa’ (Nishimura 2008: 145);
- *fiscella* ‘cestinha’ < **fiscene-lā*; diminutivo de *fiscina* (< **fiscus*) ‘caixa’ (Nishimura 2008: 145);
- *flagellum* ‘chicote’ < **flagrelo-*; diminutivo de *flagrum* ‘chicote’ (Nishimura 2008: 147);
- *libella* ‘pequena moeda de prata’ < **librelā*; diminutivo de *libra* ‘libra’ (medida de peso) (Nishimura 2008: 147);
- *libellus* ‘livreto’ < **librelo-*; diminutivo de *liber* ‘aquele que tem o *status* de livre’ (Nishimura 2008: 147);
- *macellus* ‘chuva fina’ < **makrelo-*; diminutivo de *macer* ‘magro’ (Nishimura 2008: 147);
- *misellus* ‘pobrezinho’ < **misere-lo/ā-*; diminutivo de *miser* ‘pobre’ (Nishimura 2008: 145);
- *nouellus* ‘jovem’ < **nouele-lo/ā-*; diminutivo de *noyus* ‘jovem’ (Nishimura 2008: 145);
- *ofella* ‘pequeno pedaço de carne’ < **offellā-* < **offele-lā-*; diminutivo de *offula* ‘pedaço de carne’ (Nishimura 2008: 145);

- *patella* ‘pratinho’ < **patane-lā*-; diminutivo de *patina* ‘prato’, ‘panela’; cf. gr. *πατάνη* ‘prato raso’ (Nishimura 2008: 145);
- *sacellus* ‘templo’ < **sakrelo*-; diminutivo de *sacer* ‘sagrado’ (Nishimura 2008: 147);
- *tenellus* ‘macio’ < **tenere-lā*-; diminutivo de *tener* ‘delicado’ (Nishimura 2008: 145);
- *uitellus* ‘vitelo’ < **uitele-lo*-; diminutivo de *uitulus* ‘filhote de animal’; cf. umb. **vitlu**, *uitlu* (acs., sg. – I Ib 21; IIb 24; VIb 43; VIb 45, 16) ‘vitelo’ (Nishimura 2008: 145; Benediktsson 1960: 238).

Nishimura (2008: 146-7) apresenta também diversos casos de analogia a esse tipo de síncope, principalmente em diminutivos trissilábicos que não apresentam uma sequência de duas vogais breves, mas imitam o processo e resultam em formas semelhantes aos diminutivos quadrissilábicos: *bellus* (< **d̥uene-lo*) ‘belo’, *catillus* (< **katīne-lā*-) ‘pequena vasilha’, *corōlla* (< **korōne-lā*) ‘pequena coroa’, *paullus* (< **paure-lo*-) ‘pequeno’, *persōlla* (< **persōne-lā*) ‘mascarazinha’, *pugillus* (< **pugne-lo*-) ‘aquilo que pode ser pego na mão’, *rāllus* (< **rāre-lo*-) ‘simples’, *Sabellus* (< **sabne-lo*-) ‘sabélico’ (cg. lat. *Sabinus* ‘sabino’), *scabillum* (< **scabne-lo*-) ‘banquinho’, *suillum* (< **suīre-lā*-) ‘referente a porcos’, *tigillum* (< **tigne-lo*-) ‘pequena viga (de madeira)’; *uillum* (< **uitele-lo*-) ‘pequena porção de vinho’; *ūllus* (< **oīne-lo*-) ‘qualquer um’.

14. Outros Casos de Síncope Não-Imediatamente Pós-Tônica

De acordo com Nishimura (2008:143-4), vogais não-acentuadas que não são imediatamente pós-tônicas também estão sujeitas a sofrer síncope, e a presença de aproximantes (soantes) parece auxiliar o processo. Segundo o autor, essas palavras podem ser reconstruídas como:

- *colurnus* ‘de avelã’ < com metátese **corulnus* < **korelnos* < **korelinos* < **koselinos*; cf. lat. *corilus* ‘aveleira’;
- *Falernus* ‘falernio’ < **falerinos* < **falisinos*; cf. lat. *Faliscus* ‘um tipo de salsicha; de Falerii’;
- *ueternus* ‘estado mórbido de torpor’ < **ueterinos* < **uetusinos*.

Conforme se pode observar pelos casos de síncope dos itens anteriores, o mais comum é que a síncope vocálica ocorra em sílabas imediatamente pós-tônicas. Isso apenas não ocorre em casos especiais, como em diminutivos (por exemplo, **kistele-lā* > *cistella*) e em palavras com quatro ou mais sílabas no período em que a acentuação da Penúltima estava em vigor (por exemplo, *discipulīna* > *disciplīna*). Portanto, o ideal é

buscar outra explicação plausível para casos de síncope em vogal não-imediatamente pós-tônica.

Ainda que partamos do pressuposto de que as formas proto-italicas sugeridas por Nishimura estejam corretas (2008: 143-4), isso não significa necessariamente que sejam casos de síncope em sílaba não-imediatamente pós-tônica. É possível explicar a forma por meio de síncope na segunda sílaba e metátese posterior:

- **falisinós* > **falerinos* > com síncope **falrinos* > com metátese **falirnos* > **falernos* > *Falernus*;
- **uet-es-ino* > **uet-er-ino* > com síncope **uetrino* > com metátese **uetirno* > **ueterno-* > *ueternus*;
- **koselinós* > **korelinós* > com síncope **korlinós* > com metátese **kolrinos* > **kolrunos* > com metátese *colurnus*.

O mesmo processo pode ser utilizado para analisar a palavra *ilignus*, a qual é analisada normalmente com uma síncope na penúltima sílaba:

- *ilignus* ‘feito de azinheira ou da sua madeira’ < **iliknos* < **ilik-inos* (De Vaan 2008:298).

É possível propor uma reconstrução semelhante à de *Falernus*, *ueternus*, e *colurnus*, uma reconstrução com síncope na antepenúltima sílaba e metátese posterior:

- **ilikinos* > com síncope **ilkinos* > com metátese **iliknos* > *ilignus*.

15. Caso Polêmicos

15.1. *adūlor* ‘adular’

Muitos autores tentaram encontrar uma forma nominal que explicasse a etimologia de *adūlor*. Uma das hipóteses mais frequente é relacionar a palavra ao scr. *vālah*, *vārah* ‘pelo da cauda’, dentre os que defendem essa solução estão Ernout & Meillet (1959: 9-10) e Walde & Hoffmann (1954: 14). No entanto, De Vaan (2008: 25) explica que o *ū* longo de *adūlāre* não pode ser explicado por meio dessa etimologia, pois o scr. *vālah* remontaria a uma raiz *aniṭ*, algo que não existe no latim.

A solução proposta por Meiser (1998: 186), na qual *adūlor* teria se originado a partir de uma forma verbal **ūlere* ou **aulere*, também não sustenta de acordo com De Vaan (2007: 142). Para que essa hipótese funcionasse, seria necessário uma raiz indo-europeia com uma laringal no final, algo como **ūlH-* ou **aulH-*, e não há evidências de que uma raiz assim tenha existido.

Segundo De Vaan (2007: 142-4), a melhor etimologia seria correlacionar *adūlāre* com *avidus* ‘ávido’: **ad-auidos* > com síncope **ad-audos* > *adūdos* > *adūlos*.

15.2. *calficiō* ‘aquecer’

Weiss (2009: 124) e Nishimura (2008: 19, 119) propõem a reconstrução **kalē-faciō* > *calefaciō* > com síncope *calficiō*. O único problema nessa proposta seria a mudança de *ē* > *e*, essencial para que a síncope possa ocorrer. Weiss explica tal fenômeno como abreviamento jâmbico, uma mudança de longa para breve por motivos poéticos.

Para Mester (1994: 11), o abreviamento jâmbico seria prova de como funciona o latim baseado em troqueus bimoraicos. Uma mudança

[ōō]wa > [ōō]wa

tornaria a palavra mais palatável na língua. O autor explica que o abreviamento não seria motivados pelo fato de que a sequência breve-longa não caberia no metro poético, mas seriam motivados pelo fato do latim ser prosodicamente baseado em troqueus bimoraicos¹⁸.

15.3. *culmus* ‘caule’

Existe uma polêmica sobre se houve síncope nessa palavra ou não. Nussbaum (1997:196-197) comenta a possibilidade da reconstrução: PIE **kolh₂-mo-* ‘caule’ > PIt. **kolamos* > com síncope **kolmos* > *culmus*, mas também menciona que talvez a laringal *h₂* nunca tenha sido vocalizada, pois está entre soantes depois de um grau /o/, e que talvez não tenha ocorrido síncope.

Schrijver (1991:327) também defende a hipótese de que a laringal não tenha sido vocalizada, mas utiliza o argumento de que normalmente a síncope não ocorre em palavras trissílabas com uma vogal breve em uma sílaba final. Ainda que sua conclusão possa estar certa, o argumento que Schrijver utiliza para defendê-la é falso (prova disso, é o exemplo: **kedate* > *cette* (imp.) ‘dá aqui!’).

De Vaan (2008:150) menciona os cognatos gr. κάλαμος ‘vegetação’ e rus. *solóma* ‘caule’, nos quais existe uma vogal na sílaba medial. No entanto, no latim a

¹⁸ Para mais sobre abreviamento jâmbico, ver Adiego Lajara (1999). Para mais sobre o esquema rítmico do latim e suas limitações, ver Garnier (2012).

situação é um pouco diferente, pois se trata de uma palavra de grau -o. De qualquer modo, parece difícil escolher uma hipótese em detrimento de outra.

15.4. *cunctus* ‘todo; inteiro’

Ernout & Meillet (1959: 157) afirmam que os latinos explicavam a etimologia de *cunctī* (pl. de *cunctus*) como proveniente de *co-iunctī*. Porém, essa etimologia não se sustenta fonologicamente. Segundo os autores, parece mais coerente que a etimologia seja *con-citos* (de *cieō* ‘mover’). Leumann (1977: 217) defende a mesma hipótese de Ernout & Meillet: *con-citus* (de *con-cieō*) > com síncope *cūnctī*, *cūnctārī*.

Apenas De Vaan (2008: 154) coloca em dúvida a existência de uma síncope nessa forma. Ele afirma que não é comum síncope em temas em -o- e, por isso, a forma parece ser uma analogia. Contudo, a explicação de De Vaan não convence, pois a vogal em *cunctus* não está entre soantes como no caso de *culmus* ‘caule’ e isso torna a primeira hipótese (com síncope) mais plausível.¹⁹

15.5. *ferre, ferrem, fert, fers* do verbo *ferō* ‘carregar’

Pode-se observar síncope em todas as formas do verbo *ferō* (< PIt. **fere/o* < PIE **b^her-e/o*) que possuem uma vogal medial ou final breve (de Vaan 2008:213-4):

fers (2^a sg., pres., ind.) < **feres*;

fert (3^a sg., pres., ind.) < **feret* ;

fertis (2^a pl., pres., ind.) < **feretis*;

ferre (inf.) < **feresi*;

ferrem (subj., impf.) < **fererem* < **feresem* (exemplo dado por Meiser 1998: 224).

Visto que os casos de síncope são muitos nas formas desse verbo, provavelmente se trata de síncope regular no paradigma do verbo.

No sabélico também se pode encontrar um cognato de *ferō*, umb. *fertu* (imp. – VIb 50; VIb 50). Benediktsson (1960: 165) classifica a palavra na categoria de síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba, ou seja, como um caso evidente de síncope (**feretōd* > *fertu*). Contudo, não há como saber se o

¹⁹ Ainda que não seja uma etimologia aceita pela maioria dos estudiosos, vale a pena citar Sihler (1995: 145) apenas por curiosidade: o autor relaciona *cunctus* ao hit. *pa-na-ku-uš* ‘todo, senado’, de tema r/n; a partir dessa palavra, poder-se-ia reconstruir a forma **ponk^wu-*. Nessa perspectiva, a palavra úmbria **puntes** pode ser reinterpretada como ‘todos’, em vez de ‘grupos de cinco’.

verbo era temático ou atemático em sabélico, pois não se sabe o suficiente sobre o verbo. No latim, a ocorrência da síncope é bem fundamentada, mas no sabélico não há como ter certeza se houve síncope ou não.

15.6. *hālō* ‘emitir fragrância’

Aparentemente, a síncope teria ocorrido nessa palavra na passagem do Proto-Itálico > Latim Antigo.

Schrijver (1991:44) afirma que ocorreram dois desenvolvimentos diferentes a partir de uma mesma raiz:

PIE **h₂enh₁-sl-* > **anslā-* > com síncope *anslā*

PIE **h₂nh₁-sl-* > **nēslā-* > *aneslā* (sob a influência de **anslā-*)

Segundo Schrijver, depois disso o segundo desenvolvimento foi contaminado pelo primeiro. E o *h-* parece ter sido inserido posteriormente, por pura caracterização ou por analogia a *hiāre* ‘bocejar’.

Weiss (2009: 177) apresenta uma explicação semelhante à de Schrijver. O estudioso explica que *-Vnsl-* > *Ṽl* e que, portanto, **an-an-slō* ‘eu estou ofegante’ > **an-enslō* > *an(h)ēlō* (de *(h)ālō*), cujo cognato seria scr. *ániti* ‘respirar’.

15.7. *Herclēs* ‘Hércules’

A etimologia mais comum do nome do herói Hércules é a com síncope: **Hēracles* > com síncope *Herclēs* (Leumann 1977: 96).

Rix (1966: 157), por outro lado, defende que a forma sincopada *Herclēs* tenha sido um empréstimo do etrusco. É plausível pensar em um empréstimo, pois a forma etrusca **hercle** é frequente nas inscrições.

Aparentemente, palavra também sofre síncope no sabélico, ver item **3.8.9. Osc. herekleís** (gen., sg. – Cm 1A11; Cm 1A24; Cm B4; Cm B6) ‘Hércules’ do *Capítulo III: Síncope Vocálica em Sabélico*.

15.8. *īmus* ‘parte mais baixa’

Parece haver um consenso de que *īmus* tenha passado por um processo de formação semelhante ao de *summus* (a partir de *superus* – ver item **15.11 summus** ‘o mais alto’ neste mesmo capítulo). Ernout & Meillet (1959: 311), Meiser (1998: 152) e Walde & Hoffmann (1954:685) afirmam que *īmus* teria vindo de *inferus*, ou seja: **inf-*

mo > *īmus*. Enquanto isso, a forma concorrente *īnfīmus* refletiria um estado anterior da língua, na qual formas sincopadas e não-sincopadas ainda convivessem.

Apesar de a forma latina ser um bom caso de síncope, há um problema com a forma cognata osca *imad* (abl., sg., f. – Po 1), como bem apontam Ernout & Meillet (1959: 311). O /i/ inicial não se explica em osco, a menos que se entenda como um empréstimo do latim. Untermann (2000: 341) chega inclusive a duvidar se a forma osca *imad* é cognata de *īmus*, e se é correto pensar que *īmus* foi construído no mesmo molde que *summus*.

15.9. *lārdī* ‘toucinho’

Nishimura (2008: 126) apresenta a reconstrução *lāridī* > *lārdī*, como um exemplo comum de síncope medial. Contudo De Vaan (2008:327-328) menciona outras etimologias possíveis: **lajēs-idos*, que resultaria normalmente em **laeridus* (Meiser: 1998: 88); ou proveniente do adjetivo *λᾱρῖνος* ‘gordura’, que poderia ter sua origem em *λᾱρός* ‘delicioso’. Ainda assim, a hipótese de Nishimura parece mais sensata e simples.

15.10. *occa* ‘rastelo’

De Vaan (2008:423) apresenta duas etimologias diferentes para a palavra: 1) Hipótese de Hirt (1916:230), na qual Plt. **oketa* > **okita* > **otika* > com síncope **otka* > *occa*; 2) Empréstimo de algum dialeto itálico: **oketa-* > **okta-* > *occa*.

Independentemente de qual hipótese é mais plausível, as duas possuem síncope no seu desenvolvimento: **oCVCa-* > **okta-* (ou **otka-*) > *occa*.

15.11. *summus* ‘o mais alto’

De Vaan (2008: 600) descreve dois desenvolvimentos possíveis a partir da etimologia PIE **(h₂)up-m(H)o-* > Plt. **sup(a)mo-*. Resta a dúvida se existia /a/ na raiz itálica ou não, ou seja, se a melhor reconstrução seria 1) **supamo-* > com síncope **summo-* > *summus*, ou 2) **sup-mo-* > **summo-* > *summus*.

Os cognatos itálicos, umb. **sume** (loc., sg. – IIa 15; III 1) e *somo* (abl., sg., m. – VIa 9), também não ajudam nesse quesito, visto que há a mesma dúvida para eles.

16. Hipóteses sobre a Síncope em Latim

Como já foi mencionado anteriormente, a maioria dos estudiosos não analisa a síncope em latim de modo detalhado e se limita a citar exemplos. Os autores mais citados neste capítulo procuram fazer algo diferente, eles tentam identificar as características que levam a ocorrência da síncope.

Rix (1966: 156-7) estabelece algumas regras básicas para a sua ocorrência: 1) a síncope deve ocorrer em vogais breves (também ocorre em vogais que não foram originalmente breves); 2) a síncope deve ocorrer em sílabas abertas; 3) deve ocorrer em uma vogal antecederida por uma consoante.

Leumann (1977: 95) define síncope como o desaparecimento de uma vogal breve entre consoantes e aponta a presença de soantes como um fator agravante. Porém, como a síncope ocorre em praticamente todos os períodos históricos do latim, desde o Latim Antigo ao Latim Vulgar, o autor afirma ser impossível delimitar condições sólidas para a sua ocorrência.

De fato, o *corpus* desta pesquisa e a análise dos dados corroboram a perspectiva de Leumann: não é possível delimitar regras fonológicas específicas para a ocorrência da síncope vocálica. Apenas podem-se observar fatores que contribuem para que o fenômeno ocorra, mas mesmo que todos os fatores agravantes estejam em vigor, ainda assim é possível que não sejam suficientes e que não ocorra síncope. Dessa forma, não se pode falar em regras fonológicas, mas apenas em características facilitadoras.

Meiser (1998: 66-7), por sua vez, explica que a síncope vocálica já acontecia na língua latina desde o séc. VI ou V a. C. e também reitera a importância da presença das soantes, entre outros comentários. Weiss (2009: 122-4) procura identificar alguns ambientes fonológicos, mas apenas conclui que a síncope deve acontecer em sílabas breves, abertas e átonas.

A questão da importância de a sílaba ser aberta é explicada claramente por Sen (2012: 468), ele argumenta que vogais em sílabas abertas tendem a sofrer redução porque possuem uma duração menor que as vogais em sílabas fechadas. Desse modo, sílabas abertas são mais suscetíveis tanto ao enfraquecimento vocálico quanto à síncope.

Mester (1994) e Garnier (2012) procuram explicar a síncope vocálica com base na estrutura rítmica da língua latina. Mester (1994: 11-2) parte do pressuposto de que o latim é metricamente baseado em troqueus bimoraicos e que qualquer sequência fora dos padrões tenderia a ser simplificada para caber em troqueus bimoraicos. Assim, a síncope em sílabas imediatamente pós-tônicas poderia ser explicada como o desaparecimento de uma vogal presa (no original em inglês, *trapping deletion*). Garnier

(2012: 235-6) também defende que o latim tem uma limitação rítmica na prosódia, e que a síncope funciona como uma ferramenta que auxiliaria as palavras a entrarem no esquema rítmico ideal. Segundo ele (2012: 238), a síncope seguiria um esquema bem estabelecido: 1) enfraquecimento vocálico; 2) síncope; 3) simplificação do encontro consonantal.

A explicação de Mester funciona bem para palavras do período literário do latim, mas não serve para palavras do LPC e de períodos anteriores, como Nishimura (2001: 8-10) bem afirma.

Nishimura (2008, 2011) é um dos poucos estudiosos que se propôs a analisar a síncope vocálica em latim de maneira sistemática. O autor executa sua análise dividindo os exemplos por períodos: Latim Pré-Literário (LPL), Latim Pré-Clássico (LPC) e Latim Clássico (LC). Esse tipo de divisão ajuda a solucionar o problema mencionado por Leumann (1977: 95), de que a síncope funciona de forma diferente em cada período histórico. No LPL e no LPC, a explicação de um sistema rítmico específico não soluciona os casos de síncope. Uma das conclusões que Nishimura (2011: 32-3) retira de sua análise é que o acento tônico inicial é a principal característica facilitadora da síncope nesses períodos mais antigos. Apesar da divisão de períodos de Nishimura possuir nomes ligeiramente diferentes dos empregados nesta pesquisa, isso não afeta os resultados, o período denominado Latim Pré-Literário equivale ao Latim Antigo (LA) que é utilizado aqui.

17. Conclusões Parciais

Por meio da análise de mais de uma centena de palavras latinas com síncope, foi possível observar que alguns fatores facilitam a ocorrência dessa mudança fonológica. O acento tônico aparece como primeiro aspecto a ser considerado, pois todos os casos do *corpus* (sem contar incertos e analogias) apresentam síncope em uma sílaba pós-tônica, imediatamente pós-tônica ou não. No entanto, o fato de existir uma vogal breve em uma sílaba átona após uma sílaba tônica não é fator suficiente para que haja síncope vocálica.

Todo o ambiente fonológico de cada palavra precisa ser levado em consideração; a presença de soantes também facilita a queda de vogais mediais, ou seja, quando há uma soante antes ou depois da vogal que sumirá (especialmente antes).

A quantidade de sílabas em uma palavra também é uma característica importante, normalmente palavras quadrissilábicas e trissilábicas são mais propensas a

passar por essa mudança fonológica. Mas também são atestados 18 casos de síncope em palavras dissilábicas e três em palavras pentassilábicas.

A qualidade das vogais parece ser menos importante que os fatores citados acima, pois todas as vogais latinas podem sofrer síncope, embora a queda do /u/ seja incomum.

Apesar de ser possível identificar alguns fatores que facilitam a ocorrência da síncope vocálica, ainda não é possível relacionar os dados encontrados cronologicamente. Na maioria dos casos, a mudança fonológica ocorre já dentro do latim, normalmente do LA e LPC para o LC, pois há exemplos que possuem atestações tanto sem quanto com síncope (como *āridus* x *ārdus*).

O esquema rítmico baseado em troqueus bimoraicos, apresentado por Mester (1994), explica bem a síncope no LC. Por outro lado, o acento tônico inicial parece ser mais importante para casos de síncope durante o LA e LPC (Nishimura 2011).

A comparação da síncope em latim com o fenômeno em sabélico também auxiliou na análise, ainda que a síncope funcione de formas diferentes em cada língua. No próximo capítulo, essas relações serão explicitadas.

CAPÍTULO III: SÍNCOPE VOCÁLICA EM SABÉLICO

1. Sabélico

Pode-se observar que a síncope ocorria de forma sistemática em sabélico. Diferentes regras eram aplicadas a cada um dos dois tipos de síncope vocálica que se podem identificar: a síncope em sílabas mediais afetava basicamente qualquer vogal breve em uma sílaba aberta, enquanto a síncope em sílabas finais ocorria em ambientes fonológicos mais restritos.

Como a síncope ocorria sempre em sabélico, muitas palavras acabavam com sequências consoantais estranhas e, por causa disso, pode-se ver que vários desses casos apresentam uma vogal epentética após a síncope. É possível observar que se trata de síncope seguida de epêntese quando a qualidade da vogal de uma palavra é diferente da sua etimologia. Esse é o caso, por exemplo, da palavra **djekelo-* > **djeklom* > com epêntese osc. *zicolom* ‘dia’ (Benediktsson 1960: 239)²⁰.

Os exemplos retirados do sabélico para efetuar a análise se restringem essencialmente ao osco e ao úmbrio, mas também há alguns casos do piceno meridional e do pelígio.

A notação das ocorrências das palavras sabélicas segue o livro de Rix (2002), que é a edição mais completa e confiável de textos sabélicos da atualidade. Rix marca os textos com a abreviação do nome do local da origem provável da inscrição, com o número da inscrição e/ou com a linha da inscrição. Por exemplo: *Lu 1, 17* equivale à inscrição da Lucania número 1, linha 17; *III 24* equivale ao terceiro texto das *Tábuas Iguvínias* (único texto que não possui abreviação de local), linha 24. Quando a inscrição for fragmentada e não há certeza absoluta da grafia da palavra, haverá a abreviação *frag.* após a notação de ocorrência, como em *Po 12frag*.

A edição de Crawford et al. (2011), que possui imagens de praticamente todas as inscrições sabélicas, foi apenas utilizada quando a edição de Rix (2002) apontava dúvidas quanto a alguma palavra ou letra.

2. Síncope em Sílabas Finais

²⁰ Para mais sobre osc. *zicolom* ver o item 3.6. **Síncope em Diminutivos** deste mesmo capítulo e as notas 32 e 33 referentes ao mesmo item.

Esse tipo de mudança fonológica é provavelmente pré-histórico em sabélico, tal como Benediktsson (1960: 258), Meiser (1986: 61) e outros defendem. Mesmo em piceno meridional, no qual se podem encontrar as mais antigas inscrições sabélicas, há alguns bons exemplos, como **údiíns** (AP 5) < Plt. *-nos (significado desconhecido), **efidans** (nom., sg. – AP 5) < Plt. *-nos ‘Efidano’ (cognome ou epíteto).

Esse tipo de síncope ocorria apenas em dois ambientes fonológicos: $V > \emptyset / _s\#$; e $o > \emptyset / i\grave{u}_m\#$.

2.1. $V > \emptyset / _s\#$

■ *-CVs# > -Cs#:

▪ *-fVs# > *-fs# > -(s)s#²¹

▪ umb. **ah̥tis-per** (dat./abl., pl. + prep. **per** – III 24; III 29) ‘atos’ < Plt. *aktifos (Benediktsson 1960: 222);

▪ umb. **avis**, **aves**, **au̥eis** (dat./abl., pl.) ‘aves’ < *aui̥ss < *aui̥fs < Plt. *aui̥fos (Benediktsson 1960: 222);

▪ umb. **berus** (abl., pl. – IIa 23; IIa 35) ‘estacas’ < *-uss < *-ufs < Plt. *-ufos (Benediktsson 1960: 222);

▪ umb. **fratrus** (dat./abl., pl. – Vb 8; Vb 13; VIIb 1) ‘irmãos’ < *fratruss < *fratrufs < Plt. *fratrufos (Benediktsson 1960: 222);

▪ umb. **homonus** (dat./abl., pl. – Vb 10; Vb 15) ‘homens’ < *homonuss < *homonufs < Plt. *homonufos (Benediktsson 1960: 222);

▪ umb. **iouies** (dat./abl., pl. – VIb 62; VIIa 23; VIIa 14; VIIa 28; VIIa 50; VM 4frag.) ‘rapazes’ < *-ēss < *-ēfs < Plt. *-ēfos; cf. lat. *iuuenis* ‘jovens’ (Benediktsson 1960: 222);

▪ umb. **karnus** (dat./abl., pl. – IV 7) ‘partes’ < *karnuss < *karnufs < Plt. *karnufos (Benediktsson 1960: 222);

▪ umb. **sacris** (dat./abl., pl. – VIb 52; VIb 56) ‘vítimas sacrificiais’ < *sakriss < *sakrifs < Plt. *sakrifos (Benediktsson 1960: 222);

▪ osc. **teremn̥íss** (dat./abl., pl. – Cm 1A14) ‘limites territoriais’ < *termn̥íss < *termen-i-fs < Plt. *termen-i-fos (Benediktsson 1960: 223, 272);

²¹ Todos os exemplos citados a partir deste ponto se encontram no **Anexo II: Corpus de Palavras Sabélicas** com suas respectivas referências e análise detalhada.

▪ umb. *tris* (dat./abl., pl. – III 18; III 18) ‘três’ < **triss* < **trifs* < PIt. **trifos* (Benediktsson 1960: 222).

O resultado da síncope na sequência **-CVs#* são duas consoantes em uma posição final, o que nem sempre é aceito pelo sabélico. Quando a primeira consoante é a fricativa *f*, o resultado é sempre uma assimilação regressiva: **-fVs#* > **-fs#* > *-(s)s#*. Depois da assimilação, há uma degeminação da consoante dupla, na maioria dos casos: *-ss#* > *-s#*; somente no exemplo osc. **teremníss** a dupla consoante foi preservada.

- **-RVs#* > **-Rs#* > *-R(s)#*
- osc. **Aukíl** (nom., sg. – Cm 10) ‘Aquila’ (sobrenome) < **-ill* < **-ils* < PIt. **-ilos* (Buck 1904: 116);
- osc. *censtur* (nom., pl. – Lu 1,18; Lu 1,20; Lu 1,28; Lu 1, 29) ‘censores’ < **-tōr* < **-tōrs* < PIt. **-tōres* (Benediktsson 1960: 219);
- pg. *famel* (nom., sg. – Pg 11) ‘escravo’ < **famell* < **famels* < PIt. **famelos*; cf. lat. *famulus* ‘escravo’ (Benediktsson 1960: 216);
- umb. *frater, frat(e)er* (nom., pl. – Vb 11; II 5; Va 1; Va 14; Va 22; Vb 16) ‘irmãos’ < **frāterr* < **frāters* < PIt. **frāteres*; cf. scr. *bhrātara-* ‘irmão’ (Benediktsson 1960: 218);
- umb. **katel** (nom., sg. – IIa 43) ‘filhote de cachorro’ < **katell* < **katels* < PIt. **katelos*; cf. lat. *catulus* ‘filhote de cachorro’ (Benediktsson 1960: 216);
- osc. **Mutil** (nom., sg. – nPg 2; nPg 3; nPg 5; nPg 6a; nPg 6b) ‘Mutilo’ (cognome) < **-ill* < **-ils* < PIt. **-ilos* (Buck 1904: 116);
- osc. **Paakul** (nom., sg. – Cm 7) ‘Paculo’ (nome próprio) < *Paakuls* < PIt. **-ulos* (Buck 1904: 116);
- umb. **tiçel** (nom., sg. – IIa 15) ‘oferenda’ < **dikell* < **dikels* < PIt. **dikelos* (Benediktsson 1960: 216);
- osc. **úpvals** (nom., sg. – Cp 2) ‘Upfalo’ (nome próprio) < PIt. **upfalos* (Benediktsson 1960: 216).

Quando a primeira consoante da sequência é uma soantes, *l* ou *r*, o resultado normalmente é uma assimilação progressiva seguida de uma simplificação da dupla consoante: **-RVs#* > **-Rs#* > **-RR#* > *-R#*.

O caso do osc. **úpvals** é curioso por ser o único que não apresenta assimilação das consoantes finais após a síncope. A sequência *-ls#* pode indicar uma estágio intermediário, no qual a síncope já teria ocorrido, mas a assimilação ainda não teria

acontecido. Infelizmente, não é possível datar a inscrição com segurança, o que dificulta a corroboração dessa hipótese.

- $*-\underline{I}Vs\# > -\underline{I}s\#$
- osc. *fortis* (nom./acs., sg. – Lu 1,12) ‘mais forte’ < **fortiis* < **fortijos* (com epêntese) < Plt. **fort-ijos*; cf. lat. *fortius* ‘mais forte’ (Benediktsson 1960: 217);
- osc/pg. *lúvkis* (nom., sg. – Cp 36,7; Fr 6; nPg 7; Sa 24; Cm 2frag.; M 10frag.; Po 39frag.) ‘Lúcio’ < Plt. **loukijos* (Meiser 1986: 60);
- osc. *pústiris* (nom./acs., sg. – Sa 4) ‘posterior’ < Plt. **posterijos*; cf. lat. *posterius* ‘posterior’ (Benediktsson 1960: 217);
- osc. *salaus*, $\sigma\alpha\lambda\alpha F\sigma$ (nom., sg. – MV 7; MV 8; MV 8frag.) ‘salvo’ < Plt. **salaquos* (Benediktsson 1960: 216);

Quando a primeira consoante da sequência é um glide, $\underline{y}$ ou $\underline{j}$, não há assimilação entre as duas consoantes finais após a síncope, ou seja: $*-\underline{I}Vs\# > -\underline{I}s\#$.

- $*-KV s\# > -Ks\#$
- umb. *fratreks* (nom., sg. – Va 23; Vb 1; VIIb 1) ‘relativo a irmãos’ < Plt. **frātrikos* (Benediktsson 1960: 215; Meiser 1986: 59);
- osc. *húrz* (nom., sg. – Sa 1B23) ‘bosque’ < Plt. **xortos*; cf. lat. *hortus* ‘jardim’ (Meiser 1986: 59);
- umb. *mers*, *meřs* (nom./acs., sg. – Ib 18; Ib 18; VIb 31; VIb 55; VIb 55) ‘lei’ < Plt. **medos* (Benediktsson 1960: 217; Weiss 2010: 419);
- osc. *puz* (conj. – Cm 1A17; Po39) ‘que’ < Plt. **pu-tVs* < PIE **k^uuti-s*; cf. lat. *ut* ‘que’ (Untermann 2000: 628);
- umb. *tačez*, *tases*, *tasis* (part. pass. – Ia 26; Ib 26; Ib 30; Ib 32; Ib 44; IIa 39; IV 27; VIa 55; VIa 59; VIb 2; VIb 4; VIb 20; VIb 44; VIb 46; VIIa 7; VIIa 42; VIIa 54) ‘tácito’ < Plt. **taketos* (Benediktsson 1960: 216);
- osc. *túvtiks* (nom., sg. – Cm 10; Sa 5frag.; Po 5; Po 6; Po 7; Sa 7; Sa 9; Sa 10; Sa 12; Sa 21; S 28) ‘público’ < Plt. **toutikos* (Benediktsson 1960: 216);
- umb. *uas* (nom./acs., sg. – VIa 28; VIa 38; VIa 48; VIb 30) ‘vício’ < Plt. **uakos* (Benediktsson 1960: 217);

Quando a primeira consoante da sequência é uma oclusiva, t ou k ou d , não há assimilação entre as duas consoantes finais após a síncope, ou seja: $*-KV s\# > -Ks\#$. A

grafia da palavra pode variar dependendo do alfabeto utilizado, mas isso não significa que a fonologia também varie.

O umb. **taçez**, *tases*, *tasis* é um bom caso para exemplificar a questão da grafia, provavelmente trata-se da mesma palavra /*tasetz*/ escrita de formas diferentes. A primeira forma está grafada em alfabeto epicórico úmbrio, no qual sequências de dupla consoantes são normalmente grafadas e a letra < **ç** > funciona como símbolo para /*s/. As duas últimas formas estão grafadas em alfabeto latino, no qual duplas consoantes não são sempre marcadas.

O caso do umb. *uas* é semelhante ao de **taçez**, *tases*, *tasis*; é provável que o *k* existisse fonologicamente, mas que não foi marcado na escrita. É uma hipótese plausível pensar que o *k* simplesmente não foi grafado e que a palavra segue o padrão dos demais casos (*-KV_s# > -K_s#). No entanto, como não há outras formas da palavra nem outros cognatos, não se pode ter certeza se houve ou não assimilação nas consoantes finais.

Benediktsson (1960: 219-222) leva em consideração a classe morfológica desses exemplos de síncope: nominativo plural masculino e feminino de temas terminados em consoantes: *-es > -s; dativo / ablativo plural de temas em -i, -u, -e e em consoante: *-fos > *-fs > -s(s), entre outros.

■ *-nV_s# > -ns#:

- osc. **aadirans** (nom., sg. – Po 3) ‘Adirano’ (gentílico) < Plt. *-anos (Benediktsson 1960: 216);
- osc. *bantins* (nom., sg. – Lu 1,19) ‘Bantino’ (cidadão de Banto) < Plt. **bantīnos* (Meiser 1986: 59);
- osc. **humuns** (nom., pl. – Cp 37,9) ‘homens’ < Plt. **homones* (Benediktsson 1960: 219; Weiss 2009: 205, 468²²);
- umb. **pelsans** (gerundivo – Ila 43) ‘a ser enterrado’ < Plt. **pelsandos* (Benediktsson 1960: 216; Weiss 2009: 443);
- osc. **Perkens** (nom., sg. – Cm 6) ‘Perceno’ (nome próprio) < Plt. **perkenos* (Benediktsson 1960: 216);

²² Segundo Weiss (em comunicação pessoal), a inscrição na qual se encontra a forma osc. **humuns** não apresenta letras modificadas, ou seja, não há distinção entre vogais longas e breves. O mais provável é que o /o/ medial seja uma vogal breve, assim como a forma dat./abl. pl. *homonus*.

▪ osc. **Púmpaiians** (nom., sg. – Po 53frag.) ‘Pompeiano’ < Plt. **púmpaiianos* (Benediktsson 1960: 216; apesar de a palavra estar fragmentada na inscrição, a terminação *-ns* foi preservada e por isso o caso pode servir como exemplo).

Sempre que há *-ns#* em sabélico, pode-se ter certeza de que houve uma síncope: *-nVs#* > *-ns#* (Buck 1904: 73); pois **-ns#* original > umb. *-f*, tal como umb. **vitluf** (acs., sg. – Ib 1; Ib 4) ‘vitelo’ < **-ns* e umb. **klavlaf** (acs., pl. – IIa 33) ‘estacas’ < **-ns*. O *n* é a um dos poucos fonemas que antecede uma vogal sincopada em sílaba final que pode não sofrer assimilação, ou seja, nunca se torna *s*. Como foi visto acima, além do *s*, as oclusivas tampouco sofrem assimilação (por exemplo, umb. **fratreks** e osc. **húrz**) e tampouco o *l* no curioso caso do osc. **úpvals**.

■ **-ros#* > *-er#* (em dissílabo):

▪ umb. **ager** (nom., sg. – Um 10) ‘campo’ < **agers* < **agrs* < Plt. **agros*, cf. PM *akren* ‘campo’ (Benediktsson 1960: 216; Meiser 1986: 59; Untermann 2000: 77).

No caso do sabélico, há apenas uma forma que se encaixa claramente na categoria **-ros#* > *-er#*. Optou-se por dar certa ênfase a esse caso porque é possível ver o mesmo desenvolvimento em latim, (ver o item 7. **-rVs#* > *-er#* do *Capítulo II: Síncope Vocálica em Latim*).

Basicamente há duas reconstruções possíveis, uma com síncope e outra com metátese. No caso de *ager*, é provável que realmente se trate de uma síncope: **agros* > *agrs* > *agers* > *ager*. Não pode ser uma metátese porque a vogal *o* não se torna *e* por desenvolvimento fonológico regular, e para que seja um nominativo singular, a vogal reconstruída precisa ser **o*.

Em termos de leis fonológicas, não há diferenças substanciais entre as três variantes desse tipo de síncope em sílabas finais: para que a síncope ocorra, basta que haja uma vogal breve seguida de /s/ na última sílaba. Os exemplos foram separados para que seja mais fácil visualizá-los e constatar que de fato não há diferença substancial entre eles. E a profusão de exemplos aponta para o fato de que esse tipo de síncope era produtivo.

2.1.1. Casos Polêmicos

Depois desses exemplos claros de síncope em sílabas finais, é necessário discutir alguns exemplos não tão claros. Trata-se de casos de etimologias incertas, de empréstimos, significado desconhecido, entre outros.

2.1.1.1. Umb. *Atiersir*²³ (Vb 8; Vb 14) ‘Atierse’ (gentílico ou nome de uma fraternidade)

Benediktsson (1960: 216, 268) interpreta a forma umb. *Atiersir* como um nominativo singular e propõe a seguinte reconstrução: Plt. **atijedjos* > *Atiersir*, com síncope.

É uma reconstrução atraente, porém Vetter (1953: 226-7) analisa os contextos nos quais a palavra aparece (Vb 8; Vb 14) e trata a palavra como um dativo plural. Os dois contextos são praticamente iguais:

Vb8: *dirsa. herti. fratus. atiersir. posti. acnu. farer.*

Tradução de Vetter para o latim: *dent oportet fratribus Atiediis quotannis farris.*

Atiersir parece concordar com *fratus*, não apenas pela proximidade sintática, mas também porque se trata de um gentílico ou epíteto, os quais não costumam aparecer sem um substantivo. Além disso, o verbo *dirsa* (3ª sg., pres.) ‘dar’ costuma vir acompanhado de um dativo, dá-se algo a alguém; neste caso, dá-se *acnu farer* (acs., pl.) ‘cereais anuais’ a *fratus* (que somente pode ser um dativo plural) ‘irmãos’.

Ou seja, é mais provável *Atiersir* seja um dativo plural e que não tenha havido síncope neste caso.

2.1.1.2. Osc. *ceus* (nom., sg. – Lu 1, 19) ‘cidadão’

A palavra osc. *ceus* poderia ser um exemplode síncope, uma vez que apresentaria o desaparecimento da vogal /i/, conforme a proposta de reconstrução de Benediktsson (1960: 218). O autor propõe Plt. **keiuis* > *ceus*, forma que seria cognata do lat. *cūis*.

Porém, essa forma mais parece um empréstimo da palavra latina, pois no latim **ei* > *e* > *ī* e isso seria escrito no osco como < *e* >. Se a forma tivesse realmente surgido de **keiuis*, o resultado seria ***ceius*, já que o osco não monotonga ditongos.

2.1.1.3. Umb. *emps* (part. pass. – Um 10) ‘comprado’

²³ Em úmbrio, d intervocálico aparece como < *rs* > (alfabeto latino) ou < *ř* > (alfabeto epicórico). Para mais sobre isso, ver Buck (1904: 82-3).

Caso semelhante ao anterior acontece com umb. *emps*, para o qual a proposta de reconstrução de Benediktsson (1960: 216) é Plt. **emtos > *emts > emps*²⁴.

É mais provável que se trate de um empréstimo do latim *emptiō* ‘comprar’²⁵. A síncope na forma osca demonstra uma tentativa aproximar o som da palavra à fonologia do osco, imitando um fenômeno que talvez já não estivesse mais em vigor na língua. Talvez o fenômeno não estivesse mais presente no osco porque a inscrição data de um período no qual a síncope não ocorria mais no úmbrio.

2.1.1.4. Osc. *ligis* (dat./abl., pl. – Lu 1, 25) ‘leis’

O caso do osc. *ligis* é mais complicado que os anteriores, pois duas proposições parecem igualmente possíveis: 1) Plt. **legifos >* com síncope *ligis* (Benediktsson 1960: 222), e 2) empréstimo do lat. *legis* (dat./abl., pl.) ‘leis’²⁶. Não há evidências suficientes para que se possa escolher uma opção em detrimento da outra.

2.1.1.5. Umb. *ocar*, *ukar* (nom., sg. – VIb 46) ‘cidade’

A palavra umb. *ocar*, **ukar** tem um histórico polêmico. Rix (2000:224-8) defende que a melhor tradução para o termo neste contexto é ‘cidade’, e desde então esse significado é aceito de forma praticamente unânime. A polêmica gira em torno da sua etimologia. Meiser (1986: 59) e de Vaan (2008: 424) defendem a etimologia tradicional de que umb. *ocar* possui a mesma raiz do lat. *ocris* ‘montanha’, ou seja, **okris > ocar*. O significado ‘cidade’ teria se originado a partir do primeiro sentido: ‘montanha’ → ‘cidade no topo da montanha’ → ‘cidade’.

Weiss (2012: 337-8), por outro lado, argumenta que a hipótese **okris > *okrs > ocar* não seria o desenvolvimento esperado, pois **r* não se tornaria *-ar* em úmbrio, mas *-er*. Prova disso, seria o desenvolvimento **agros > ager* e **-tro > -ter*. Visto que a etimologia tradicional não se sustenta, Weiss propõe outra explicação: o umb. *ocar* seria cognato do IrA. *ochair* ‘fronteira’, e o desenvolvimento em sabélico seria **okaris > ocar*, **ukar**. Weiss (2012: 338) argumenta que o significado ‘fronteira’ do cognato do irlandês antigo é semanticamente mais próximo do sentido de ‘cidade’.

Semanticamente as duas hipóteses são possíveis, pois no contexto (VIb 46) a melhor tradução para a palavra seria realmente ‘cidade’, conforme Rix (2000:224-8)

²⁴ Em ambientes com nasal seguida de *s*, há epêntese do *p* entre as duas consoantes.

²⁵ Sugestão de Weiss em comunicação pessoal.

²⁶ Possibilidade levantada por Weiss em comunicação pessoal.

defende. A explicação fonológica realmente impossibilita a solução tradicional, pois não há exemplos em qualquer língua itálica de que **r* se torna *-ar*. Desse modo, a hipótese de umb. *ocar* como cognato de Ir.A. *ochair* se torna bem atraente.

2.1.1.6. Umb. *pacer* (nom., sg. – VIa 23; VIa 30; VIa 33; VIa 40; VIa 42; VIa; VIa 50; VIa 52; VIb 7; VIb 11; VIb 13; VIb 26; VIb 32; VIb 34; VIIa 14; VIIa 17; VIIa 31; VIIa 50) ‘propício’

É frequente a ocorrência de **-rVs# > -er#* em sabélico (e também em latim); o ideal seria que fosse possível explicar todos os casos por uma mesma regra, porém é inevitável observar que nem todos os casos funcionam da mesma maneira. Há dois principais desenvolvimentos possíveis para essa situação, um com síncope: **pakris > *pakrs > *pakr > pacer*, e outro com metátese: **pakris > pakirs > pakers > pacer*. A visão tradicional, como a de Benediktsson (1960: 218) e Weiss (2010: 281), argumenta que se trata de uma síncope verdadeira, porém não é tão fácil descartar a possibilidade de uma metátese, pois fonologicamente é tão possível quanto uma síncope.

Neste caso, é mais plausível supor que houve apenas uma metátese, pois na sequência *-Cri-* não é estranho que *-i-* > *-e-* (**akris > com metátese *akirs > *akirs > *akerr > lat. ācer* ‘afiado’, **alakris > com metátese *alakirs > *alakers > *alakerr > lat. alacer* ‘ativo’). Para mais casos no latim, ver item 7. **-rVs# > -er#* do *Capítulo II: Síncope Vocálica em Latim*.

2.2. *o > ø / ü m#*²⁷

- umb. **aṛkani** (nom./acs., sg. – IV 28) ‘canto ritual’ < **-kanijom* (Meiser 1986: 60);
- umb. **duti** (nom./acs., sg., n. – VIb 63) ‘segunda vez’ < **dutijom* (Meiser 1986: 60; Untermann 2000: 193);
- umb. **kazi** ‘nó cego’ (acs., sg. – III 16; III 18) < **kates-ijom* (Meiser 1986: 60; Weiss 2012: 127);
- osc. *medicim* (nom./acs., sg., n. – Lu 1, 30; Lu 1, 31frag.; Lu 1, 33) ‘aquele que trabalha como *medix*’, ‘*praetor*’ < **medodik-ijom* (Meiser 1986: 60; Weiss 2009: 238);

²⁷ Algumas palavras desta subseção apresentam duas síncopes, uma síncope em sílaba medial e outra em sílaba final, e serão analisadas como dupla síncope no item 4. **Síncope em Sílabas Mediais e Finais na Mesma Palavra** neste mesmo capítulo. Por enquanto, as palavras umb. **kazi**, osc. *medicim*, osc. *memnin*, osc. **πακFηισ**, **pakkuiis**, pg. *praicime* serão analisadas apenas em relação a síncope em sílaba final.

- osc. *memnin* (nom./acs., sg., n. – Cp 36) ‘monumento’ < **memen-ijom* (Buck 1904: 184; Meiser 1986: 60);
- osc. *pakim* (acs., sg. – Cp 37, 3; Cp 37, 10) ‘Paco’ < **pākijom* (Meiser 1986: 59);
- osc. **πακFηis**, **pakkuiis** (acs., sg. – Lu 40; Si 19) ‘Paco’ (gentílico) < **pākouiis* < **pākouijos*; cf. lat. *Pacuuius* ‘Paco’ (Meiser 1986: 60; Benediktsson 1960: 264);
- pg. *praicime* (acs., sg. + prep. *en* – Pg 9) ‘reino’ < **praidikim* < **praidikijom* (Meiser 1986: 60);
- osc. *safinim*²⁸ (nom./acs., sg., n. – nPg 2; Sa 4) ‘Safino’ < **safnijom* (Meiser 1986: 60; Benediktsson 1960: 229);
- umb. **tehteřim** (nom./acs., sg., n. – IV 20) ‘teto’ < **tektel-ijom* (Weiss 2010: 124; Benediktsson 1960: 229);
- umb. **terti** (nom./acs., sg., n. – IIa 28) ‘terceiro’ **trit-ijom* (Meiser 1986: 60; Untermann 2000: 749).

Benediktsson (1960: 229) explica que a síncope também pode ocorrer em sabélico antes de outras consoantes além de /s/, no entanto há apenas exemplos nos quais *o* > $\emptyset$ / *i* _m#. Benediktsson (1960: 229) cita exemplos do neutro nom./acs. sg. e do masculino acs. sg em temas em -*io*, mas esse tipo de síncope se encontra na categoria *V* > $\emptyset$ / _s#.

Além disso, o autor (1960: 229) defende que a síncope acontece no sufixo *-*jom*, o que parece estranho, uma vez que o sufixo *-*ios* em Proto-Indo-Europeu é raro em ambientes diferentes de **med^hios* > gr. μέσος ‘meio’. Meiser (1986: 63) e Nishimura (2008: 182-3) argumentam ser mais provável que o sufixo seja *-*ijom*, um sufixo bem mais frequente.

3. Síncope em Sílabas Mediais

A síncope em sílabas mediais é mais complexa do que em sílabas finais, mas também é possível estabelecer algumas regras para a sua ocorrência. Se houver uma vogal breve em uma sílaba medial aberta, há uma grande chance de que a vogal desapareça, mas é necessário analisar os contextos para se chegar a uma conclusão mais específica.

3.1. Síncope no Sufixo *-tero- > -tro-

²⁸ Palavra com epêntese de /i/ após síncope.

O sufixo construtivo **-tero-* é produtivo em sabélico, por isso há vários exemplos de palavras com síncope nesse contexto:

- osc. **alttrú** (nCm 2a) ‘outro’ < **altero-* < PIIt. **alitēro-*; cf. lat. *alter* ‘outro’ (Benediktsson 1960: 213; duas síncopes mediais);
- osc. *contrud* (abl., sg., m./n. – Lu 1, 11; Lu 1, 17; Lu 1, 25; Lu 1, 33frag.) ‘contra’ < **kom-tero-*; cf. lat. *contrā* ‘contra’ (Untermann 2000: 417);
- osc./umb. *destr-* (VIb 24; VIb 38; Cp 8) ‘direita’ < **destero-* < PIIt. **deksi-tero-*; cf. lat. *dexter* ‘direita’ (Benediktsson 1960: 213; Untermann 2000: 170);
- osc. *entraí* (dat., sg. – Sa 1A8; Sa B10) ‘Entere’ (nome próprio ou epíteto) - < PIIt. **enterāi-*; cf. lat. *interior* ‘interior’, scr. *ántara-* ‘interior’ (Benediktsson 1960: 241);
- umb. **etre** (acs., sg. – IIb 2; IIb 3; IIb 3; IIb 4; IIb 4; IIb 5; IIb 6; IIb 6; IIb 14), **etru** (abl., sg. – VIa 35; VIa 38; VIa 43) ‘outro’ < PIIt. **e-tero-*; cf. lat. *cētērus* ‘outro’, av. *atāra-* ‘este (entre dois)’ (Untermann 2000: 242-3; De Vann 2008: 112);
- umb. **hutra** (nom./acs., pl. + prep. *a* – Ib 42), umb. *hondra* (nom./acs., pl. + prep. *a* – VIa 15; VIIa 52), osc. **huntru** (nom./acs., pl. – Cp 37, 11; Cp 37, 11frag.) ‘inferiores’ < PIIt. **hontero-*; cf. lat. *humus* ‘terra’ (Benediktsson 1960: 213; Untermann 2000: 331);
- umb. **mestru** (gen., sg., f. – Va 24; Va 27; Vb 4) ‘maior’ < PIIt. **maisterā* (Benediktsson 1960: 213);
- umb. **nertru** (abl., sg. – VIb 25), umb. *nertruco*, **nertruku** (abl., sg. – VIb 37; VIb 39; Ia 32), osc. **nertrak** (abl., sg. – Po 39; Po 39 frag.) ‘esquerda’ < PIIt. **nertero-*; cf. gr. (ἐ)νέριος ‘parte mais baixa’ (Benediktsson 1960: 24, 244);
- umb. **pretra** (acs., pl., f. – Vb 12) ‘primeiras’ < PIIt. **praitero-* (Buck 1904: 184; Benediktsson 1960: 24, 241);
- pg. *pritrone* (acs., sg., n. + prep. *en* – Pg 9) ‘anterior’ < PIIt. **pritero-* (Benediktsson 1960: 241; Untermann 2000: 580);
- osc. **pústrei**, **pustrei** (loc., sg. – Cp 9; Cp 33; Cp 34frag.) ‘posterior’ < PIIt. **posterei-*; cf. lat. *posterus* ‘posterior’ (Benediktsson 1960: 241);
- umb. **putres-pe** (gen., sg. – IV 14) ‘um entre dois’ < PIIt. **potero-*; cf. gr. πότερος ‘qual? (entre dois)’ (Untermann 2000: 625).

No latim, o sufixo **-tero* também é produtivo, para mais sobre síncope no sufixo latino, ver *Capítulo II: Síncope Vocálica em Latim*, item 9. **Síncope no Sufixo **-tero-* > *-tro-***.

3.2. Síncope em Formas Tri- ou Quadrissilábicas com uma Vogal Longa na Terceira Sílaba

Benediktsson (1960: 164-207) separa esses casos porque são produtivos.

- osc. *actud* (imp. – Lu 1, 15) ‘age!’ < PIt. **agetōd*; cf. lat. *agitō* ‘agir’ (Meiser 1986: 130; Nishimura 2008: 1);
- osc. **Aderl** (nCm 2a) ‘Adrola’ (cidade osca na região da Campanha) < PIt. **adrolā* (Meiser 1986: 132: -CRVC- > -C_ṛC- > -CeRC- e uma apócope do /a/ na forma final; Benediktsson 1960: 198);
- osc. **akkatus** (nom., pl. – Cm 14) ‘invocado’ < **adkāto-* < **adokāto-* < PIt. **aduokāto-* (Benediktsson 1960: 189; Buck 1904: 58);
- osc. **alttrú** (nCm 2a) ‘outro’ < **altero-* < PIt. **alitēro-*; cf. lat. *alter* ‘outro’ (Benediktsson 1960: 213; duas síncope mediais);
- osc. **amfret** (3^a pl., pres., ind. – Cm 1B19/20) ‘eles cercam’ < PIt. **amferēnt*; (proposta de reconstrução e tradução por Benediktsson 1960: 189);
- umb. *ander-sistu* (imp. com prep. *ander* – VIa 6) ‘senta-te! (entre)’; cf. lat. *sidō* (< PIE **sed-*) ‘sentar’ < PIt. **sizdetōd*; (Benediktsson 1960: 174; Buck 1904: 75);
- umb. **a(n)-stintu** (imp. – III 18; III 19; III 20) ‘aproxima-te’ < PIt. **-stingetōd*²⁹; cf. lat. *īnstīgāre*; PIE **steig-* ‘aproximar-se’ (Benediktsson 1960: 178; Meiser 1986: 82);
- osc. **dadid** (3^a pl., subj., perf. – Cp 37, 4) ‘teria dado’ < PIt. **dād-dētet* (Benediktsson 1960: 189)³⁰;
- umb. *esono* (acs., sg./ nom., pl. – VIa 57; VIb 47), **esunu** (nom., sg., n. – Ib 8; Ib 9; Ib 38; IIa 2; IIa 2frag.; IIa 20; IIa 21; IIa 42; III 1; III 14; IV 30) ‘divino’ < **aizzono-* < PIt. **ais-es-ōno-* (Buck 1904: 74; Untermann 200: 238-40, PIt. **ais-* ‘Deus’);
- umb. *dirstu* (3^a sg., imp. – VIb 17; VIb 38; VIb 38; VIb 39; VIIa 5), **teřtu** (3^a sg., imp. – IIa 40; IIa 40; IV 28) ‘dê!’ < *diratod* < PIt. **didatōd* (Benediktsson 1960: 189).

É necessário ter em mente que em úmbrio, **VdV > VrV* (grafado como < rs > em alfabeto latino e < ř > em alfabeto epicórico). Esse exemplo prova que a mudança do /d/ intervocálico ocorreu antes da síncope em sílaba medial.

- osc. *factud* (imp. – Lu 1, 19) ‘faze!’ < PIt. **pakitōd*; cf. lat. *faciō* ‘fazer’ (Benediktsson 1960: 178);

²⁹ No umb. **a(n)-stintu**, *-ngt-* é grafado como < nt >, o g é omitido na grafia.

³⁰ A reconstrução parece bem correta, mas é impossível saber se a forma seria /dadid/ ou /daddid/, pois essa inscrição em particular, na qual a palavra aparece, não explicita consoantes geminadas na escrita.

- pg. *fertlid* (abl., sg. – Pg 9) ‘fértil’ < Plt. **fertelīd*; cf. lat. *fertilis* ‘fértil’ (Benediktsson 1960: 1259);
- umb. **fiktu** /finktu/ (imp. – Ia 28) ‘molda!’ < Plt. **fingerōd*; cf. lat. *fingerē* ‘moldar’ (Benediktsson 1960: 182; Untermann 2000: 284);
- osc. **fruktatiuf** (nom., sg. – Cm 1A21) ‘uso’ < Plt. **fruge-tation* (Benediktsson 1960: 185);
- umb. **ha(h)tu** (imp. – IIa 22; Ib 11) ‘toma!’ < Plt. **habitōd*; (Meiser 1986: 126; Benediktsson 1960: 189);
- umb. **kartu** (3^asg., imp. – IIa 23) ‘distribui! (?)’ < **karVtōd* (Benediktsson 1960: 164, mas a hipótese de tradução não é segura);
- osc. **Kerri** (dat., sg. – Sa 1A3; Sa 1B7), **Keri** (dat., sg. – Cp 37 A1; Cp 37 A3; Cp 37 A12; Cp 37 B) ‘Ceres’ < Plt. **keresē*; cf. lat. *Ceres* ‘Ceres’ (Benediktsson 1960: 166);
- umb. **klavlaf** (acs., pl. – IIa 33) ‘estacas’ < Plt. **klaŷelā-*; cf. lat. *clāua* ‘clava’; (Benediktsson 1960: 172; Buck 1904: 331);
- umb. **ku-maltu** (prep. *kom* + imp. – IIa 9/10; IIa 41; IV 28) ‘tritura!’ < Plt. **-maletōd*; cf. lat. *molō* ‘moer’ (Benediktsson 1960: 171);
- osc. *Niumsieís*³¹ (gen., sg. – Cm 6; Cm 9frag.; Cp 21 frag.; Si 11frag.; Si 12 frag.), νῦμσδιησ³² (gen., sg. – Me 1; Me 2) ‘Número’ (nome próprio ou epíteto) < **numsedjeis* < **Plt. *numasēdjeis*; cf. lat. *Numerius* ‘Número’ (Benediktsson 1960: 215);
- osc. **Núvlanam** (acs., sg., f. – Cm 1B29) ‘Nolano’ (habitante de Nola) < Plt. **-nouelān-* (Benediktsson 1960: 173);
- umb. *perca(m)* (acs., sg. – VIa 19; VIb 49; VIb 50; VIb 51; VIb 63; VIIa 46; VIIa 51; VIb 53), **perkaf** (acs., pl. – Ib 15) ‘haste’ < Plt. **pertikām* (Benediktsson 1960: 175);
- umb. **sestu** (imp. – IIb 22; IIb 24) ‘derruba!’ < **sis-sth₂-tōd* (Benediktsson 1960: 173);
- osc. **sverrunēi** (dat., sg. – Cm 1A2) ‘pensamento’ < **Plt. *sueresōnei* (Benediktsson 1960: 166; Buck 1904: 63);
- umb. **teitu** (imp. – IIa 26; IIb 7; IIb 25; III 9; III 25), *deitu* (imp. – VIb 56; VIb 63; VIb 64; VIb 65; VIIa 1; VIIa 20; VIIa 51) ‘dize!’ < **deittōd* < **deiktōd* < Plt. **deiketōd*; cf. lat. *dicō* ‘dizer’ (Benediktsson 1960: 178);

³¹ Palatalização na palavra osc. *Niumsieís*: /nu-/ > /niu-/.

³² Assimilação e simplificação da sequência /sd/ > **ss* > /s/ na palavra osc. *Niumsieís*, enquanto a forma osc. νῦμσδιησ mantém a sequência /sd/.

- umb. **termnas** (part. pass., nom., sg., m. – Um 10) ‘delimitar’ < **termnā-* < Plt. **termenā-* (Benediktsson 1960: 173);
- umb. **umtu** (imp. – IIa 38; IV 13) ‘unge!’ < Plt. **on-g^uetōd-*; cf. lat. *unguō* ‘ungir’ (Benediktsson 1960: 185);
- umb. **veltu** (imp. – IV 21) ‘deseja!’ < Plt. **ueletōd* (Benediktsson 1960: 171);
- umb. **vetu** (imp. – Ib 29; Ib 37) ‘divide!’ < **uehtōd* < **ueiftōd* < **ueifetōd* < Plt. **ueipetōd*; cf. lat. *dīuidō* ‘dividir’, scr. *vidhyati* ‘dividir’ (Benediktsson 1960: 176);
- umb. **uernasier, uernasiaru** (gen., pl., f. – III 3; Va 2; Va 15) (nome de um mês, embora seja difícil definir qual) < Plt. **ordenāsjaais* (Benediktsson 1960: 175; Weiss 2010: 58-9).

3.3. Síncope em Formas Trissilábicas com uma Vogal Breve na Terceira Sílaba

- umb. **funtlere** (abl., pl. – Ib 24), *fondlire* (abl., pl. – VIIa 3) ‘Fontelo’ (nome de um local) < Plt. **fontelo-*; cf. lat. *fōns* ‘fonte’ (Untermann 2000: 301; Buck 1904: 184; Benediktsson 1960: 238);
- umb. **menzne** (abl., sg. – IIa 17) ‘mês’ < Plt. **mens-en-*; cf. lat. *mensum* (gen., pl.) ‘mês’ (Weiss 2009: 314; Benediktsson 1960: 272);
- umb. *mersto*³³ (acs., sg., m. – VIa 3; VIa 4; VIa 4; VIa 16; VIa 18; VIa 18) ‘justo’ < Plt. **medes-to-* (Benediktsson 1960: 59; Weiss 2010: 68);
- osc. **numneís** (gen., sg. – Sa 17) ‘nome’ < Plt. **nomen-eis*; cf. lat. *nōminis* ‘nome’ (Benediktsson 1960: 272);
- umb. *pelmner* (gen., sg. – Vb 12; Vb 17) ‘carne’ < Plt. **pelpmen-eis*; cf. lat. *pulpa* ‘carne’ (Benediktsson 1960: 272);
- umb. **teřte** (3^a sg., pres., pass. – IIa 40; IIa 40; IV 28frag.) ‘é dado’ < Plt. **didater* (Benediktsson 1960: 237);
- umb. **tiçlu** (acs./abl., sg. – IIb 22; III 25; III 27) ‘oferenda’ < Plt. **dikelom* (Benediktsson 1960: 238);
- osc. **uincter** (3^a sg., pres., pass. – Lu 1, 21) ‘ser convencido’ < Plt. **uinketer* (Benediktsson 1960: 237);
- umb. **umne** (abl., sg. – IIa 38) ‘óleo para ungir’ < Plt. **ong^ueni* (Benediktsson 1960: 272);
- osc. **úpsed** (3^a sg., perf. – Cp 2) ‘fez’ < Plt. **opesed* (Benediktsson 1960: 237);

³³ **VdV* > *VrV* (grafado como < *rs* > em alfabeto latino).

3.4. Síncope Regular em Casos Oblíquos

Benediktsson (1960: 256): Paradigmas nos quais ocorre síncope medial regular apenas nos casos oblíquos.

- umb. **Serfer** (gen., sg. – VIIa 3; VIb 57; VIb 58; VIIa 6; VIIa 9; VIIa 10; VIIa 11; VIIa 13; VIIa 15; VIIa 18; VIIa 19; VIIa 20; VIIa 21; VIIa 22; VIIa 24; VIIa 25; VIIa 27; VIIa 29; VIIa 29; VIIa 32; VIIa 33; VIIa 33; VIIa 34; VIIa 35; VIIa 36; VIIa 41) ‘Ceres’ < Plt. **kereseis*; cf. lat. *Ceres* ‘Ceres’ (Benediktsson 1960: 256);
- umb. **termnome** (dat./abl., pl. – VIIb 57; VIb 63; VIb 64) ‘limites territoriais’ < Plt. **terminom*; cf. lat. *terminus* ‘marco (de um limite territorial)’ (Benediktsson 1960: 256);
- umb. **ufestne** (dat./abl., pl. – IV 22) ‘vasos’ < Plt. **op-festVno-* (Benediktsson 1960: 256; Buck 1904: 86);
- umb. **uze** (loc., sg. – IIb 27; IIb 28), *onze* (loc., sg. – VIb 50) ‘ombro’ < Plt. **omesei*; cf. lat. *umerus* (< **omeso-*) ‘ombro’, véd. *ám̐sa-* ‘ombro’ (Benediktsson 1960: 256; Weiss 2009: 140).

3.5. Síncope em uma Sequência de Duas Vogais Breves em Sílabas Mediais

Benediktsson (1960: 215): Síncope em formas quadrissilábicas com uma sequência de duas vogais breves nas sílabas mediais. As duas vogais podem sofrer síncope se forem abertas; no caso de ambas desaparecerem, é esperado que a vogal da segunda sílaba seja sincopada antes da vogal da terceira sílaba.

- osc. **medíkeis** (gen., sg. – Po 1) ‘aquele que trabalha como *medix*’, ‘praetor’ < Plt. **medo-diks* (Buck 1904: 58, 135)³⁴;
- osc. **mi(n)streis** (gen., sg. – Lu 1, 12; Lu 1, 18; Lu 1, 27; Lu 1, 35) ‘menor’ < **minstereis* < Plt. **ministereis*; cf. lat. *minister* (adv.) ‘menor’ (Buck 1904: 58, 135);
- umb. **pupřces** (IV 26; IV 24; IV 4; III 27; III 35; IV 10frag.; IV 12; IV 11; IV 13) (epíteto) < **pupřic-** < Plt. **popedik-* (Benediktsson 1960: 211; Untermann 2000: 609-10);
- umb. **stru(h)çla** (acs., sg. – III 34; IIa 18; IIa 28; IV 4; IIa 41; IV 1) ‘massa assada’ < **strukelām* < Plt. **struyekelā* (Benediktsson 1960: 211);
- umb. **sumtu** (imp. – Ia 9; Ia 16) ‘apreende!’ < **summetod* < **submetōd* < Plt. **supemetōd* (ou **subemetōd*) (Benediktsson 1960: 212; Untermann 2000: 220);

³⁴ Segundo Weiss (2009: 238), a formação de **meddiks** seria: **med-* ‘lei’ + **dik-* ‘dizer’.

▪ umb. **tribřicu**, (nom., sg. – Va 9), *tribrisine* (abl. sg. – VIa 54) ‘três em número’ < Plt. **tri-pedikjo* (Benediktsson 1960: 213);

Apesar das pequenas diferenças na escrita das diversas formas de **pupřces**, pode-se constatar que todas elas sofreram síncope: **popedik-* > **pupřk-**, **pupřç-**; mesmo que haja uma forma com apenas uma síncope: **popedik-* > **pupřikes**. A existência de ambas as formas **pupřces** / **pupřikes** corroboram a cronologia proposta por Benediktsson (1960: 215), de que quando as duas vogais mediais desaparecem em palavras quadrissilábicas, a vogal da segunda sílaba é sincopada antes da vogal da terceira sílaba. A forma **pupřikes** sugere um período intermediário, no qual a segunda síncope ainda não acontece.

Meiser (1986: 130) sugere outra etimologia para o umb. **tribřicu**: **tri-plek-kjiō* > **tri-plekjo* > **tribřicu**. O problema dessa hipótese é que ela propõe o desaparecimento da vogal na terceira sílaba antes do desaparecimento da vogal na segunda sílaba, o que não costuma acontecer em sabélico.

3.6. Diminutivos

No latim, o sufixo diminutivo Plt. *-elo- pode ser encontrado em diversas palavras, tais como *cistella* ‘caixinha’ < **kistele-lā-* e *tenellus* ‘macio’ < **tenere-lā* (ver item 13. Diminutivos no Capítulo III: Síncope Vocálica em Latim). No sabélico, esse sufixo não é tão produtivo quanto no latim, mas ainda assim existem casos de diminutivo com síncope vocálica.

▪ umb. **katlu** (acs., sg. – IIa 18; IIa 20; IIa 29) ‘filhote de cachorro’ < Plt. **katelo-*; cf. lat. *catellus* ‘filhote de cachorro’ (Benediktsson 1960: 238);

▪ umb. **stru(h)çla** (acs., sg. – III 34; IIa 18; IIa 28; IV 4; IIa 41; IV 1) ‘massa assada’ < **strukelām* < Plt. **struęekelā* (Benediktsson 1960: 211);

▪ umb. **veskla** (acs., pl. – IIa) ‘vasilhas’ < Plt. **ueskelo-*; cf. vol³⁵. *uesclis* ‘vasilhas’ (Benediktsson 1960: 235; Buck 1904: 58);

▪ umb. **vitlu**, *uitlu* (acs., sg. – IIb 21; IIb 24; VIb 43; VIb 45, 16) ‘vitelo’ < Plt. **uitelo-* (Benediktsson 1960: 238; Buck 1904: 58; Meiser 1986: 130);

▪ osc. *zicolom*³⁶ (acs., sg. – Lu 1, 14; Lu 1, 15frag.; Lu 1, 17), *ziculud* (abl., sg. – Lu 1, 16) ‘dia’³⁷ < **djeklom* < Plt. **djekelo-* (Benediktsson 1960: 239).

³⁵ A língua volsca é também uma língua sabélica, e possui muitas semelhanças linguísticas com o osco e o úmbrio; infelizmente há pouquíssimos vestígios dessa língua.

³⁶ Na palavra osc. *zicolom*, *ziculud*, pode-se observar que houve uma epêntese após a síncope.

3.7. Casos nos quais a Vogal Sincopada é Incerta

Em alguns casos, é possível atestar que houve uma síncope, mas não é possível identificar qual é a vogal:

- umb. **fo(n)s** (nom., sg. – VIa 42; VIa 50; VIa 52; VIb 7; VIb 11; VIb 13; VIb 26; VIb 32; VIb 34; VIIa 13; VIIa 17; VIIa 31; VIIa 49; VIa 23; VIa 30; VIa 33; VIa 40; VIb 26) ‘gracioso’ < PIt. **fauVno-*; cf. lat. *faueō* ‘ser favorável a’ (De Vann 2008: 207);
- umb. **kartu** (3^asg., impf. – IIa 23) ‘distribui! (?)’ < PIt. **karVtōd-* (Benediktsson 1960: 164, mas a hipótese de tradução não é segura);
- osc. **maimas** (gen., sg., f. – Lu 1, 3; Lu 1, 7) ‘máximo’ < PIt. **maisVmo-* (Benediktsson 1960: 258);
- umb. **parfam**, *parfa* (acs., sg. – Ib 13; VIa 1; VIa 2; VIa 4; VIa 15; VIa 17; VIb 51) ‘parra’ (espécie de pássaro) < PIt. **parVsa-*; cf. lat. *parram* ‘parra’ (Ernout-Meillet 1959: 485);

Buck (1904: 76) explica que, no úmbrio, **rs* decorrente de síncope se torna *rf*; é o mesmo caso do umb. **Cerfe**, *Serfe* (< **keres-ē-*).

- osc. **puz** (conj. – Cm 1A17; Po 39) ‘que’ < PIt. **pu-tVs*; cf. lat. *ut* ‘que’ (Untermann 2000: 184);
- osc. **Vezkeí** (dat., sg. – Sa 1A2; Sa B3) ‘Vesco’ (nome de um deus) < PIt. **uetVskei* (1960: 272, a presença do -z- pressupõe que houve síncope);
- umb. **vutu** (imp. – IIa 39) ‘lava!’ < PIt. **louVtōd* (Benediktsson 1960: 172);

Na maioria desses casos, não há sequer um vestígio que possa auxiliar na identificação da qualidade da vogal, o único da lista que foge dessa incerteza é osc. **maimas**. Buck (1904: 76) e Benediktsson (1960: 258) propõem a reconstrução PIt. **maisemo-* para a palavra, na qual a vogal elidida seria um /e/, porém não há vestígios suficientes para se fazer tal afirmação. Segundo Weiss (em comunicação pessoal), o

No acusativo, foi inserido um *o* breve baseado na sílaba seguinte que possui um *o* breve por natureza: *zicolom*. No ablativo, a vogal epentética é um *ō* baseado na desinência de ablativo que possui um *ō* por natureza: *ziculud* (*ō* grafado como < u >).

³⁷ Osc. *zicolom* na *Tábua Bantina* 13-14 não significa apenas ‘dia’, mas ‘o último dia possível para o pagamento’; ‘data limite do pagamento’. A palavra latina *dies* possui a mesma característica de mudança semântica em certos contextos (Weiss: 2010: 48). Além disso, o sufixo diminutivo **-kelo-* pode ser entendido em comparação à forma latina *diēcula* ‘dia mais curto’ (Untermann 2000: 868).

único vestígio que poderia ser levado em conta é a forma pré-samnita Φολαισυμος (significado desconhecido), a qual parece ser um superlativo tal como *maimas*; se isso for verdade, seria uma indicação de que a vogal sincopada na palavra osca é /u/.

O caso do umb. **parfam** também merece ser analisado. Benediktsson (1960: 166) e Stuart-Smith (2004: 114) propõem a reconstrução PIt. **paresām*, com a vogal /e/ a ser sincopada, mas não explicam o porquê dessa escolha. Para melhor entender a situação, há alguns cognatos dessa palavra: Ernout-Meillet (1959: 484-5) relacionam a forma úmbria com gr. ψάρ ‘estorninho’, gr. σποργίλος ‘pardal’, gót. *sparwa* ‘pardal’, e obviamente com lat. *parra* ‘parra’. Nenhuma dessas formas responde qual seria a qualidade dessa vogal, mas como se pode observar encontros consonantais muito distintos entre os cognatos (-rf-, -rr-, -rg-, -rw-), é seguro dizer que deveria existir uma vogal entre essas consoantes.

3.8. Casos Polêmicos

Depois desses exemplos mais claros de síncope em sílabas mediais, é preciso discutir alguns exemplos não tão claros. Esses casos tendem a ser mais difíceis que os em sílabas finais, por isso nem sempre será possível escolher uma hipótese em detrimento de outra.

3.8.1. Umb. *amboltu* (3ª sg., imp. – VIb 52) ‘dá voltas ao redor de!’

Em um artigo sobre a etimologia de *amboltu*, Kümmel (2012/2013) demonstra que seria mais plausível silabificar a palavra em /*am.boltu*/, em vez de /*amb.oltu*/ como os demais autores faziam usualmente. A silabificação tradicional, defendida por Benediktsson (1960: 171) e outros, afirma que a palavra seria cognata do lat. *ambulāre* e que teria se originado de **-oletōd* + prep. *amb* (< PIE *h₂mb^{hi}*). Este seria o único exemplo do úmbrio no qual o prefixo seria marcado como *amb*, em vez de *am* (como em **ampe(n)tu** e **amprehtu**). A explicação de Kümmel retira a exceção, pois o sufixo funcionaria em *amboltu* da mesma forma que funciona em todas as palavras que possuem o mesmo sufixo.

O desenvolvimento proposto por Kümmel (2012/2013: 2-6) seria: **am-peltōd* > **am-beltōd* > **am-boltu*, cujo cognato latino seria *colere* ‘cultivar’.

3.8.2. Umb. **ampe(n)tu** (imp. – IIa 20; III 23), **apentu** (imp. – III 27) ‘aproxima-te!’

Segundo Benediktsson (1960: 175), a etimologia dessa palavra seria **-pendetōd* > **ampe(n)tu**, **apentu**, cujo cognato seria lat. *pendō* ‘eu estou pendurado’, mas essa solução já não é mais aceita pela maioria dos estudiosos.

Weiss (2010: 164) defende a ideia de que a palavra teria como origem a raiz PIE **pelh₁-* ‘aproximar-se’. Nessa perspectiva, o desenvolvimento da raiz do verbo no presente seria **-peln(e)-* > *penn-* e o /n/ em *ampentu* seria apenas um infixo nasal de presente. Além disso, diferentemente da proposta de Benediktsson, na de Weiss não haveria síncope.

3.8.3. Umb. **amprehtu** (3ª sg., imp, - Ib 21), **apretu** (3ª sg., impf., - Ib 20) ‘leva (os animais) para uma volta!’

Dentre as diversas etimologias propostas, algumas apresentam reconstruções com síncope e outras sem. No primeiro caso está Benediktsson (1960: 189), que defende a reconstrução PIIt. **amfereitōd* > **amprehtu**, e afirma que a palavra se encaixa na categoria de síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba. Junto a Benediktsson está Poultney (1959:143), o qual propõe a reconstrução PIIt. **amber-ei-tōd*.

Na contramão desses dois autores, há as reconstruções sem síncope. É o caso da explicação de Vetter (1953: 183), que sugere a etimologia **a(mbi)-pre-etu* > **apretu** ‘levar por ambos os lados’; e a explicação de Untermann (2000: 207-8), que seria **am-pre-ei-tōd* > **amprehtu** ‘leva (os animais) para uma volta!’.

A melhor explicação sobre a composição de **amprehtu**, **apretu** é de Kümmel (2012/2013: 6): o verbo seria composto a partir da junção de duas preposições (*am* + *prai*) mais o verbo *ei* ‘ir’. Nessa perspectiva, as duas primeiras hipóteses se tornam improváveis, pois sequer propõem a presença da preposição *prai*. A etimologia proposta por Vetter (1953: 183) é a mesma de Kümmel, mas Vetter não explica todos os detalhes como Kümmel faz.

Visto que a explicação sobre a composição do verbo é bem satisfatória em Kümmel (2012/2013), obviamente sua sugestão de etimologia também se mostra satisfatória. Por isso, é mais pertinente apoiar a posição de que não há síncope na história dessa palavra.

3.8.4. Umb. a(n)tentu, *andendu* (3ª sg., imp. – IIa 20; III 15; III 16; III 17; III 17; III 22; IV 21; IV 27; IIb 28; VIIa 46) ‘ergue até o topo!’; ententu, *endendu* (3ª sg., imp. – VIb 40; VIb 40; VIb 49; Ib 12; III 15) ‘insere!’

Benediktsson (1960: 175-6) propõe a reconstrução PIIt. **-tendetōd* > **a(n)tentu, *andendu*** (imp.) ‘alonga!’, cujo cognato seria lat. *tendō* ‘alongar’, e afirma que a palavra se encaixa na categoria de síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Meiser (1986: 162-165) explica que, semanticamente, relacionar esse verbo ao lat. *tollō* ‘erguer’ faz mais sentido no contexto do que a hipótese tradicional (como a de Benediktsson). Desse modo, a reconstrução seria PIIt. **-telnatōd* > **en-tennatōd* > *endendu*. Untermann (2000: 742) e Weiss (2010: 119n71) também apoiam a perspectiva de Meiser, de que a origem da raiz seria PIE **telh₂-* ‘erguer’.

Ambas as etimologias, a que relaciona **–tentu** ao lat. *tendō* e a que relaciona ao lat. *tollō*, apresentam uma vogal sincopada. Apesar de as duas funcionarem bem fonologicamente, a segunda etimologia funciona melhor semanticamente e, por isso, a etimologia apresentada por Benediktsson já não é mais aceita pela maioria dos estudiosos.

3.8.5. Pg. embratur (nom., sg. – nPg 6a; nPg 6b) ‘imperador’

Benediktsson (1960: 189) apresenta essa palavra como uma síncope verdadeira: **emparātōr* > *embratur*. Untermann (2000: 222), por outro lado, afirma ser mais provável que a forma seja um empréstimo do latim (*imperātor*). O contexto no qual a palavra se encontra também argumenta a favor do empréstimo: ela foi gravada em uma moeda do séc. I a.C, época na qual a síncope vocálica já não estava mais em vigor na língua e a própria língua pelígia já estava em franco declínio. A síncope na forma pelígia parece uma tentativa de tornar a palavra mais palatável para os falantes, imitando um fenômeno que já não existia mais.

3.8.6. Umb. felsva (Va 11) (significado desconhecido)

A etimologia dessa palavra é incerta e diferentes hipóteses já foram levantadas na tentativa de resolver essa polêmica. Benediktsson (1960: 260) e Buck (1904: 94) defendem que se trata de um cognato do lat. *holus* ‘vegetal’ e que a reconstrução seria PIIt. **xelesuā* > *felsva* ‘vegetal’. Meiser (1988: 169) propõe a reconstrução PIE **b^helǵ^h-os* > PIIt. **felχ-s-ūā* > *felsva* ‘festival’ e relaciona a palavra aos cognatos lat. *pulvinar*

‘assento com imagens de deuses’ e scr. *barhís* ‘relva sacrificial’. Vetter (1953: 223-4), por sua vez, relaciona *felsva* a lat. *follis* ‘dinheiro’ e propõe que sua origem seja **bhol-si-*.

Do ponto de vista semântico, a hipótese de Meiser parece a mais plausível: alguém deve ‘fornecer **felsva**’ (**ařfertur felsva**), dentro do contexto religioso das *Tábuas Iguvínias* isso parece bem coerente.

Quanto à morfofonologia, é necessário analisar caso a caso:

**xelesuā*: $*x < *g^h$, mas $*g^h$ não resultaria em *f*, o que torna essa hipótese impossível.

**bhol-si-*: para o latim, a morfologia funciona bem **bhol-si- > fol-si- > follis*; mas nem tanto para o úmbrio, $*bh > f$, mas *o* não se torna *e* nessas condições, o que também torna essa hipótese impossível.

**b^helg^h-uo-*: A forma úmbria não corresponde exatamente à forma sânscrita *barhís*, mas parece ser próxima o suficiente para que seja considerada um cognato³⁸.

Portanto, a etimologia mais plausível é a apresentada por Meiser (1988: 169), que não apresenta empecilhos morfofonológicos e que funciona semanticamente. Nesse caso, não se pode falar de síncope, pois nessa solução não há vogal breve a ser sincopada.

3.8.7. Umb. *fertu* (imp. – VIb 50; VIb 50) ‘faz!’³⁹

Benediktsson (1960: 165) classifica a palavra como sincopada e para a forma não-sincopada sugere **feretōd*. Porém, é difícil estabelecer se houve síncope ou não, uma vez que não se sabe se o verbo era atemático em sabélico ou não. Como não há como sanar essa dúvida, há duas possibilidades de reconstrução: 1) **feretōd > fertu*, com síncope; 2) **fertōd > fertu*.

3.8.8. Osc. *herekleís* (gen., sg. – Cm 1A11; Cm 1A24; Cm B4; Cm B6) ‘Hércules’

Muito provavelmente trata-se de um empréstimo, porém não se sabe se a palavra veio diretamente do grego ou por influência etrusca. Se for um empréstimo grego, então houve uma síncope: **herakleis > *herkleis > herekleís*, com anaptixe. No entanto, se

³⁸ Curiosamente, a forma sânscrita *bársvaḥ* ‘gengiva’ é um correspondente exato, mas como a relação semântica parece estranha e não há muita informação sobre essa palavra, é difícil fazer a comparação. A única informação que o dicionário Mayrhofer (1970) fornece sobre *bársvaḥ* é que se trata de um empréstimo do iraniano.

³⁹ Ver comentário sobre o verbo *ferō* em latim no item 15.5. *ferre, ferrem, fert, fers* do verbo *ferō* ‘carregar’ do Capítulo II: *Síncope Vocálica em Latim*.

for um empréstimo etrusco, é provável que a síncope tenha ocorrido já no etrusco: *hercle* > **herekleís**, com anaptixe.

Ver a análise do cognato latino no item **16.7. *Herclēs* ‘Hércules’** do *Capítulo II: Síncope Vocálica em Latim*.

3.8.9. Umb. *herte(r)* (3ª sg., pres., pass. – Va 6; Va 8; Va 10; IIa 40; III 1) ‘foi necessário’

Nussbaum (1976: 252-3) relaciona a forma umb. *pisher* (**pis herit*) à forma **herter** e afirma que ambas possuem sentido médio-passivo (‘ser necessário’). Outras formas construídas com *-io-*, como umb. *heris*, *heriest* não podem ser relacionadas às duas primeiras e possuem o sentido ‘querer’. Portanto, etimologia da palavra seria: **xeriter* > **herte(r)**.

3.8.10. Umb. *ninctu* (imp. – VI b 60; VIIa 49) ‘ataca!’

O significado desta palavra ainda é polêmico: dentro do contexto, parece significar ‘alguma coisa ruim que se faz ao inimigo’, mas o significado desse verbo ainda permanece obscuro. Poultney (1959: 279) explica que o verbo está inserido em uma sequência de 10 verbos, organizados em 5 pares aliterados, os quais indicam as aflições que serão impostas aos inimigos da cidade; todos os verbos são imperativos do 2º ou 3º tipo:

tursitu. tremitu. hondu. holtu. ninctu. nepitu. sonitu. sauitu. preplotatu. preuilatu

A solução defendida pela maioria dos estudiosos relaciona *ninctu* a ‘neve’: para Buck (1904: 76, 95), o desenvolvimento mais provável é PIt. **ning^uetōd*, **nink^uetōd* > *ninctu* ‘neva!’ e seus cognatos são ing. *snow*, lit. *sniegas* ‘nevar’; para Poultney (1959: 278) e Devoto (1937: 284), *ninctu* significa ‘neva!’ e está relacionado ao lat. *ninguit* ‘neva’. Essa solução não funciona por três motivos: 1) neste contexto, o verbo indica uma ação cometida contra os inimigos, e a noção de ‘fazer nevar’ como uma ameaça é mais esotérico do que o restante dos verbos (os quais indicam ataques físicos diretos); 2) o verbo deveria ser intransitivo, tal como o lat. *ninguito* ‘nevar’; 3) Como Meiser demonstra (1986: 87), em úmbrio a sequência *-ng^u-* > *-m-* (como em *umtu* ‘unge!’ – imp.) e não *-nk-*.

Meiser (1986: 85-87) defende uma solução diferente: PIt. **ni-n-k-e-tōd* > *nénketōd* > *ninctu* /*nénktu*/, cujos cognatos seriam lit. *su-ninkù* ‘atacar alguém’, gr.

veĩkoç ‘disputa’. Essa etimologia é mais interessante porque funciona fonológica, sintática e semanticamente.

3.8.11. Umb. *oseto, osatu* (3ª sg., ind., impf. – Um 7; VIb 24; VIb 37) ‘construído’

Esse verbo é atestado nas três principais línguas sabélicas, no osco, no úmbrio e no piceno meridional. Weiss (2010: 326) explica o verbo *osatu* (< PIt. **opesatōd*) como uma forma denominal de um tema em –s, **opos* ‘trabalho’, e cujo cognato seria lat. *opus* ‘trabalho’. Meiser (1986: 130) cita a forma osca **úpsannam** (gerundivo – Ve 11) < **opesandam*). Weiss (2010: 326) também sugere ser possível interpretar a palavra PM *opesauom* como uma forma não-sincopada da mesma raiz.

3.8.12. Osc. *patensíns* (3ª pl., subj., impf. – Cm 1B24; Cm 1B25) ‘eles abririam’, osc. *patanai* (dat., sg. – Sa 1A14; Sa 1B14) (significado desconhecido), umb. *Padellar* (gen., sg. – VIa 14) ‘Padela’ (nome de uma deusa)

Benediktsson (1960: 175, 208) observa síncope nas três formas. No caso do osc. **patanai**, o autor sugere que houve síncope seguida de epêntese e a classifica como síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba: PIt. **patenāi* > **patnai* > **patanai**. No caso do umb. *Padellar*, ele sugere que houve duas síncopes nas sílabas mediais e classifica a forma como síncope em formas quadrissilábicas com uma sequência de duas vogais breves nas sílabas mediais: PIt. **patenolās* > **patnola-* > **padļa-* > osc. *Padella-* (cg. lat. *Patella*). No caso do osc. **patensíns**, o autor sugere também que houve uma sequência de duas síncopes nas sílabas mediais: PIt. **patenesē-* > **patnesē-* > **patņsē-* > *patensí-*, **patensíns**.

A reconstrução da primeira forma, **patanai**, não é confiável porque não existem exemplos nas línguas sabélicas de um *a* epentético. A reconstrução da segunda forma, *Padellar*, tampouco é correta, pois o desenvolvimento **patnola-* > **padļa-* parece impossível: normalmente **tn* > *dn* em sabélico.

A única reconstrução de Benediktsson fonologicamente possível é a de **patensíns**, para a qual Meiser apresenta um desenvolvimento semelhante. Para Meiser (1986: 133), PIt. **patanesēnt* > **patņsēns* > **patensíns**.

Outra possibilidade é analisar as três formas como relacionadas a uma mesma raiz: **peth₂-* ‘abrir’⁴⁰. Se esse for o caso, deve-se supor que se trata de uma antiga raiz,

⁴⁰ Possibilidade construída por mim com o auxílio do Prof. Weiss, apesar da grande ajuda, as

na qual o grau zero pode ser silabificado como: **pt.nh₂-*. Desse modo, não haverá encontro consonantal entre **tn*, o qual resulta em *dn* em sabélico. (não há paralelos de que **tn* > ***tn*)

- **patensíns** (a partir de um grau zero): PIE **ptnh₂-enti* > com epêntese de um **ə* entre duas oclusivas **pət-nh₂-enti* > **patn-e-sē-ns* > **patŋ-sē-ns* > **patensíns** ‘eles abriram’;
- **patanai** (a partir de um grau zero): PIE **pt-ne-h₂-* > com epêntese de um **ə* entre duas oclusivas **pət-ne-h₂-* > *patnā* > com epêntese **patanai** (mesmo com essa etimologia, o significado ainda é incerto);
- *Padella*: PIE **ptneh₂-* > com epêntese de um **ə* entre duas oclusivas **pətneh₂-* > **patnela* > *Padellā* ‘Padela’ (nome de uma deusa)

Como cognato, seria possível relacionar a palavra lat. *pandō* ‘estender’. Nessa perspectiva, não é possível ver síncope nas três formas, mas apenas em **patensíns**.

3.8.13. Osc. *pertumum* (Lu 1, 7) (significado desconhecido)

Neste contexto, é difícil decidir se houve um enfraquecimento ou síncope seguida de epêntese, pois o significado da palavra é desconhecido, e ainda por cima, há exemplo dos dois desenvolvimentos no mesmo ambiente fonológico. Pode-ser ver enfraquecimento no caso de *pra-hubia* (< **prae-habeo*), no qual /a/ > /u/ antes de uma labial; pode-se ver síncope no caso de *sumtu* (< **supemetod*) e no caso de *maimas* (< **maisemo-*), no qual /e/ desaparece antes de uma labial.

Ainda que ambas as soluções sejam possíveis, parece mais plausível supor que se trata de uma síncope seguida de epêntese. Isso porque o ambiente fonológico é perfeito para síncope em sílaba medial: sílaba breve imediatamente pós-tônica entre uma oclusiva e uma labial (como em umb. **sumtu** ‘apreender’ (imp. - Ia 9; Ia 16) < **summetod* < **submetōd* < **supemetōd* ou **subemetōd*).

3.8.14. Osc. *prúftú* (3ª pl., perf., pass. – Cm 1A16) ‘foram estabelecidos’ ; *prúffed* (3ª sg., perf. – Cm 10; Sa 25) ‘estabeleceu’

Esse verbo possui atestações de diferentes formas, além de *prúftú* existem as formas osc. **prúfat(t)ed**, πρῶφατεδ (3ª sg., perf.); **prúfattens** (3ª pl., perf.) (de Vann 2008: 490). Em comparação a essas formas, as quais têm uma vogal na segunda sílaba, pode-se concluir que possivelmente houve síncope vocálica em *prúftú* e em **prúffed**. É

incongruências que existirem nessa hipótese com certeza pertencem a mim.

exatamente isso que afirma Benediktsson (1960: 258): PIt. **propata* > *prúftú*; PIt. **propeped* > **prúffed**.

Apesar de as demais formas oscas apontarem para uma provável síncope, a questão da etimologia envolve mais dúvidas do que a questão da síncope. A etimologia mais aceita pela maioria dos estudiosos é a da raiz **pro-b^hu-o-s* (cf. lat. *probus* ‘bom’), solução defendida por Meiser (1986: 185) e Buck (1904: 67). A presença do /f/ seria explicada a partir do desenvolvimento **b^huo-* > **bo* > *fo*.

Benediktsson (1960: 237) afirma que a transformação PIt. **p* (< PIE **d^h*) > *f* antecedeu a ocorrência da síncope vocálica em sabélico. Portanto, a discussão sobre a etimologia anterior ao aparecimento do /f/ não acrescenta muito para o objetivo da pesquisa.

4. Síncope em Sílabas Mediais e Finais na Mesma Palavra

Há palavras que apresentam tanto síncope em sílaba medial quanto síncope em sílaba final. Segundo a cronologia estabelecida por Benediktsson (1960: 258) e seguida pela maioria dos estudiosos, a síncope em sílabas finais ocorreu antes que a síncope em sílabas mediais. Para mais sobre cronologia relativa, ver item seguinte deste mesmo capítulo **5. Hipóteses sobre a Síncope em Sabélico**.

Os casos que contêm dois tipos de síncope são:

- osc. **Fuvfdis** (nom., sg. – Cm 14 C2) ‘Fufidio’ (gentílico) < **foufedis* < **foufedijos* (Meiser 1986: 60; Benediktsson 1960: 264);
- osc. **Kavkdis** (nom., sg. – Cm 14) ‘Caucideu’ (gentílico) < **kaukedis* < **kaukedijs* (Meiser 1986: 60; Benediktsson 1960: 264);
- umb. **kazi** (acs., sg. . – III 16; III 18) ‘nó cego’ < **katesim* < **kates-ijom* (Meiser 1986: 60; Weiss 2012: 127);
- osc. *medicim* (nom./acs., sg., n. – Lu 1, 30; Lu 1, 31frag.; Lu 1, 33) ‘aquele que trabalha como *medix*’, ‘*praetor*’ < **medodikiim* < **medodik-ijom*; (Meiser 1986: 60; Weiss 2009: 238);
- osc. *memnin* (nom./acs., sg., n. – Cp 36) ‘monumento’ < *memenim* < **memen-ijom* (Buck 1904: 184; Meiser 1986: 60);
- umb. **mersus** (dat./abl., pl. – III 6) ‘justo’ < **medesus* < **medesufos* (Benediktsson 1960: 222)⁴¹;

⁴¹ Meiser (1986: 59, 175) propõe uma reconstrução diferente: **medesuos* > **mersus**,

- osc. **Mitl** (nom., sg. – Sa 32; tSa 21) ‘Mitelo’ (cognome) < **mitels* < **mitelos* (Benediktsson 1960: 217);
- pg. *praicime* (acs., sg. + prep. *en* – Pg 9) ‘reino’ < *praidikim* **praidik-ijom* (Meiser 1986: 60; Untermann 2000: 569);
- osc. **pupdiis** (nom., sg. – Pg 1; Cm 34) ‘Popedio’ (gentílico) < **popedijs* < **poped(i)ios* (Benediktsson 1960: 264);
- osc. **teremníss** (dat./abl., pl. – Cm 1A14) ‘limites territoriais’ < *termníss* < **termen-i-fs* < **termen-i-fos* (Benediktsson 1960: 223, 272).

Para mais sobre apenas síncope final nessas mesmas palavras, voltar no item **2.2. *o > 0 / i̇ m#*** deste mesmo capítulo.

5. Hipóteses sobre a Síncope em Sabélico

A maioria dos estudiosos leva em consideração o acento tônico inicial quando analisam a síncope vocálica em sabélico. Benediktsson (1960) defende esse ponto de vista, especialmente em relação à síncope em sílabas mediais e imediatamente pós-tônicas. Para Nishimura (2008: 169), a síncope acontecer em outra sílaba que não a imediatamente pós-tônica não é um problema; é suficiente que a sílaba seja breve e átona. De fato, parece que o acento tônico inicial é uma das principais características que ocasionam a síncope, principalmente em sílabas mediais. O acento tônico inicial era provavelmente muito antigo, talvez até proto-italico como Meiser (1986: 60) sugere.

Prodoscimi (1986) defende a hipótese de que houve dois períodos de acento tônico em sabélico: 1) acento antigo na penúltima sílaba da palavra, e síncope em sílabas finais seria uma consequência; 2) acento inicial, e síncope em sílabas mediais seria uma consequência. Essa é uma teoria bem interessante, porém há dois problemas com ela. Primeiro, é uma explicação circular: a síncope em sílaba final é uma consequência de uma sílaba tônica porque a síncope em sílaba medial é uma consequência de uma sílaba tônica, e vice-versa. Segundo, as duas síncopes não compartilham das mesmas características, a síncope em sílaba medial ocorria em quase qualquer sílaba medial com uma vogal breve, enquanto as ocorrências da síncope em sílaba final eram bem mais restritas (não há síncope em uma sílaba final com *e* breve, por exemplo). Ou seja, uma boa hipótese, mas que não se sustenta com os dados que temos.

relacionando a palavra úmbria **mersuuo*- ‘costumeiro’.

A cronologia relativa estabelecida por Benediktsson (1960: 258) parece ser mais confiável. Segundo ele, a síncope em sílabas finais ocorreu em um período anterior ao da síncope em sílabas mediais, e ambas estavam relacionadas ao acento tônico inicial.

Nishimura (2008: 166-170), por sua vez, afirma que a síncope em sílabas mediais também datam de um período pré-histórico. Contudo, os exemplos que Nishimura fornece para corroborar sua hipótese são bem polêmicos; quase todos eles serão analisados abaixo:

- SP. **aitúpas**: um composto, que pode ser comparado com umb. **eitípes** ‘eles declararam’, no qual a primeira parte deve ser **ai-** < **agⁱto-* < **agⁱeto-* < **ag-eto-*.

- SP. **múfqlúm** < **mone-stlom* (cf. lat. *mōnstrum*)⁴²

Buck mostra (1904: 73) que em sabélico **-ns-* por síncope > *-ns-* e não se torna *-f-*; o autor apresenta apenas exemplos do osco e do úmbrio, mas não há nenhum exemplo em nenhuma língua sabélica de que **-ns-* por síncope se tornaria *-f-*.

Como foi mencionado no item 8. **Síncope em Sílabas Fechadas com Coda em -s** do *Capítulo II: Síncope Vocálica em Latim*, uma reconstrução mais plausível é apresentada por Weiss (2010: 395n131): lat. *mōnstrum* < **mont-trom*, da raiz **mont-* ‘mostrar’. A mesma solução funciona para SP. **múfqlúm**: **mont-tlom* > **monstlo-* > **mofqlo-* > **múfqlúm**. Nessa perspectiva, **-ns-* > *-f-* porque primeiro **-ttl-* > *-stl-* e não há vogal a ser sincopada. Desse modo, não se pode tomar essa palavra como um exemplo antigo de síncope em sílaba medial.

- SP. **meñín** < Plt. **meñño-* < PIE **me-d^hi-o-* (**-CijV-* > **-CjV-*)

Esse não parece ser um caso de síncope, parece mais adequado afirmar que **-CijV-* > **-CjV-* é apenas uma redução. Ou seja, não se pode contar essa forma como um exemplo antigo de síncope em sílaba medial.

- SP. **uelaimes**

Essa forma é de fato um bom exemplo de síncope, mas a data da inscrição é alvo de muita polêmica, não há certeza de que se trata de um período tão antigo quanto Nishimura defende.

- Osc. **núvellúm** < **noyenlo-* < **nouene-lo-* (cf. lat. *novellus* ‘novo’) não é um bom exemplo porque se trata de um diminutivo, os quais tendem a se comportar de uma forma específica ou que são frutos de analogia. Também é comum ver esse tipo de

⁴² Para uma reconstrução similar, ver também Marinetti (1985: 118).

síncope no sufixo **-le/o* em latim, como **asene-lo-* > *asellus* ‘burro’ (ver item 13. **Diminutivos** do *Capítulo II: Síncope Vocálica em Latim*).

Uma vez que não há exemplos inegáveis de síncope em sílabas mediais em períodos mais antigos e há exemplos inegáveis de síncope em sílabas finais em períodos mais antigos, é razoável supor que a síncope em sílabas finais aconteceu antes que a síncope em sílabas mediais.

Além desses dois tipos de síncope, ainda existe mais um tipo de redução vocálica que é necessário discutir, é o caso de **-ijoi-*. Benediktsson (1960: 216, 268) explica umb. *Atiersir* ‘Artierse’ como síncope em sílaba final (< **atiǵedjos*), e poderia ser um simples caso de **CVs#* > (C)s#, mas como o /e/ sobreviveu, isso sugere que a redução da sílaba final também ocorreu antes da síncope em sílaba medial. O erro de Benediktsson foi pensar que *Atiersir* era uma forma nominativa quando na verdade é um dativo, portanto, a melhor reconstrução seria **-ijois* > *Atiersir*. É o mesmo caso do umb. **krapuvi** (dat., sg.) ‘Grabóvio (epíteto de Júpiter e Marte)’ < **grabouijoi*, e ambos não podem ser considerados casos de síncope em sílaba final, mas sim exemplos de contração.

A partir dessas considerações, pode-se estabelecer uma cronologia relativa para o sabélico:

- 1) Síncope em sílaba final
- 2) Contração em sílaba final
- 3) Síncope em sílaba medial

6. Conclusões Parciais

É possível concluir que a síncope em sabélico funciona de forma sistemática, o que facilita a sua compreensão e análise. Um grande problema é a etimologia incerta de algumas palavras, especialmente de casos de *hapax legomena*. Esse capítulo foi amplamente baseado no artigo de Benediktsson (1960), um trabalho extremamente amplo e sistemático, mas se trata de um artigo antigo e algumas décadas de discussões ajudaram a entender melhor alguns casos de síncope e de suas etimologias.

Pode-se identificar dois tipos de síncope vocálica em sabélico: a síncope em sílabas finais e a síncope em sílabas mediais. A questão do acento tônico inicial parece ser importante para ambas as síncofes, embora seja mais evidente a influência do acento na síncope em sílabas mediais. Aparte do acento, os dois tipos de síncope funcionavam de modos diferentes e, por isso, é necessário analisá-los separadamente.

A síncope em sílaba final ocorria em ambientes fonológicos mais restritos, somente no contexto $V > \emptyset / _s\#$ e $o > \emptyset / _i_m\#$. Tal síncope teria sido a primeira a ocorrer em sabélico, pois data de um período antigo; há exemplos claros em piceno meridional, como **efidans** (nom., sg. – AP 5) < PIt. **-nos* ‘Efidano’ (cognome ou epíteto).

A síncope em sílaba medial ocorria em ambientes fonológicos mais diversos, quase toda sílaba átona com uma vogal não acentuada estava sujeita à síncope. As formas quadri- e trissilábicas são as que mais apresentam síncope, por vezes até perdiam duas sílabas breves mediais (como em umb. **sumtu** (imp. – Ia 9; Ia 16) ‘apreende!’ < **summetod* < **submetōd* < PIt. **supemetōd* ou **subemetōd*). Como esse processo era recorrente, sequências consoantais estranhas surgiam após o desaparecimento de vogais mediais, para resolver esse problema, a epêntese também se tornou um processo fonológico recorrente.

Na próxima seção, *Conclusões*, os dados obtidos do latim e do sabélico serão comparados como um todo, não apenas como cognatos e em discussões específicas como tem sido feito até agora.

CONCLUSÕES

Depois de uma longa análise, pode-se observar que muitas dúvidas sobre a síncope vocálica nas línguas da Itália Antiga continuam sem respostas. Não é à toa que poucos autores analisaram a fundo esse processo fonológico, como Nishimura (2008) e Benediktsson (1960). No entanto, o objetivo da pesquisa não era estabelecer respostas irrevogáveis, mas apenas tentar compreender melhor a síncope, o que foi alcançado em certa medida.

Para compreender a matéria deste trabalho, fez-se uma breve explicação de quais são as línguas que foram analisadas e quais suas principais características. Após essa parte, a síncope vocálica foi analisada de forma individual em cada subgrupo linguístico do proto-italico: primeiro no latim, e depois no sabélico.

No latim, a síncope acontece de maneira aparentemente caótica, existe síncope em todos os períodos históricos do latim, do latim antigo ao latim clássico, e até no latim vulgar (período não abarcado nesta pesquisa). Além disso, a síncope não ocorre de modo sistemático (há palavras com condições fonológicas ideais que não apresentam síncope) e existem casos complicados de síncope em sílabas não imediatamente pós-tônicas.

No entanto, a questão do acento tônico e do esquema rítmico do latim contribuem para que se possa analisar esse panorama de modo mais concreto. O acento tônico inicial em palavras do LA e LPC parece ser fundamental para a ocorrência da síncope, basicamente se tem apenas casos de síncope em sílabas imediatamente pós-tônicas. Durante o LC, o acento passou a seguir a Lei da Penúltima e deixou de ser a principal característica facilitadora da síncope. Durante esse período, o esquema rítmico do latim se modificou, baseando-se em troqueus bimoraicos, e a síncope ocorria como ferramenta para se adequar o esquema rítmico.

Dessa forma, é possível estabelecer uma cronologia relativa para o fenômeno em latim: 1) durante o LA e o LPC, a síncope estava relacionada ao acento tônico inicial; 2) durante o LC, a síncope estava relacionada ao esquema rítmico de troqueus bimoraicos. Além disso, em ambas as épocas, a presença de soantes (principalmente antes da vogal) também auxiliava a engatilhar o processo.

No sabélico, a situação é diferente, a síncope acontece de maneira sistemática: é possível estabelecer regras para a ocorrência da síncope; os casos complicados se restringem à falta de conhecimento da língua ou à ausência de etimologia plausível.

Nas línguas sabélicas, pode-se falar em dois tipos de síncope, síncope em sílabas finais e síncope em sílabas mediais. A síncope do primeiro tipo ocorria em ambiente restritos, antes de um-*s#* e no sufixo *ij_m#*, e o encontro consonantal resultante dessa síncope poderia ser simplificado ou não. Já a síncope em sílabas mediais ocorria de modo mais amplo, quase toda vogal breve medial era sincopada. Pode-se identificar alguns contextos fonológicos semelhantes ao latim, como síncope no sufixo **-tero-* e no sufixo diminutivo **-elo-*, mas em outros casos os ambientes fonológicos são bem diferentes. Ou seja, pode-se delinear a seguinte cronologia relativa: 1) síncope em sílabas finais; 2) síncope em sílabas mediais. A cronologia relativa que se pode estabelecer para o sabélico é muito diferente da do latim, outras questões são colocadas em evidência. No latim, não há diferença cronológica entre a síncope em sílaba final e em sílaba medial, e parece não ter ocorrido mudança das regras de acentuação no sabélico.

O fato de que a síncope se comportar de modo muito distinto em latim e em sabélico impede que a conclusão de que a síncope seja um fenômeno de área. Mesmo entre o osco e o úmbrio se pode observar algumas diferenças do processo fonológico. Ainda que a resposta encontrada não seja a esperada, as dúvidas levantadas no começo da pesquisa ainda podem ser respondidas. Apesar de a síncope existir em diferentes línguas da Itália Antiga, pode-se ver que elas não funcionam do mesmo modo.

O aspecto linguístico que parece funcionar da mesma forma nessas línguas é o acento tônico inicial, pois tanto o sabélico, o LA e o etrusco apresentam esse acento. É mais provável que o acento tônico inicial seja um fenômeno de área e que a síncope vocálica seja uma consequência desse acento inicial. Esse tipo de acento é considerado uma inovação dentro do PIE, o que corrobora a hipótese de ser algo típico da península itálica. No entanto, mesmo em relação ao acento tônico inicial, é difícil determinar com certeza se é um fenômeno de área ou não, questão que não pode ser detalhadamente explorada nesta pesquisa.

BIBLIOGRAFIA

- ADIEGO LAJARA, Ignacio J. (1999). “Sobre la *correptio iambica* del drama latino arcaico”. In: MORENO, J. L. & DÍAZ, P. R. D. (Ed.). *Estudios de Métrica Latina – Vol. I*, p. 55-67.
- _____ (1990). “Der Archaismus des Südpikenischen”. In: *Historische Sprachforschung* 103, p. 69-80.
- BAKKUM, Gabriel C. L. M. (2009A). *The Latin Dialect of the Ager Faliscus*. Amsterdã: University of Amsterdam.
- _____ (2009B). *The Latin Dialect of the Ager Faliscus – Vol. II*. Amsterdam: University of Amsterdam.
- BALDI, Philip (2002). *The Foundations of Latin*. Berlin: Mouton De Gruyter.
- BEEKES, Robert S. P. (2003) *The Origin of the Etruscans*. Amsterdã: Koninklijke Nederlandse Akademie van Wetenschappen.
- _____ (1995). *Comparative Indo-European Linguistics: an introduction*. Trad. UvA Vertalers/Paul Gabriner. Amsterdã & Philadélfia: John Benjamins Publishing Company.
- BEELEER, Madison S. (1952). “The Relation of Latin and Osco-Umbrian”. In: *Linguistic Society of America* 28, 4, pp.435-443.
- BENEDIKTSSON, Hreinn (1960). “The Vowel Syncope in Oscan-Umbrian”. In: *Norsk Tidsskrift for Sprogvidenskap* 19, 157-297.
- BUCK, Carl D. (1962). *Comparative Grammar of Greek and Latin*. Chicago: The University of Chicago Press
- _____ (1904). *A Grammar of Oscan and Umbrian*. Boston: The Athenaeum Press.
- _____ (1892). *Der Vocalismus der Oskischen Sprache*. Leipzig: K. F. Koehler’s Antiquarium.
- BYNON, Theodora. (1993). *Historical Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- CLACKSON, James (2015). “Subgrouping in the Sabellian Branch of Indo-European”. In: *Transactions of the Philological Society* 113, p. 4-37.
- CRAWFORD, M. H. et al. (Ed.) (2011). *Imagines Italicae: a Corpus of Italic Inscriptions – Vol. I*. London: Institute of Classical Studies, University of London.
- _____ (2011). *Imagines Italicae: a Corpus of Italic Inscriptions – Vol. II*. London: Institute of Classical Studies, University of London.

- _____ (2011). *Imagines Italicae: a Corpus of Italic Inscriptions – Vol. III*. London: Institute of Classical Studies, University of London.
- CROOSWHITE, Katherine M. (2001). *Vowel Reduction in Optimality Theory*. Nova York & Londres: Routledge.
- _____ (2000). “The Analysis of Extreme Vowel Reduction”. In: ALBRIGHT, A. & CHO, T. (Ed.). *UCLA Working Papers in Linguistics*, 4 - Papers in Phonology 4.
- DEVOTO, Iacobo (1937). *Tabulae Iguvinae*. Roma: Typis Publicae Officinae Polygraphicae.
- ERNOUT, Alfred & MEILLET, Antoine (1959). *Dictionnaire Étymologique de la Langue Latine*. Paris: Klincksieck.
- EXON, Charles (1907). “Medial Vowel-Syncope in Latin”. In: *Hermathena* 14, pp.117-143.
- FLEMMING, Edward (2005). “A Phonetically-Based Model of Phonological Vowel Reduction”. Disponível em: <http://web.mit.edu/flemming/www/paper/vowelred.pdf>. Último acesso: 27/02/2016.
- FORTSON IV, Benjamin J. (2010). *Indo-European Language and Culture: an Introduction*. Oxford & Carlton: Blackwell.
- GARNIER, Romain (2012). “Allomorphisme et Lois de Limitation Rythmique en Latin”. In: *Bulletin de la Société de Linguistique de Paris* 107, fasc 1, p. 235-259.
- GIACOMELLI, Gabriella (1963). *La Lingua Falisca*. Firenze: Leo S. Olschki Editore.
- GÖTZE, Albrecht (1923). “Relative Chronologie von Lauterscheinungen im Italischen”. In: *Indogermanische Forschungen* 41, p. 78-149.
- GOUSKOVA, Maria (2003). *Deriving Economy: Syncope in Optimality Theory*. Tese (Doutorado). University of Massachusetts Amherst.
- HAWKINS, Peter (1995). *Introducing Phonology*. Londres & Nova York: Routledge.
- KÜMMEL, Martin J. (2012/2013). “Etymologie und Phonologie: Umbrisch *amboltu*”. In: *Die Sprache* 50, 1-2, p. 1-13.
- KÜMMEL, Martin J. & TICHY, Eva. *Grundzüge der historischen lateinischen Sprachwissenschaft*. Disponível em: <http://www.indogermanistik.uni-freiburg.de/seminar/pers/kuemmel/studierende/lehre/latsprawi.pdf>. Último acesso: 27/02/2016.
- JONES, D. M. (1950). “The Relation of Latin to Osco-Umbrian”. In: *Transactions of the Philological Society* 49, 1, pp.60-87.

- JOSEPH, Brian & WALLACE, Rex (1991). "Is Faliscan a local Latin *Patois*?". In: *Diachronica* 8,2, pp. 159-186.
- _____ (1989). "Further Thoughts". In: *Classical Philology*, 84, 4, pp. 319-321.
- _____ (1987). "Latin Sum/Oscan Sum, Sim, esum". In: *American Journal of Philology*, 108, 4, pp. 675-693.
- LEHMANN, Winfred. P. (1996). *Theoretical bases of Indo-European Linguistics*. Londres & Nova York: Routledge.
- _____ (1992). *Historical Linguistics*. Londres & Nova York: Routledge.
- LEUMANN, Manu (1933) *Lateinische Laut- und Formenlehre 1933*. Munique: Beck.
- MALLORY, James P. & ADAMS, Douglas Q. (2008). *The Oxford Introduction to Proto-Indo-European and the Proto-Indo-European World*. Oxford: Oxford University Press.
- MARINETTI, Anna (1985). *Le Iscrizioni Sudpicene: I Testi*. Firenze: Leo S. Olschki Editore.
- MEIER-BRÜGER, Michael (2003). *Indo-European Linguistics*. Berlin & Nova York: Walter de Gruyter.
- MEISER, Gerhard (2003). *Veni Vidi Vici: Die Vorgeschichte des lateinischen Perfektsystems*. Munique: Verlag C. H. Beck.
- _____ (1998). *Historische Laut- und Formenlehre der lateinischen Sprache*. Darmstadt: Wissenverbindet.
- _____ (1987). "Pälignisch, Latein und Südpikenisch". In: *Glotta* 65, p. 104-127.
- _____ (1986). *Lautgeschichte der umbrischen Sprache*. Innsbruck: Institut für Sprachwissenschaft der Universität Innsbruck.
- MESTER, Armin (1994). "The Quantitative Trochee in Latin". In: *Natural Language and Linguistic Theory* 12, p. 1-61.
- NISHIMURA, Kanehiro (2012). "Vowel Reduction and Deletion in Sabellic". In: WHITEHEAD, B. et al. (Ed.) *The Sound of Indo-European: Phonetics, Phonemics and Morphophonemics*. Copenhagen: Museum Tusculanum Press, p.381-398.
- _____ (2008). *Vowel Reduction and Deletion in Italic: Effects of Stress*. PhD Dissertation: UCLA.
- NISHIMURA, Kanehiro (2011). "Syncope in Latin: a historical restatement of its conditions". In: *International Journal of Diachronic Linguistics and Linguistic Reconstruction* 8, pp. 1-41.

_____ (2009). "Vowel Reduction and Deletion in Sabellic: a synchronic and diachronic interface". In: WHITEHEAD, B. et al. (2009) *The Sound of Indo-European Phonetics, Phonemics, and Morphophonemics*. Copenhagen: Museum Tusculanum Press, pp. 381-396.

_____ (2008). *Vowel Reduction and Deletion in Italic: Effects of Stress*. Tese (Doutorado). University of California. Los Angeles.

NUSSBAUM, Alan (1997). "The 'Saussure Effect' in Latin and Italic". In: LUBOTSKY, A. (Ed.) *Sound Law and Analogy: papers in honor of Robert S. P. Beekes on the occasion of his 60th birthday*. Amsterdam & Atlanta: Rodopi, p. 181-203.

_____ (1976). "Umbrian *pisher*". In: *Glotta* 54, p. 241-263.

PALLOTTINO, Massimo (1975). *The Etruscans*. Trad. J. Cremona. Londres: Penguin Books.

von PLANTA, Robert (1897). *Grammatik der Oskisch-Umbrischen Dialekte – Zweiter Band*. Strassburg: Karl J. Trübner.

_____ (1892). *Grammatik der Oskisch-Umbrischen Dialekte – Ersten Band*. Strassburg: Karl J. Trübner.

POULTNEY, James W. (1959). *The Bronze Tables of Iguvium*. Baltimore: American Philological Association.

PROSDOCIMI, Aldo (1984). *Le Tavole Iguvine*. Firenze: Olschki.

_____ (Org.) (1978). *Popoli e Civiltà dell' Italia Antica*, Vol. 6. Biblioteca di Storia Patria.

RAMÓN, José L. G. (2011). "Initial Stress and Syncope as Implicators of Secondary *yod* and Palatalization: Sabellic and Thessalian". In: *Alessandria – Rivista di glottologia* 5, pp. 115-135.

RIX, Helmut (2004A). "Etruscan". In: WOODARD, R (Ed.) *The Ancient Languages of the World*. Cambridge: Cambridge University Press, pp.141-164.

_____ (2004B). "I Nomi delle Figure dei Miti Greci nelle Lingue dell' Italia Arcaica – The First Traces of Achilles and Hercules in Latin". In: PENNEY, J. H. (Ed.). *Indo-European Perspectives: Studies in Honour of Anna Morpurgo Davies*. Oxford: Oxford University Press, p. 436-446.

_____ (2002). *Sabellische Texte: die Texte des Oskischen, Umbrischen und Südpikenischen*. Heidelberg: Universitätsverlag C. Winter.

_____ (2001A). *Lexicon der Indogermanischen Verben*. Wiesbaden: Dr. Ludwig Reichert Verlag.

- ____ (2001B). *Kleine Schriften*. Bremen: Hempen Verlag.
- Vamos pensar direito “
- ____ (2000). “*Tribù, stato, città e insediamento nelle lingue italiche*”. In: *Archivio glottologico italiano* 85, pp. 196-231.
- ____ (1998). *Rätisch und Etruskisch*. Innsbruck: Institut für Sprachwissenschaft der Universität Innsbruck.
- ____ (1966). “Die lateinische Synkope als historisches und philologisches Problem”. In: *Kratylos* 11, pp 156-165.
- SALMONS, Joe (1992). *Accentual Change and Language Contact*. Stanford: Stanford University Press.
- SANDFELD, K. (1968). *Linguistique Balkanique: problèmes et résultats*. Paris: Klincksieck.
- SCHIRMER, Brigitte (1998). *Studien zum Wortschatz der Iguvinischen Tafeln: die Verben des Betens und Sprechens*. Frankfurt: Peter Lang.
- SCHRIJVER, Peter (1991). *The Reflexes of the Proto-Indo-European Laryngeals in Latin*. Amsterdam & Atlanta: Rodopi B.V.
- SCHUMACHER, Stefan (2004). *Die Rätischen Inschriften*. Innsbruck: Institut für Sprachwissenschaft der Universität Innsbruck.
- SEN, Ranjan (2012A). “Exon’s Law and the Latin syncopes“. In: PROBERT, P. & WILLI, A. (Eds.). *Laws and Rules in Indo-European*. Oxford: Oxford University Press, cap. 13.
- ____ (2012B). “Reconstructing Phonological Change: duration and syllable structure in Latin vowel reduction”. In: *Phonology* 29, 3, p. 465-504.
- SIHLER, Andrew L. (2008). *New Comparative Grammar of Greek and Latin*. Oxford: Oxford University Press.
- STUART-SMITH, Jane (2004). *Sound Change in Italic*. Oxford: Oxford University Press.
- SOLMSEN Felix (1894). *Studien zur lateinischen Lautgeschichte*. Estrasburgo: Karl Trübner.
- SOMMER, Ferdinand (1914). *Handbuch der lateinische Laut- und Formenlehre*. Heidelberg: Universitätsbuchhandlung.
- SZEMERÉNYI, Oswald J. L. (1999). *Introduction to Indo-European Linguistics*. Oxford: Oxford University Press.

- UNTERMANN, Jürgen (2000). *Wörterbuch des Oskisch-Umbrischen*. Heidelberg: Universitätsverlag C. Winter.
- de VAAN, Michiel (2008). *Etymological Dictionary of Latin and the other Italic Languages*. Leiden & Boston: Brill
- _____ (2007). "The etymology of Latin *adulāre*". In: GEORGE, C. et al. (Eds.) *Greek and Latin from an Indo-European Perspective*. Cambridge: Philological society, pp. 140-144.
- VETTER, E. (1953). *Handbuch des italischen Dialekte*. Heidelberg; Carl Winter.
- VINE, Brent (2012). "PIE mobile accent in Italic: Further evidence". In: WHITEHEAD, B. et al. (Ed.) *The Sound of Indo-European: Phonetics, Phonemics and Morphophonemics*. Copenhagen: Museum Tusculanum Press, p. 545-575.
- _____ (2006). "On 'Thurneysen-Havet's Law in Latin and Italic'". In: *Historische Sprachforschung* 119, p. 211-249.
- _____ (1993). *Studies in Archaic Latin Inscriptions*. Innsbruck: Innsbrücker Beiträge zur Sprachwissenschaft.
- WALDE, Alois & HOFFMAN, J. B. (1954). *Lateinisches etymologisches Wörterbuch*. Heidelberg: Winter.
- WALLACE, Rex E. (2008A). *Zikh Rasna: a manual of the Etruscan language and inscriptions*. Nova York: Beech Stave Press.
- _____ (2008B). "Sabellian languages". In: WOODARD, R (Ed.) *The Ancient Languages of the World*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 96-123.
- _____ (2007). *The Sabellian Languages of Ancient Italy*. Munique: Lincom.
- WEISS, Michael (2012). "Interesting *i*-Stems in Irish". In: *Multi Nominis Grammaticus: Studies in Classical and Indo-European linguistics in honor of Alan Nussbaum on the occasion of his 65th birthday*. Ann Arbor & New York: Beech Stave Press.
- _____ (2010). *Language and Ritual in Sabellian Italy*. Leiden & Boston: Brill.
- _____ (2009). *Outline of the Historical and Comparative Grammar of Latin*. New York & Ann Arbor: Beech Stave Press.

APÊNDICE: SÍNCOPE EM ETRUSCO

1. Ramo Tirsênico

De acordo com Rix (1998), o etrusco não era uma língua isolada como muitos estudiosos defendem, na verdade, é possível identificar mais duas línguas semelhantes: o rético e o lêmnio. O autor conferiu o nome de ramo Tirsênico para esse ramo linguístico.

2. Rético e Lêmnio

Porque há poucas inscrições réticas e o conhecimento sobre elas é muito limitado, não é possível verificar se de fato ocorria síncope nessa língua, como no etrusco, ou não. Apesar disso, é possível supor ao menos que não se tratava de um fenômeno comum, pois existem muitas palavras com sílabas de estrutura CV, tais como *kuninasi* (Schumacher: SZ-9) *tinesuna* (Schumacher: VR-1), *lavisielavisealu* (Schumacher: VN-1), *laseke* (Schumacher: RN-1), estruturas que certamente seriam sincopadas em etrusco.

Por outro lado, há alguns encontros consonantais que podem ser resultados de desaparecimento vocálico, como *xixku* (Schumacher: NO-3) and *ackver* (Schumacher: ST-8). Ainda que não haja como resolver essa questão, há poucos exemplos de encontros consonantais incomuns e, por isso, é plausível supor que a síncope vocálica não era um fenômeno comum em rético, ao menos não tão comum como em etrusco.

Quanto ao lêmnio, não há evidências suficientes para se afirmar qualquer coisa sobre o acento tônico nem sobre síncope.

3. Etrusco

Segundo Wallace (2008A:37), a síncope em etrusco ocorre principalmente em palavras trissílabas, mas também acontece em palavras com quatro sílabas ou mais. Como resultado do desaparecimento de vogais mediais, surgiram encontros consonantais que antes não existiam na língua. Além disso, o autor (2008A:38) aponta o curioso caso da síncope de vogais em *-ie-* > *-i-*. À primeira vista, pode-se pensar que se trata de um ditongo e que o resultado da síncope deveria ser a eliminação dos dois elementos, contudo não é o que acontece. De modo que há duas possíveis explicações

para o fato: 1) -ie- = ĩe, apenas o -e- desapareceu e mais tarde ĩ se vocalizou em -i-; 2) trata-se de duas vogais em um hiato e o -e- foi assimilado pelo -i-.

Exemplos de síncope em etrusco (Wallace 2008A:37-39): *avile* > *avle*, *aule* ('ano'); *axile* > *axle*, *ramuθa* > *ramθa*, *θanaxvil* > *θanχvil*, *menerva* > *menrva*; que resultam em encontros consonantais incomuns: *laricena* > *larcna*, *vestiricina* > *vestrcna*, *elacsantre* > *elcsntre*; em sílabas -ie-: *vipienna* > *vipina*, *spurienna* > *spurina*, *aniena* > *anina*; em final de sílaba: *aranθ* > *arnθ*; *turans* > *turns*; *laruns* > *larns*; *selvansel* > *selvansl*; *ikan* > *ecn*.

A questão do acento tônico em etrusco é delicada porque não se conhece totalmente a língua. Wallace (2008A: 39) comenta que possivelmente havia acento tônico em sílabas iniciais, enquanto Pallotino (1985: 213) afirma com mais segurança que havia acento tônico em sílabas iniciais e que a síncope de vogais átonas é uma consequência desse acento.

ANEXOS

ANEXO I: *CORPUS* DE PALAVRAS LATINAS

▪ *abdūcō* ‘conduzir para longe’

Análise

**apo-doukō* > *abdūcō*

Leumann (1977: 96)

**apo-doukō* > *abdūcō*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: p_d

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /a-/

▪ *ācer* ‘afiado’

Análise

Plt. **akris* > **akirs* > **akirs* > **akerr* > *ācer*

Não há síncope.

Nishimura (2008: 149, 151)

**akris* > **akrs* > **akers* > **akerr* > *ācer*

**CrV-* > **C²rV* > **Cār^V* > *Cer*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_s#

Posição da síncope: Não há síncope (N)

Quantidade de Sílabas: 2

Sílabas Tônicas: /a-/

▪ *adūlor* ‘adular’

Análise

Incerto quanto à etimologia

Ernout & Meillet (1959: 9-10)

Cognatos: scr. *vālah*, *vārah* ‘pelo da cauda’

de Vaan (2007:25)

O /ū/ longo de *adūlāre* não pode ser explicado por meio da raiz do PIE **uel*, como afirmam Ernout & Meillet e Walde & Hoffmann. A melhor etimologia seria correlacionar *adūlāre* com *auidus* ‘ávido’: síncope **ad-auidos* > com síncope **ad-audos* > *adūdos* > *adūlos*.

Ocorrências em Cássio Hemina, Lucrécio e Cícero.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: ū_d

Posição da síncope: Preposição + Segunda Sílabas (SM / IN)

Quantidade de Sílabas: 3 + preposição

Sílabas Tônicas: /a-/

▪ *aetās* ‘idade’

Análise

**aeuitās* > *aetās*

Nishimura (2008: 119)

**aeuitās* > *aetās*

aeuitermus ‘permanente’ > com síncope *aeternus* ‘eterno’

Data: Latim Clássico

de Vaan (2008:29)

Plt. **aiuo-* ‘período’, **aiuo-tāt* ‘idade’
Cognato itálico: osc. *aítateís* (gen., sg.)
‘idade’

Duas etimologias possíveis: **aiuotāt-s*
> **aiotas* > com síncope *aetās* ou
**aiuotāt-s* > **aiuitās* > **aiitās* > *aetās*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: *u_t*

Posição da síncope: Segunda Sílabas
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /ai-/

▪ *agellus* ‘pequena porção de terra;
campo’

Análise

**agr-elos* > **agrlos* > **agerlos* >
agellus

Nishimura (2008: 147, 151)

**agre-lo-* > **agrlo-* > **agerlo-* >
agellus

**CrV-* > **C^orV* > **Cār^V* > *Cer*

Leumann (1977:97)

**agrellos* > **agrlos* > *agellus*

de Vaan (2008:29)

Etimologia de *ager*, -*grī*:

Plt. **agro-* ‘campo’

Cognatos itálicos: umb. *ager* (nom., sg),
agre (gen., sg), SP. *akren* ‘pedaço de
terra’

Weiss (2009: 123)

Ambiente de síncope = vogais breves
em sílabas abertas seguidas de *l*, *r* ou *n*:

**agr-elos* > **agrlos* > **agerlos* >
agellus

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: *r_l*

Posição da síncope: Segunda Sílabas
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /a-/

▪ *alacer* ‘ativo’

Análise

Plt. **alakris* > **alakirs* > **alakirs* >
**alakerr* > *alacer*

Não há síncope

Nishimura (2008: 149, 151)

**alacris* > *alacer*

Ocorrência em Ênio.

Ambiente Fonológico:

Posição da síncope: Não há síncope (N)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /a-/

▪ *alter* ‘outro’

Análise

**ali-ter(os)* > *alter*

Ernout & Meillet (1959:22-23)

alter = *al-* + sufixo de comparação **-tero-*

É mais provável que *alter* tenha vindo
de **al-tero-*, e não de **ali-tero-*, ou seja,
não haveria síncope.

Leumann (1977:96)

**aliter(os)* > *aliter* > *alter*

Cognato itálico: osc. *alttram*

Weiss (2009: 285)

**ali-teros > alter*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_t

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /a-/

▪ *ampulla* ‘garrafa’

Análise

Diminutivo

Nishimura (2008: 145)

**ampore-lā > ampollā > ampulla*

Diminutivo de *amphora* ‘ânfora’

Substantivo com o sufixo diminutivo **-le/o-* próximo a soantes.

Data: Latim Pré-Clássico

Weiss (2009: 281, 481)

**amporela > com síncope ampulla* (de *amp(h)ora*)

Cognato Itálico: SLo. *ampuđda*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_l

Posição da síncope: Terceira Sílabas (SM / SNPT)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /am-/

▪ *anceps* ‘que aponta para duas direções opostas’

Análise

ancipes > anceps

Leumann (1977: 96, 386)

PIt. **ambi-caputs > LA ancipes > anceps*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: p_s

Posição da síncope: Última Sílabas (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /an-/

▪ *antae* ‘pilastras quadradas’

Análise

**anatā- > antae*

Leumann (1977: 97)

**anatā- > antae*

de Vaan (2008: 44)

PIE **h²enh_xth²-* ou **h²nh_xtah²-* (a primeira reconstrução parece mais plausível)

Weiss (1993:46)

**anatae > antae*

PIE **h²enh_xtah²-* ou **h²nh_xtah²-* (a segunda reconstrução parece mais plausível)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: n_t

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /a-/

▪ *aper* ‘javali’

Análise

**apro- > aper*

Nishimura (2008: 150)

**apro- > aper*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_C

Posição da síncope: Última Sílab (SF)

Quantidade de Sílabas: 2

Sílab (a Tônica: /a-/

▪ **ārdus** ‘árido’

Análise

āridus > *ardus*

Nishimura (2008: 199)

āridus > *ardus*

Ocorrências em Plauto.

Data: Latim Clássico

de Vaan (2008:53)

Plt. *ās-ē- ‘estar seco’

āridus x *ardus* (Ocorrência em Plauto)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_d

Posição da síncope: Segunda Sílab (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílab (a Tônica: /a-/

▪ **ars** ‘habilidade’

Análise

**artis* > **arts* > *ars*

Leumann (1977: 96, 386)

**artis* > **arts* > *ars*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_s

Posição da síncope: Última Sílab (SF)

Quantidade de Sílabas: 2

Sílab (a Tônica: /ar-/

▪ **asellus** ‘burro’

Análise

Diminutivo

Nishimura (2008: 145)

**asene-lo-* > *asellus*

Diminutivo de *asinus* ‘asno’

Substantivo com o sufixo diminutivo *-
le/o- próximo a soantes.

Data: Latim Pré-Clássico

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: n_l

Posição da síncope: Terceira Sílab (SM / SNPT)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílab (a Tônica: /a-/

▪ **auceps** ‘caçador de pássaros’

Análise

**auī-kap-s* > *auceps*

Nishimura (2008: 19, 117)

**auī-cap-s* > *auceps*

Weiss (2009: 261)

**auī-kap-s* > *auceps*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: ū_c

Posição da síncope: Segunda Sílab (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílab (a Tônica: /a-/

▪ **audēre** ‘ousar’

Análise

**auīd-ē-* > *audēre*

Nishimura (2008:118)

**auid-ē-* (de *auidus* 'ganacioso') >
audēre

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: *u_d*

Posição da síncope: Segunda Sílabas
(SM)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /a-/

▪ *auillus* 'carneirinho'

Análise

Diminutivo

**ag^u-nelo-* > **ag^uŋlo* > *auillus*

Ernout & Meillet (1959:15)

Derivativos: *agniculus*, *agnicellulus*,
agnicellus 'carnerinho'

de Vaan (2008:30)

PIE **h₂eg^u-no* 'carneiro'

PIt. **ag^u-no-* 'carneiro'

**ag^u-nelo-* > **ag^uŋlo* > *auillus*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: *n_l*

Posição da síncope: Terceira Sílabas
(SM / SNPT)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /a-/

▪ *balneum* 'balneário'

Análise

balineum > *balneum*

Leumann (1977: 96)

balineum > *balneum*

Cognato: gr. βαλανεῖον 'balneário'

Nishimura (2008:1, 118, 127, 134)

**balaneom* > *balineum* > *balneum*

Derivativo: *balneātor* 'trabalhador em
casa de banho'

Cognato: gr. βαλανεῖον 'balneário'

Data: Final do Latim Pré-Clássico

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: *l_n*

Posição da síncope: Segunda Sílabas
(SM)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /ba-/

▪ *bellus* 'belo'

Análise

Analogia em diminutivo.

Nishimura (2008:146)

**duene-lo-* > *bellus*

Diminutivo de **dueno* > *bonus* 'bom'

Substantivo com o sufixo diminutivo **-le/o-* próximo a soantes. Diminutivo trissilábico em analogia a diminutivos com sequência de sílabas breves.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: *n_l*

Posição da síncope: Segunda Sílabas
(SM / A)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /dye-/

▪ *caldus* 'quente'

Análise

calidus > *caldus*

Nishimura (2008:119)

calidus > *caldus*

Síncope resulta em *-ld-* > *-ll-* como no caso de Lat. *Pollūx*

Ocorrência em Lucílio.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_d

Posição da síncope: Segunda Sílab (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílab (Tônica: /ka-/

▪ *calficiō* ‘aquecer’

Análise

calē-faciō > com abreviamento jâmbico

caleficiō > *calficiō*

Leumann (1977: 97, 160)

calfacio, acs. *calcem*

Cognato: Gr. χαλιξ ‘cal’

Nishimura (2008: 19, 119)

**kālēfakiō* (ou **kalēfākiō*) > *cāleficiō* (ou *caleficiō*) > com síncope *calficiō*

Data: Latim Clássico

Weiss (2009: 124)

calē-faciō > com abreviamento jâmbico

caleficiō > *calficiō*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_f

Posição da síncope: Segunda Sílab (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílab (Tônica: /ka-/

▪ *caper* ‘bode’

Análise

**kapros* > *caper*

Nishimura (2008: 150)

**kapros* > *caper*

Ocorrência em Catulo.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_s#

Posição da síncope: Última Sílab (SF)

Quantidade de Sílabas: 2

Sílab (Tônica: /ka-/

▪ *catella* ‘corrente leve’

Análise

Diminutivo

Nishimura (2008: 145-146)

**katēne-lā-* > *catella*

Diminutivo de *catēna* ‘corrente’

Substantivo com o sufixo diminutivo **-le/o-* próximo a soantes.

Data: Latim Pré-Clássico

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: n_l

Posição da síncope: Terceira Sílab (SM / SNPT)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílab (Tônica: /ka-/

▪ *catellus* ‘filhote de cachorro’

Análise

Diminutivo

Nishimura (2008: 145)

**katēle-lā-* > *catellus*

Diminutivo de *catulus* ‘jovem animal’

Substantivo com o sufixo diminutivo **-le/o-* próximo a soantes.

Data: Latim Pré-Clássico

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_l

Posição da síncope: Terceira Sílabas
(SM / SNPT)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /ka-/

▪ *catillus* ‘vasilha pequena’

Análise

Analogia em diminutivo.

Nishimura (2008: 146)

**katīne-lā- > catillus*

Diminutivo de *catīnus* ‘vasilha grande’

Substantivo com o sufixo diminutivo *-le/o- próximo a soantes. Analogia a diminutivos com sequência de sílabas breves.

Data: Latim Pré-Clássico

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: n_l

Posição da síncope: Terceira Sílabas
(SM / A)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /ka-/

▪ *cautum* (sup. de *caueō*) ‘tomar conta’

Análise

**caūtum > cautum*

Leumann (1977: 97)

**caūtum > cautum*

Supino do verbo **kouēō > caueō*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: u_t

Posição da síncope: Segunda Sílabas
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /ka-/

▪ *celeber* ‘ocupado’

Análise

**kelebris > *kelebirs > *kelebers > *keleberr > celebr*

Não há síncope.

Leumann (1977: 98)

**celebris > *celebrs > *celebers > *celeberr > celebr*

Ambiente Fonológico:

Posição da síncope: Não há síncope (N)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /ce-/

▪ *celer* ‘rápido’

Análise

**keleris > *keleirs > *kelers > *kelerr > celer*

Não há síncope.

Ambiente Fonológico:

Posição da síncope: Não há síncope (N)

Quantidade de Sílabas: 2

Sílabas Tônicas: /ce-/

▪ *cernō* ‘peneirar; distinguir’

Análise

PIt. **krinō > *kirno > *kerno > cernō*

Não há síncope.

Nishimura (2008: 150)

**krinō > cernō*

V > 0 / *CrV-

Síncope na sílaba tônica.

Ambiente Fonológico:

Posição da síncope: Não há síncope (N)

Quantidade de Sílabas: 2

Sílaba Tônica: /kri-/

▪ *certus* ‘certo’

Análise

PIt. *krito > *kirto > *kerto > *certus*

Não há síncope.

Nishimura (2008: 150)

*krito- > *certus*

V > 0 / *CrV-

Síncope na sílaba tônica.

Ambiente Fonológico:

Posição da síncope: Não há síncope (N)

Quantidade de Sílabas: 2

Sílaba Tônica: /kri-/

▪ *cette* (imp. de *cēdō*) ‘retirar’

Análise

*kedate > *cette*

Mudança ocorrida na passagem do
Proto-Itálico > Latim Antigo

Nishimura (2008:118)

PIE **ke-dh₃-te*

PIt. *kedate

*kedate > com síncope *cette*

Ocorrências em Plínio e Ênio.

Data: Latim Pré- Clássico

Weiss (2009: 123)

*kedate > *cette*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: d_t

Posição da síncope: Segunda Sílab

(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílaba Tônica: /ke-/

▪ *cistella* ‘caixinha’

Análise

Diminutivo

Nishimura (2008: 145)

*kistele-lā- > *cistella*

Diminutivo de *kistelā- > *cistula*
‘caixa’

Substantivo com o sufixo diminutivo *-
le/o- próximo a soantes.

Data: Latim Pré-Clássico

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_l

Posição da síncope: Terceira Sílab
(SM / SNPT)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílaba Tônica: /kis-/

▪ *citrā* (adv./prep.) ‘desse lado’

Adjetivos construídos com o sufixo

*-tero apresentam síncope vocálica.

Análise

citer- > **citr-* > *citrā*

Leumann (1977: 97)

citer- > **citr-* > *citrā*

Cognato itálico: lat. *citerior* ‘mais
perto’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_r

Posição da síncope: Segunda Sílab
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /ki-/

▪ *colmine* ‘pico’

Análise

Difícil de decidir se ocorreu síncope ou epêntese.

Nishimura (2008:129)

columine > *colmine*

Cognato: lat. *columen* ‘pico’

Incerto

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_m

Posição da síncope: Segunda Sílab
(SM / IN)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /ko-/

▪ *columnus* ‘de avelã’

Análise

**koselinos* > **korelinos* > **korlinos* >

**kolrinos* > **kolrunos* > *columnus*

Não há síncope.

Nishimura (2008:143)

**koselinos* > **korelinos* > **korelnos* >

**corulnus* > *columnus*

Cognato: lat. *corŭlus* ‘aveleira’

Vogais não-acentuadas que não são imediatamente pós-tônicas também estão sujeitas a sofrer síncope, e a presença de aproximantes (ressonantes) parece auxiliar o processo.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_n

Posição da síncope: Não há síncope (N)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /ko-/

▪ *concutiō* ‘agitar’

Análise

**con-quatiō* > com síncope *concutiō*

Leumann (1977: 97)

**con-quatiō* > *concutiō*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: ŭ_t

Posição da síncope: Segunda Sílab
(SM)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /kon-/

▪ *contrā* (adv./prep.) ‘contra’

Análise

Adjetivos construídos com o sufixo *-tero apresentam síncope vocálica.

conter- > **contr-* > *contrā*

Leumann (1977: 97)

conter- > **contr-* > *contrā*

Cognato itálico: osc. *contrud* ‘contra’

Untermann (2000: 417)

Cognato itálico: osc. *contrud* (abl., sg., m./n.) < **kom-tero-*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_r

Posição da síncope: Segunda Sílab
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílaba Tônica: /kon-/

▪ **corōlla** ‘pequena coroa’

Análise

Analogia em diminutivo.

Nishimura (2008: 146)

**korōne-lā- > corōlla*

Diminutivo de *corōna* ‘coroa de flores ou de metais preciosos’

Substantivo com o sufixo diminutivo **-le/o-* próximo a soantes. Analogia a diminutivos com sequência de sílabas breves.

Data: Latim Pré-Clássico

Weiss (2009: 166)

**korōn-ela > corōlla* (de *corōna*)

Exemplo de encontro consonantal no qual **-nl-* > *-ll-*.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: n_l

Posição da síncope: Terceira Sílab (SM / A)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílaba Tônica: /ko-/

▪ **culmus** ‘caule’

Análise

Incerto

Nussbaum (1997:196-197)

**kolamos > com síncope *kolmos > culmus*

Obs: Talvez a laringal nunca tenha sido vocalizada, pois está entre soantes depois de um grau /o/.

Schrijver (1991:327)

É mais provável que a laringal nunca tenha sido vocalizada.

de Vaan (2008:150)

PIE **kolh₂-mo-*

PIt. **kol(a)mo-*

Cognatos: gr. κάλαμος ‘vegetação’; rus. *solóma* ‘caule’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_m

Posição da síncope: Segunda Sílab (SM / IN)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílaba Tônica: /ko-/

▪ **cunctus** ‘todo; inteiro’

Análise

con-citus (de *con-cieo*) > *cūnctī*, *cūnctārī*

Talvez se trate de uma analogía.

Ernout & Meillet (1959: 157)

Os latinos explicavam a etimologia de *cūnctī* (pl. de *cunctus*) como proveniente de *co-iunctī*. Fonologicamente, essa etimologia não se sustenta. *con-citos* (de *cieō* ‘mover’) parece mais coerente.

Data: Latim Antigo e Clássico

Leumann (1977: 217)

con-citus (de *con-cieo*) > *cūnctī*, *cūnctārī*

Sihler (1995: 145)

Não possuía etimologia até a descoberta do Hit. *pa-na-ku-uš* ‘todo, senado’, de

tema r/n; a partir dessa descoberta, reconstruiu-se a forma **ponk^wu-*. Nessa perspectiva, a palavra úmbria **punes** pode ser reinterpretada como ‘todos’, em vez de ‘grupos de cinco’.

de Vaan (2008:154)

PIE **ki-to-* ‘misturado’

PIt. **kom-kito-* ‘coletado’

Obs: Como síncope não é comum em temas em -o-, parece ser uma analogia.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: k_t

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM / IN)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /kon-/

▪ **dexter** ‘direita’

Análise

Adjetivos construídos com o sufixo **-tero* apresentam síncope vocálica.

**deksiteros* > **deksteros* > *dexter*

Duas síncofes, sendo que a primeira síncope deve ter sido a da segunda sílaba.

Nishimura (2008: 19, 116-117, 127, 134)

**deksiteros* > *dexter*

Cognato: Gr. δεξιτερός

Data: Latim Pré-Clássico

Sihler (1995: 68, 199, 239)

**deksiteros* > *dexter* : A vogal sincopada se encontra na sílaba que

deveria ter sido acentuada de acordo com o sistema histórico.

A síncope criou o encontro consonantal -xt-.

de Vaan (2008: 168)

PIE **deks-tero-*

PIt. **dekstero-*; **dek(i)wo-* ‘direita; mão direita’

Cognatos Itálicos: Umb. *destrame* (acs., sg., f.), Umb. **testru**, **testre**, Osc. **destrst** (nom., sg. + **íst**), Umb. *desua*, *dersua* ‘direita’

Cognatos: scr. *dákṣina-* ‘direita’, gr. δεξιτερός ‘(para o lado) direito’, mic. *de-ki-si-wo* /*deksiwos*/

Weiss (2009: 123)

**deksiteros* > *dexter*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: s_t, t_r

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM), Terceira Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /de-/

▪ **disciplīna** ‘instrução’

Análise

discipulīna > *disciplīna*

Nishimura (2008: 119)

discipulīna > *disciplīna*

Data: Latim Clássico

de Vaan (2008:172)

PIt. **kapelo-* ‘aquele que toma’

Derivativo: *disciplinōsus* ‘bem treinado’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: p_l

Posição da síncope: Terceira Sílabas

(SM / SNPT)

Quantidade de Sílabas: 5

Sílabas Tônicas: /dis-/

- **doctus** (part. passado de *doceō*)
'informar'

Análise

**dokitos* > *doctus*

Leumann (1977: 96)

**dokitos* > *doctus*

Reconstrução baseada no paralelo com
monitus (part. passado de *moneō*)
'aconselhar'

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: k_t

Posição da síncope: Segunda Sílabas
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /do-/

- **expergīscor** 'acordar'

Análise

**ex-pro-grīscor* > *expergiscor*

Leumann (1977: 97)

**ex-pro-grīscor* > *expergiscor*

Cognato: av. *fra-γrīsəmnō* 'desperto'

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_g

Posição da síncope: Segunda Sílabas
(SM)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /ex-/

- **extrā** (adv./prep.) 'fora de'

Análise

Adjetivos construídos com o sufixo *-
tero apresentam síncope vocálica.

extera > *extrā*

Leumann (1977: 97)

extera > *extrā*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_r

Posição da síncope: Segunda Sílabas
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /ex-/

- **faber** 'artesão'

Análise

**fabros* > *faber*

Nishimura (2008: 150)

**fabros* > *faber*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_s

Posição da síncope: Última Sílabas (SF)

Quantidade de Sílabas: 2

Sílabas Tônicas: /fa-/

- **facultās** 'capacidade'

Análise

Leumann (1977: 97)

**facli-tās* > **facłtās* > *facultās*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_t

Posição da síncope: Segunda Sílabas
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /fa-/

▪ **Falernus** ‘falêrnio’

Análise

Talvez não se trate de um caso de síncope em vogal não-imediatamente pós-tônica:

*falisinós > *falerinos > > falrinos > falirnos > falernos > Falernus

Nishimura (2008:143-144)

*falisinós > *falerinos > Falernus

Cognato: lat. *Faliscus* ‘um tipo de salsicha; de Falerii’

Vogais não-acentuadas que não são imediatamente pós-tônicas também estão sujeitas a sofrer síncope, e a presença de aproximantes (ressonantes) parece auxiliar o processo.

Ambiente Fonológico:

Posição da síncope: Não há síncope (N)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /fa-/

▪ **ferculus** ‘bandeja (para alimentos)’

Análise

*fericulus vs ferculum

Nishimura (2008:118-119)

praefericulus vs ferculum

Cognatos: gr. φαρέτρα ‘aljava’, scr.

bharī-/bhari- (< *b^herH-)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_k

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /fe-/

▪ **ferre, ferrem, fert, fers** do verbo *ferō* ‘carregar’

Análise

*feres > fers (2^a sg., pres., ind.)

*feresi > ferre (inf.)

Possivelmente se trata de síncope regular do paradigma do verbo.

Meiser (1998: 224)

*ferete > ferte, *feresem > *fererem > ferrem (subj., impf)

Cognato itálico: Sab. *FERET*

Sihler (1995: 68)

A síncope da sílaba final em *feres e *feret parece ser regular; e possivelmente é o único verbo da terceira conjugação cuja raiz termina em -r.

de Vaan (2008:213-4)

PIE *b^her-e/o

PIt. *fere/o

Presente do Indicativo: *feres > fers,

*feret > fert, *feretis > fertis

Infinitivo: *feresi > ferre

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_s; r_t

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM), Última Sílabas (SF)

Quantidade de Sílabas: 2, 3

Sílabas Tônicas: /fe-/

▪ ***fēstra-*** ‘janela’

Análise

fenestra > *fēstra-*, *fē(n)stra*

Incerto

Meiser (2002: 66)

fenestram > *fēstram*

Nishimura (2008: 137, 140)

fenestra > *fēstra-*, *fē(n)stra*

Síncope em sílaba fechado com coda em /-s/. Silabificação –SC(R)-.

Ocorrência em Plauto.

Data: Latim Pré-Clássico

Oxford Dictionary (1968: 685)

festra (Ênio)

fenstra (Plauto)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: n_s

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM / IN)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílaba Tônica: /fe-/

▪ ***figlīna*** ‘oficina de vasos de argila’

Análise

figulu- > *figlīna*

Leumann (1977: 96)

figulus vs *figlīna*

Data: Latim Pré-Clássico

Oxford Dictionary (1968: 699)

figil- (Varrão)

figul- (Plínio)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: g_l

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílaba Tônica: /fi-/

▪ ***fiscella*** ‘cestinha’

Análise

Diminutivo

Nishimura (2008: 145)

**fiscene-lā-* > *fiscella*

Diminutivo de **fiscus* > *fiscina* ‘cesta’ (Ocorrência em Catão)

Substantivo com o sufixo diminutivo *-le/o- próximo a soantes.

Data: Latim Pré-Clássico

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: n_l

Posição da síncope: Terceira Sílabas (SM / SNPT)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílaba Tônica: /fis-/

▪ ***flagellum*** ‘chicote’

Análise

**flagrelo-* > *falgrlo-* > *flagellum*

Nishimura (2008: 147)

**flagrelo-* > *flagellum*

Diminutivo de *flagrum* ‘chicote’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_l

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílaba Tônica: /fla-/

▪ **forceps** 'pinça'

Análise

*formo-kap- > *formkap- > fórceps

Mudança ocorrida na passagem do
Proto-Itálico > Latim Antigo

Nishimura (2008:117)

*formo-kap- > *formkap- > forceps

Data: Latim Pré-Clássico

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: m_k

Posição da síncope: Segunda Sílabas
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /for-/

▪ **frīgdārium** 'despensa fria'

Análise

*frīgi- > com síncope frīgdārium

Nishimura (2008: 126)

*frīgi- > com síncope frīgdārium

Cognato: lat. *frīgidārius*

Data: Latim Literário

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: g_d

Posição da síncope: Segunda Sílabas
(SM)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /fri-/

▪ **gaudeō** 'estar contente'

Análise

PIt. *gāuep-ē- > gaudeō

Leumann (1977: 97)

gaudeō vs *gāuisus*

de Vaan (2008:255)

PIE *géh₂u-ed^h- 'regozijar'

PIt. *gāuipō- (adj.) ou *gāuep-ē- (verbo)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: u_p

Posição da síncope: Segunda Sílabas
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /ga-/

▪ **hālō** 'emitir fragrância'

Análise

-Vnsl- > Vl: *an-an-slō 'eu estou
ofegante' > *an-enslō > an(h)elō (de
(h)ālō)

Mudança ocorrida na passagem do
Proto-Itálico > Latim Antigo

Schrijver (1991: 44)

*h₂enh₁-sl- > *anaslā- > anslā

*h₂nh₁-sl- > *nēslā- > aneslā (sob a
influência de *anaslā-)

Dois desenvolvimentos diferentes a
partir de uma mesma raiz, mas depois o
segundo desenvolvimento é
contaminado pelo primeiro. O h- parece
ter sido inserido posteriormente, por
pura caracterização ou por analogia a
hiāre 'bocejar'.

de Vaan (2008:279)

PIE *h₂enh₁-slo- 'respiração'

PIt. *anaslo- 'respiração'

Weiss (2009: 177)

-Vnsl- > *Vl*: **an-an-slō* ‘eu estou ofegante’ > **an-enslō* > *an(h)elō* (de *(h)ālō*)

Cognato: scr. *ániti* ‘respirar’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: n_s

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /a-/

▪ *Herclēs* ‘Hércules’

Análise

**Hēracles* > *Herclēs*

Leumann (1977: 96)

**Hēracles* > *Herclēs*

Cognato: gr. Ἡράκλῆς ‘Hércules’

Oxford Dictionary (1968: 791)

hercle (*erclē*), *hercule*: interjeição em forma de apelo a Hércules.

Herculēs (Plauto, Varrão, Cícero, Catulo)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_k

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /he-/

▪ *hībernus* ‘relativo ao inverno’

Análise

**ǵ^heimr-ino-* > **hībrinos* > **hībirnos* > *hībernus*

Não há síncope.

Nishimura (2008: 147)

**ǵ^heimr-ino-* > **hībrinos* > com síncope *hībernus*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_n

Posição da síncope: Não há síncope (N)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /hī-/

▪ *hortārī* (part. passado de *hortor*) ‘exortar’

Análise

horitā- > *hortārī*

Leumann (1977: 96)

horitātur, *horitur* vs *hortārī*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_t

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /ho-/

▪ *hospes* ‘hóspede’

Análise

**hosti-pot-s* > **hospus* > *hospes*

Nishimura (2008:117)

**hosti-pot-s* ‘potencial inimigo/hóspede’ > **hospus* > *hospes*

Data: Latim Pré-Clássico

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_p

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílaba Tônica: /hos-/

- *īlignus* ‘feito de azinheira ou da sua madeira’

Análise

Talvez não se trate de um caso de síncope em vogal não-imediatamente pós-tônica:

**īlik-ino-s > *īlkinos > *īliknos > īlignus*

de Vaan (2008:298)

Sem etimologia

**īlik-ino-s > *īliknos > īlignus*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_k

Posição da síncope: Segunda Sílab (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílaba Tônica: /ī-/

- *imber* ‘chuva’

Análise

PIt. **mb^hris > *embris > *embirs > *embers > *emberr > imber*

Não há síncope.

Nishimura (2008: 150)

**mb^hris > *embris > imber*

Cognato: véd. *abhrá-* ‘tempo nublado’

Ambiente Fonológico:

Posição da síncope: Não há síncope (N)

Quantidade de Sílabas: 2

Sílaba Tônica: /em-/

- *īmus* ‘parte mais baixa’

Análise

*inferus > *inf-mo > īmus*

Ernout & Meillet (1959: 311)

Cognato itálico: osc. *imad*

Parece ter passado por um processo semelhante ao de *summus* (a partir de *superus*), *īmus* teria vindo de *inferus*, ou seja: **inf-mo > īmus*. No entanto, o /i/ inicial não se explica na forma em osco, a menos que se entenda como um empréstimo do latim.

de Vaan (2008: 300)

WH e Meiser defendem que *īmus* seria uma remodelagem de *īnfimus* em comparação a *summus*.

Untermann (2000: 341)

É discutível se a forma osca *imad* (abl. sg. f.) é cognata de *īmus*, e se esses termos foram construídos do mesmo modo que *summus* (a partir de *superus*).

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: f_m

Posição da síncope: Segunda Sílab (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílaba Tônica: /in-/

- *infrā* (adv./prep.) ‘abaixo’

Análise

infera > infrā

Leumann (1977: 97)

infera > infrā

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: f_r

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /in-/

▪ *integer* ‘intocado’

Análise

**entagos* > *integer*

Nishimura (2008: 150)

**entagos* > *integer*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_s

Posição da síncope: Última Sílabas (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /en-/

▪ *iūgrā* (tipo de medida de terra, equivalente aproximadamente a dois terços de um acre)

Análise

iūgera > *iugrā*

Leumann (1977: 97)

iūgera > *iugra*

Ocorrência em Varrão

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: g_r

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /iū-/

▪ *iuncus* ‘junco’

Análise

**ioiniko*- > **ioinko*- > **iūnko*- > *iuncus*

Mudança ocorrida na passagem do Proto-Itálico > Latim Antigo

de Vaan (2008: 313)

PIt. **ioiniko*-

Derivativo: *iuniperus* (estranhamente não apresenta síncope) ‘junípero’

Walde & Hoffmann (1954: 729-730)

**ioiniko*- > **ioinko*- > **iūnko*- > *iuncus*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: n_k

Posição da síncope: Terceira Sílabas (SM / SNPT)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /i-/

▪ *iūs* ‘lei’

Análise

ioquestod > *iūstus*

Mudança ocorrida na passagem do Proto-Itálico > Latim Antigo

de Vaan (2008: 316- 317)

PIE **h₂oi-u*

PIt. **ioyos*, **ioyes* ‘juramento; lei’, **ioyesto*- ‘justo’, **ioyes-ā-je* ‘jurar’, **ioyesago*- ‘disputa’, **ioye-dik*- ‘julgar’

**ieyos* > **ioyos* > *iūs*

ioquestod > *iūstus*

Data: Latim Antigo

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: y_s

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 2

Sílabas Tônicas: /i-/

▪ ***iuxtā*** (adv./prep.) ‘perto de’

Análise

**iūgVstād* > *iuxtā*

Mudança ocorrida na passagem do Proto-Itálico > Latim Antigo

de Vaan (2008: 318)

PIE **(H)ieug-s* ‘jungir’

Plt. **jougVsto-*

A preservação do */-kst-/* aponta para síncope de **iūgVstād* (abl., sg.)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: g_s

Posição da síncope: Segunda Sílab (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílab Tônica: */iu-/*

▪ ***lārdī*** ‘toucinho’

Análise

Possivelmente: *lāridī* > *lārdī*

Nishimura (2008: 126)

lāridī > *lārdī*

Oxford Dictionary (1968: 1003)

lāridum vs *lārdum*

Cognato: gr. *λαρινός* ‘gordura’

de Vaan (2008:327-328)

Há várias etimologias sugeridas: 1) *laies-idos* que resultaria normalmente em **laeridus* (Meiser: 1998: 88); 2) Empréstimo do grego *λᾱρῖνος* ‘gordura’, o qual poderia ter sua origem em *λαρός* ‘delicioso’.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_d

Posição da síncope: Segunda Sílab (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílab Tônica: */la-/*

▪ ***libella*** ‘pequena moeda de prata’

Análise

Diminutivo

Nishimura (2008: 147)

**librelā-* > *libella*

Diminutivo de *libra* ‘libra’ (medida de peso)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_l

Posição da síncope: Segunda Sílab (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílab Tônica: */lī-/*

▪ ***libellus*** ‘livreto’

Análise

Diminutivo

Nishimura (2008: 147)

**librelo-* > *libellus*

Diminutivo de *liber* ‘que tem o status de livre’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_l

Posição da síncope: Segunda Sílab (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílab Tônica: */li-/*

▪ ***macellus*** ‘chuva fina’

Análise

Diminutivo

Nishimura (2008: 147)

**makrelo-* > *macellus*

Diminutivo de *macer* ‘magro’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_l

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônica: /ma-/

▪ ***malleus*** ‘machado’

Análise

**molalo-* > perda de arredondamento do

**o* depois de *m-* **malaleos-* > *malleus*

de Vaan (2008: 360)

PIE **molH-tlo-* ‘machado’

PIt. **molalo-* ‘machado’

**molalo-* > **malaleos-* > *malleus*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_l

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônica: /ma-/

▪ ***maxumus*** ‘máximo’

Análise

**mag-isṃmo-* > **magisomo* > *maxumus*

Bakkum (2009A: 102)

Cognato itálico: fal. *maximo* (MF89),

maxom[o] (MF98) ‘máximo’ <

**magisomo*

Nishimura (2008:117)

**mag-isṃmo-* > **magisomo* > *maxumus*

Data: Latim Pré-Clássico

de Vaan (2008:73-74)

**magisomo* > *maxumus*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: g_s

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônica: /ma-/

▪ ***mēns*** ‘mente’

Análise

**mentis* > **ments* > *mēns*

Leumann (1977: 98)

PIE **mṃtis* > **mentis* > **ments* > *mēns*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_s

Posição da síncope: Última Sílabas (SF)

Quantidade de Sílabas: 2

Sílabas Tônica: /men-/

▪ ***mīscellus*** ‘híbrido’

Análise

**minuscellus* > *mīscellus*

Nishimura (2008: 137, 139-140)

**minuscellus* > *mīscellus*

Síncope em sílabas fechadas com coda em /-s/. Silabificação –SC(R)–

(**mi.nu.scel.lus*). Data: Latim Pré-Clássico

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: n_s

Posição da síncope: Segunda Sílab (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílab Tônica: /mi-/

▪ *misellus* ‘pobrezinho’

Análise

Diminutivo

Nishimura (2008: 145)

**misere-lo/ā-* > *misellus*

Diminutivo de *miser* ‘pobre’

Substantivo com o sufixo diminutivo *—*le/o-* próximo a soantes.

Data: Latim Pré-Clássico

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_l

Posição da síncope: Terceira Sílab (SM / SNPT)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílab Tônica: /mi-/

▪ *miser* ‘pobre’

Análise

**miseros* > **misers* > *miser*

Leumann (1977: 98)

**míseros* > *miser*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_s

Posição da síncope: Última Sílab (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílab Tônica: /mi-/

▪ *misertus* (part. passado de *miseror*) ‘sentir compaixão’

Análise

miseritus > *misertus*

Leumann (1977: 96)

miseritus vs *misertus* est

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_s

Posição da síncope: Terceira Sílab (SM / SNPT)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílab Tônica: /mi-/

▪ *mōnstrum* ‘sinal sobrenatural’

Análise

Não há síncope

Nishimura (2008: 137, 140)

**monestrum* > *mōnstrum*

Síncope em sílab fechado com coda em /-s/. Silabificação –SC(R)-.

Data: Latim Pré-Clássico

Weiss (2010: 395n131)

lat. *mōnstrum* < **mont-tlom*,

raíz **mont-* ‘mostrar’

Cognato itálico: SP. **múfqlúm**

Não há síncope

Ambiente Fonológico:

Posição da síncope: Não há síncope (N)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílab Tônica: /mon-/

▪ *mors* ‘morte’

Análise

**mortis > *morts > mors*

Leumann (1977: 98)

PIE **m̥rtis > *mortis > *morts > mors*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_s

Posição da síncope: Última Sílab (SF)

Quantidade de Sílabas: 2

Sílab Tônica: /mor-/

▪ *necdum* ‘ainda não’

Análise

neque-dum > necdum

Leumann (1977: 96)

neque-dum > necdum

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: u_d

Posição da síncope: Segunda Sílab (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílab Tônica: /ne-/

▪ *niger* ‘preto’

Análise

**nigros > niger*

Nishimura (2008: 150)

**nigros > niger*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_s

Posição da síncope: Última Sílab (SF)

Quantidade de Sílabas: 2

Sílab Tônica: /ni-/

▪ *nōnus* ‘nono’

Análise

**nouenos > nōnus*

Leumann (1977: 97)

**nouenos > nōnus*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: ŋ_n

Posição da síncope: Segunda Sílab (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílab Tônica: /nō-/

▪ *nostro-* ‘nosso’

Análise

Adjetivos construídos com o sufixo **-tero* apresentam síncope vocálica.

**noster- > nostro-*

Leumann (1977: 97)

nostro- vs gr. ἡμέτερος ‘nosso’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_r

Posição da síncope: Segunda Sílab (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílab Tônica: /ne-/

▪ *nouellus* ‘jovem’

Análise

Diminutivo

Nishimura (2008: 145)

**nouele-lo/ā- > nouellus*

Diminutivo de *nouus* ‘jovem’

Substantivo com o sufixo diminutivo **-le/o-* próximo a soantes.

Data: Latim Pré-Clássico

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_l

Posição da síncope: Segunda Sílabas
(SM / SNPT)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /no-/

▪ *nuncupāre* ‘nomear’

Análise

**nōmicupāre* > *nuncupāre*

Leumann (1977: 97)

**nōmicupāre* > *nuncupāre*

Síncope nos moldes de *agellus*.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: m_k

Posição da síncope: Segunda Sílabas
(SM)

Quantidade de Sílabas: 5

Sílabas Tônicas: /nō-/

▪ *nūper* ‘recentemente’

Análise

**noyo-paros* > *nūper*

Mudança ocorrida na passagem do
Proto-Itálico > Latim Antigo

Nishimura (2008:116)

**noyo-paros* > *nūper*

Data: Latim Pré-Clássico

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: ŷ_p

Posição da síncope: Segunda Sílabas
(SM)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /no-/

▪ *(ob)iūrgō* ‘censurar’

Análise

**ob-iūrigō* > *(ob)iūrgō*

Nishimura (2008:119, 124)

**iōus-agō* > **iūrigō* > *iūrgō*

Data: Latim Clássico

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_g

Posição da síncope: Segunda Sílabas
(SM)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /iū-/

▪ *occa* ‘rastelo’

Análise

**oCVCa-* > **okta-* (ou **otka-*) > *occa*

de Vaan (2008:423)

Duas possibilidades de
desenvolvimento: 1) Hirt (1916:230):

**oketa* (PIE) > **okita* (Pré-Latim) >

**otika* > com síncope **otka* > *occa*; 2)

Empréstimo de algum dialeto itálico:

**oketa-* > **okta-* > *occa*

occāre ‘quebrar no chão’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_k ou k_t

Posição da síncope: Segunda Sílabas
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /o-/

▪ *ofella* ‘pedaço pequeno de carne’

Análise

Diminutivo

Nishimura (2008: 145)

**offele-lā- > offellā- > ofella*

Diminutivo de **offelā-* > *offula* ‘pedaço de carne’

Substantivo com o sufixo diminutivo **-le/o-* próximo a soantes.

Data: Latim Pré-Clássico

Oxford Dictionary (1968: 1244):

offula vs *offla* (Ocorrência em Petronio 56.8-56.9)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_l

Posição da síncope: Terceira Sílabas (SM / SNPT)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /o-/

▪ *officium* ‘trabalho’

Análise

**opi-fakiom > officium*

Leumann (1977: 96)

**opificium > officium*

opificīna (Ocorrência em Plauto)

Nishimura (2008:116)

**ópi-fakiom > officium*

Derivativos: *opifex* ‘artesão’, *opificīna* ‘desempenho de trabalho construtivo’, *opificium* (composição tardia)

Data: Latim Pré-Clássico

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: p_f

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 5

Sílabas Tônicas: /o-/

▪ *ōpiliō* ‘pastor’

Análise

**aui-pol-ó- > *aui-pol-o- > *áu-pol-o- > ōpiliō*

Mudança ocorrida na passagem do Proto-Itálico > Latim Antigo.

Nishimura (2008:1,19)

**h₂oui-polh₂-ó- > *oui-pol-ó- ‘condutor de ovelhas’ > *aui-pol-ó- > *áu-pol-o- > *áu-pol-o- > ōpiliō*

Data: Latim Pré-Clássico

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: ū_p

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: / aŭ-/

▪ *ornus* ‘cinzas’

Análise

**orinos > ornus*

Leumann (1977: 96)

**ozinos > *orinos > ornus*

Schrijver (1991:327)

**osenos > *orinos > ornus*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_n

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /o-/

▪ ***palmus*** ‘palma (da mão)’

Análise

**palamos* > *palmus*

**palamā* > *palma*

Nishimura (2008: 118)

PIE **p_hh₂-meh₂-*

PIt. **palamā*-

Cognatos: Gr. παλάμη, IrA. *lām* ‘mão’

Schrijver (1991:327)

**palamos* > *palmus*, **palamet-* > *palmes*, **palamā* > *palma*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_m

Posição da síncope: Segunda Sílab
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônica: /pa-/

▪ ***pars*** ‘parte’

Análise

**paratis* > **partis* > *pars*

Dupla síncope

Leumann (1977: 96)

**paratis*, -im > *pars*, *partim*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_t, t_s

Posição da síncope: Segunda Sílab
(SM), Última Sílab (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônica: /pa-/

▪ ***patella*** ‘pratinho’

Análise

Diminutivo

Nishimura (2008: 145)

**patane-lā-* > *patella*

Diminutivo de *patina* ‘prato; panela’

Cognato: gr. πατάβε

Substantivo com o sufixo diminutivo *-
le/o- próximo a soantes.

Data: Latim Pré-Clássico

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: n_l

Posição da síncope: Terceira Sílab (SM
/ SNPT)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônica: /pa-/

▪ ***paullus*** ‘pequeno’

Análise

Analogia em diminutivo.

Nishimura (2008: 146)

**paure-lo-* > *paullus*

Substantivo com o sufixo diminutivo *-
le/o- próximo a soantes. Diminutivo
trissilábico em analogia a diminutivos
com sequência de sílabas breves.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_l

Posição da síncope: Segunda Sílab
(SM / A)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônica: /pau-/

▪ ***pergō*** ‘continuar; avançar’

Análise

**perregō* > *pergō*

Nishimura (2008: 124)

* *perregō* > *pergō*

Data: Latim Literário

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_g

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /per-/

▪ *persōlla* ‘mascarazinha’

Análise

Analogia em diminutivo.

Nishimura (2008: 146)

**persōne-lā* > *persōlla*

Diminutivo de *persōna* ‘máscara’

Substantivo com o sufixo diminutivo *-le/o- próximo a soantes. Analogia a diminutivos com sequência de sílabas breves.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: n_l

Posição da síncope: Terceira Sílabas (SM / A)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /per-/

▪ *piger* ‘preguiçoso’

Análise

**pigros* > *piger*

Nishimura (2008: 150)

**pigros* > *piger*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_s

Posição da síncope: Última Sílabas (SF)

Quantidade de Sílabas: 2

Sílabas Tônicas: /pi-/

▪ *pōcillum* ‘pequena taça’

Análise

Analogia em diminutivo

Leumann (1977: 97)

**pōcle-lom* > *pōc̥llom* > *pōcillum*

Síncope nos moldes de *agellus*.

Nishimura (2008: 146)

**pōkle-lo-* > com síncope *pōcillum*

Substantivo com o sufixo diminutivo *-le/o- próximo a soantes. Diminutivo trissilábico em analogia a diminutivos com sequência de sílabas breves.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_l

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM / A)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /pō-/

▪ *Pollūx* ‘Pólux’

Análise

Mudança ocorrida na passagem do Proto-Itálico > Latim Antigo.

Leumann (1964: 84)

POLOCES (talvez o /-ld-/ esteja mal representado)

Nishimura (2008: 118)

**polud-* > com síncope **Pold* >

PODLOVQVEI

POLOCES (talvez o /-ld-/ esteja mal representado) > *Pollūx*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_d

Posição da síncope: Segunda Sílab (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílab Tônica: /po-/

▪ **pōnō** ‘colocar’

Análise

*posinō > *posnō > pōnō

Nishimura (2008: 118, 127, 134)

*posinō > *posnō > pōnō

Ocorrências em Plauto e Catão.

de Vaan (2008:479)

PIE *tk-i-n-(e/o-) ‘construir’; ‘viver’

PIt. *po-sine/o-

*po-sinō > com síncope *po-snō >

*poznō > ponō

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: s_n

Posição da síncope: Segunda Sílab (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílab Tônica: /po-/

▪ **pōpulneus/nus** ‘derivado de álamo’

Análise

pōpuli- > pōpulneus/nus

Nishimura (2008: 143-144)

pōpuli- > populneus/nus

Cognato: lat. *pōpulus* ‘árvore de álamo’

Vogais não-acentuadas que não são imediatamente pós-tônicas também estão sujeitas a sofrer síncope, e a presença de aproximantes (ressonantes) parece auxiliar o processo.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_n

Posição da síncope: Terceira Sílab (SM / SNPT)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílab Tônica: /po-/

▪ **porgō** ‘esticar-se’

Análise

*porrigō > porgō

Nishimura (2008: 124)

*porrigō > porgō

Data: Latim Literário

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_g

Posição da síncope: Segunda Sílab (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílab Tônica: /por-/

▪ **postrīdiē** (adv.) ‘dia seguinte’

Análise

Adjetivos construídos com o sufixo *-tero apresentam síncope vocálica.

postero- > postrī-diē

Leumann (1977: 96)

postero- > postrī-diē

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_r

Posição da síncope: Segunda Sílab
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /pos-/

▪ **postus** (part., perf., passado de *ponō*)
‘colocar’

Análise

positus > *postus*

Leumann (1977: 96)

positus > *postus*

Ocorrência em Lucrécio.

Outras formas: lat. *repostus* (Ocorrência
em Virgílio)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: s_t

Posição da síncope: Segunda Sílab
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /po-/

▪ **praecō** ‘anunciador’

Análise

**praidikō* > **praedkō* > *praecō*

de Vaan (2008:169)

**praidikō* > com síncope **praedkō* >
praecō

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: d_k

Posição da síncope: Segunda Sílab
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /prai-/

▪ **prīnceps** ‘líder’

Análise

**pri(s)mo-kap-s* > *prīnceps*

Leumann (1977: 96)

**pri(s)mo-kap-s* > *princeps*

Nishimura (2008:1,19, 117)

* *pri(s)mo-kap-s* > *prīnceps*

Data: Latim Antigo

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: m_k

Posição da síncope: Segunda Sílab
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /pri(s)-/

▪ **propter** (adv./prep.) ‘perto de’

Análise

**prope-ter* > *propter*

Leumann (1977: 96)

**prope-ter* > *propter*

Outras formas: lat. *prope*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: p_t

Posição da síncope: Segunda Sílab
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /pro-/

▪ **puer** ‘menino’

Análise

**pueros* > *puer*

Leumann (1977: 98)

**pueros* > *puer*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_s

Posição da síncope: Última Sílab (SF)

Quantidade de Sílabas: 2

Sílab (Tônica): /pue-/

▪ *puertia* ‘infância’

Análise

Incerto

Nishimura (2008:129)

pueritia > *puertia*

Incerto

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_t

Posição da síncope: Segunda Sílab (SM / SNPT / IN)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílab (Tônica): /pu-/

▪ *pugillus* ‘aquilo que pode ser pego na mão’

Análise

Analogia em diminutivo.

Nishimura (2008: 146)

**pugne-lo-* > *pugillus*

Diminutivo de *pugnus* ‘punho’

Substantivo com o sufixo diminutivo **-le/o-* próximo a soantes. Diminutivo trissilábico em analogia a diminutivos com sequência de sílabas breves.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: n_l

Posição da síncope: Segunda Sílab (SM / A)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílab (Tônica): /pug-/

▪ *purgō* ‘desculpar-se; purificar’

Análise

**purrigō* > *purgō*

Leumann (1977: 98)

Conjectura feita por Plauto (*Aulularia*, v. 753) **pūrigāre* > *pūrgāre*

Derivado de *pūrus* ‘puro’

Nishimura (2008: 124)

**purrigō* > *purgō*

Data: Latim Literário

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_g

Posição da síncope: Segunda Sílab (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílab (Tônica): /pur-/

▪ *quīndecim* ‘15’

Análise

**k^uink^ue-dekem* > *quīndecim*

Leumann (1977: 217)

**k^uiŋk^ue-decem* > *quīndecim*

Nishimura (2008: 19)

**k^uink^ue-dekem* > *quīndecim*

Data: Latim Pré-Clássico

Weiss (2009: 123)

O /i/ longo aparece provavelmente em analogia a *quīnque* e *quīntus*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: k^u_d

Posição da síncope: Segunda Sílab (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /k^uin-/

▪ **rāllus** ‘simples; ralo’

Análise

Analogia em diminutivo.

Nishimura (2008: 146)

*rāre-lo- > rāllus

Diminutivo de rārus ‘raro’

Substantivo com o sufixo diminutivo *-le/o- próximo a soantes. Diminutivo trissilábico em analogia a diminutivos com sequência de sílabas breves.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_l

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM / A)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /rā-/

▪ **reccidī** (pref. de recidō) ‘cair para trás’

Análise

*rekekadī > reccidī

Nishimura (2008: 117)

*rékekadī > reccidī

PIE *-kad-

Data: Latim Pré-Clássico

Rix (2001A: 318)

PIE *-kad- ‘cair’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: k_k

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /re-/

▪ **repperī** (perf. de reperiō) ‘descobrir’

Análise

*repepari > repperī

Nishimura (2008: 117)

*répepari > repperī

PIE *p_hh₃-

Data: Latim Pré-Clássico

Rix (2001A: 474)

PIE *perh₃- ‘fornecer’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: p_p

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /re-/

▪ **reppulī** (perf. de repellō) ‘repelir’

Análise

*repepalī > reppulī

Nishimura (2008: 117)

*répepalī > reppulī

PIE *p_hh₂-

Data: Latim Pré-Clássico

Rix (2001A: 470)

PIE *-pelh₂- ‘aproximar-se’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: p_p

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /re-/

▪ **retrō** (adv./prep.) ‘atrás’

Análise

Adjetivos construídos com o sufixo *-tero apresentam síncope vocálica.

*reter- > *retr- > retrō

Leumann (1977: 97)

*reter- > *retr- > retrō

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_r

Posição da síncope: Segunda Sílab (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílab Tônica: /re-/

▪ **rettulī** (supletivo perf. de referō)
‘carregar de volta’

Análise

*retetalī > rettulī

Nishimura (2008: 117)

*rétetalī > rettulī

PIE *-tlh₂-

Derivativo: *extetulisses* ‘colocaste os pés para fora’ (Ocorrência em Ênio)

Data: Latim Pré-Clássico

Rix (2001A: 622)

PIE *-telh₂- ‘levantar’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_t

Posição da síncope: Segunda Sílab (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílab Tônica: /re-/

▪ **Sabellus** ‘sabélico’

Análise

Analogia em diminutivo.

Nishimura (2008: 146)

*sabne-lo- > Sabellus

Cognatos itálicos: osc. **safinim**, lat. *Samnium* ‘região de Sâmnia’, lat. *Sabinus* ‘sabino’

Substantivo com o sufixo diminutivo *-le/o- próximo a soantes. Diminutivo trissilábico em analogia a diminutivos com sequência de sílabas breves.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: n_l

Posição da síncope: Segunda Sílab (SM / A)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílab Tônica: /sab-/

▪ **sacellus** ‘templo’

Análise

Diminutivo

Nishimura (2008: 147)

*sakrelo- > sacellus

Diminutivo de *sacer* ‘sagrado’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_l

Posição da síncope: Segunda Sílab (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílab Tônica: /sa-/

▪ **sacer** ‘sagrado’

Análise

SAKROS > *sakrs > sacer

Nishimura (2008: 147, 151)

SAKROS > **sak̥s* > *sacer*

**CrV-* > **C^orV* > **Cər^V* > *Cer*

de Vaan (2008: 532)

PIE **sh₂k-ro-* ‘sagrado’

Plt. **sakro-* ‘sagrado’

Cognatos itálicos: fal. **sacra** (nom., sg., f.), umb. **sacru** (nom., sg., f.), osc. σακοπο (nom., sg., f. ou nom., pl., n.), umb. *sacr* (nom., sg.), osc. **sakarakeís** (gen., sg.) ‘santuário’, osc. **sakrim** (acs., sg.).

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_s

Posição da síncope: Última Sílabas (SF)

Quantidade de Sílabas: 2

Sílabas Tônicas: /sa-/

▪ **sacerdōs** ‘sacerdote’

Análise

**sakro-dhōt-s* > **sak̥rdōs* > *sacerdōs*

Leumann (1977: 97)

**sakro-dhōt-s* > **sak̥rdōs* > *sacerdōs*

Formas mais antigas: *sacrilegus*

‘sacrilégio’, *sacrificāre* ‘sacrificar’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_d

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /sa-/

▪ **salūber** ‘salubre’

Análise

**salūbris* > *salūber*

Nishimura (2008: 150)

**salūbris* > *salūber*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_s

Posição da síncope: Última Sílabas (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /sa-/

▪ **scabillum** ‘banquinho’

Análise

Analogia em diminutivo.

Nishimura (2008: 146)

**scabne-lo-* > *scabillum*

Diminutivo de **scabno-* > *scamnum*
‘banco’

Substantivo com o sufixo diminutivo **-le/o-* próximo a soantes. Diminutivo trissilábico em analogia a diminutivos com sequência de sílabas breves.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: n_l

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM / A)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /scab-/

▪ **sēsqui-** (adv./pref.) ‘1 e ½’

Análise

**sēm̥is-qui* > *sēsqui*

Nishimura (2008: 137, 139-140)

**sēm̥is-qui* > *sēsqui-*

Síncope em sílabas fechadas com coda em /-s/. Silabificação –SC(R)–.

Data: Latim Pré-Clássico

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: m_s

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /sē-/

▪ *sēstertius* ‘2 e ½’

Análise

**sēm̄is-tertius* > **sēstertius*

Leumann (1977: 97)

**sēm̄is tertius* ‘a terceira metade’ > *sēstertius* ‘2 e ½’

Nishimura (2008: 137, 140)

**sēm̄is-tertius* > *sēstertius*

Síncope em sílaba fechado com coda em /-s/. Silabificação –sC(R)-. Diferente de outros exemplos com essa sequência, o termo não apresenta uma sequência de vogais breves.

Ocorrências em Varrão e Cícero.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: m_s

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /sē-/

▪ *sinciput* ‘meia-cabeça; bobó’

Análise

**sēm̄i-caput* > *sinciput*

Leumann (1977: 97)

**sū̄ino-caput* > **sēm̄i-caput* > *sinciput*

Nishimura (2008: 116)

**sēm̄i-caput* > *sinciput*

de Vaan (2008:91)

PIt. **kaput*

**sēm̄i-caput* > *sinciput*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: m_k

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /sē-/

▪ *socer* ‘sogro’

Análise

**soceros* > **socers* > **socerr* > *socer*

Leumann (1977: 98)

**soceros* > *socer*

Em Plauto, há tanto a forma *socerus*, quanto a forma *socer*.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_s

Posição da síncope: Última Sílabas (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ *subtrahō* ‘subtrair’

Análise

É difícil afirmar se a queda da vogal ocorreu antes ou depois da junção do prefixo ao verbo.

Nishimura (2008: 120)

**supo-trahō* > *subtrahō*

Obs: A queda da vogal final da preposição parece ter ocorrido quando a preposição foi associada ao verbo *trahō*,

ou seja, a queda ocorre praticamente em posição interna.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: p_t

Posição da síncope: Segunda Sílab (SM / IN)

Quantidade de Sílabas: 4 (com preposição)

Sílab Tônica: /su-/

▪ *suillus* ‘referente a porcos’

Análise

Analogia em diminutivo.

Nishimura (2008: 146)

**suīre-lā- > suillus*

Substantivo com o sufixo diminutivo *-le/o- próximo a soantes. Analogia a diminutivos com sequência de sílabas breves.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: p_t

Posição da síncope: Terceira Sílab (SM / SNPT / A)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílab Tônica: /su-/

▪ *summus* ‘o mais alto’

Análise

Possivelmente: **supVmo- > com síncope *summo- > summus*

de Vaan (2008: 600)

PIE **(h₂)up-m(H)o-*

Plt. **sup(a)mo-*

Duas possibilidades de desenvolvimentos:

1) **supamo- > com síncope *summo- > summus*

2) **sup-mo- > *summo- > summus*

Cognatos itálicos: umb. **sume** (loc., sg.), *somo* (abl., sg., m.)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: p_m

Posição da síncope: Segunda Sílab (SM / IN)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílab Tônica: /su-/

▪ *suprā* (adv./prep.) ‘em cima de’

Análise

SUPERA > suprā

Meiser (1998: 7)

Data: Latim Antigo

Nishimura (2008: 118)

SUPERA > suprā

**supēremos > suprēmus* ‘supremo’

Derivativo: *superus* ‘superior’

Data: Latim Pré-Clássico

Untermann (2000: 706-7)

**supero- (adj.) > suprā* (abl., sg., f.)

Cognato itálico: umb. *subra* (prep./adv.)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: p_r

Posição da síncope: Segunda Sílab (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílab Tônica: /su-/

▪ *urgō* ‘levantar’

Análise

**subregō* > com síncope *urgō*

Nishimura (2008: 124)

**subregō* > *urgō*

Data: Latim Literário

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_g

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /sub-/

▪ *urpiō* ‘roubar’

Análise

**sub-rapiō* > *urpiō*

Nishimura (2008: 135)

**sub-rapiō* > *urpiō*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_p

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /sub-/

▪ *tabella* ‘tablete’

Análise

Diminutivo

O desenvolvimento fonológico proposto por Nishimura é possível, mas incerto.

Nishimura (2008: 145)

**tablele-lā-* > com dissimilação haplológica **tabelela* > *tabella*

Diminutivo de *tabula* ‘tábua’

Substantivo com o sufixo diminutivo *-le/o- próximo a soantes.

Data: Latim Pré-Clássico

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_l

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM / IN)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /ta-/

▪ *tegmīne* ‘cobertura’

Análise

tegmīne vs *tegmīne*

Nishimura (2008:129)

tegmīne > *tegmīne*

Cognato: lat. *tegmen*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: g_m

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /te-/

▪ *tenellus* ‘macio’

Análise

Diminutivo

Nishimura (2008: 145)

**tenere-lā-* > *tenellus*

Diminutivo de *tener* ‘delicado’

Substantivo com o sufixo diminutivo *-le/o- próximo a soantes.

Data: Latim Pré-Clássico

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_l

Posição da síncope: Terceira Sílabas (SM / SNPT)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /te-/

▪ **ter** (adv.) ‘três vezes’

Análise

Plt. **tris* > **tirs* > **ters* > **terr* > *ter*

Não há síncope.

Nishimura (2008: 150)

**tris* > *ter*

V > 0 / *CrV-

Síncope na sílaba tônica.

Sihler (1995: 411)

**tris* > *ters* > *terr* > *ter*

Cognato itálico: umb. *tertim* ‘pela terceira vez’

de Vaan (2008: 628)

Cognatos itálicos: osc. **trís** (nom., pl., f.), umb. **trif**, **tref** (acs., pl., m.), **terti**, *tertim* (acs., sg., m/n.)

Ambiente Fonológico:

Posição da síncope: Não há síncope (N)

Quantidade de Sílabas: 1

Sílabas Tônicas: /tris-/

▪ **testis** ‘testemunha’

Análise

Plt. **triste-* > **tirste-* > **terste-* > *testis*

Não há síncope.

Nishimura (2008: 150)

**triste-* > **tersti-* > *testis*

V > 0 / *CrV-

Síncope na sílaba tônica.

Sihler (1995: 411)

**tri-sth₂-* > **ter-st-* > *testis*

Untermann (2000: 749)

**tris-to* ‘terceiro’ > **trsto* > *testis* ‘testemunha’

Cognato itálico: osc. *trstus* (nom., pl.) ‘testemunhas’

de Vaan (2008: 618)

A pré-forma direta deve ter sido PIE **tri-sth₂-i-* ‘terceiro em espera’, que depois passou ao sentido ‘testemunha’.

A forma ítalo-celta **tristo-* pode ser resultado da perda haplológica da sílaba **-to-*.

Ambiente Fonológico:

Posição da síncope: Não há síncope (N)

Quantidade de Sílabas: 2

Sílabas Tônicas: /tris-/

▪ **tigillum** ‘pequena viga (de madeira)’

Análise

Analogia em diminutivo.

Nishimura (2008: 146)

**tigne-lo-* > *tigillum*

Diminutivo de *tignum* ‘viga (de madeira)’

Substantivo com o sufixo diminutivo **-le/o-* próximo a soantes. Diminutivo trissilábico em analogia a diminutivos com sequência de sílabas breves.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: n_l

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM / A)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /ti-/

▪ **uafer** ‘engenhoso’

Análise

**uasro-* ou **uap-ro-* > *uafer*

Mudança ocorrida na passagem do
Proto-Itálico > Latim Antigo.

de Vaan (2008: 650)

PIt. **uasro-* ou **uap-ro-* > *uafer*

Cognato itálico: lat. *uarius* ‘variado’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_C

Posição da síncope: Última Sílabas (SF)

Quantidade de Sílabas: 2

Sílabas Tônicas: /uas-/

▪ **ualdē** (adv.) ‘muito’

Análise

ualidē > *ualdē*

Leumann (1977: 97)

ualidē (de *ualidus*) > *ualdē*

Nishimura (2008: 19)

ualidē > com síncope *ualdē* vs com
ênclise *ualidus* ‘forte’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_d

Posição da síncope: Segunda Sílabas
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /ua-/

▪ **ūdōs** ‘molhado’

Análise

ūuidōs > *ūdōs*

Nishimura (2008: 12)

ūuidōs > *ūdōs*

Data: Latim Literário

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: ū_d

Posição da síncope: Segunda Sílabas
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /ū-/

▪ **ueclus** ‘velho’

Análise

**uetulus* > **uethlus* > *ueclus*

Leumann (1977: 97)

**uetulus* > **uethlus* > *ueclus*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_l

Posição da síncope: Segunda Sílabas
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /ue-/

▪ **uernō** (adv.) ‘primavera’

Análise

**uērinōd* > *uernō*

Nishimura (2008: 126)

**uērinōd* > *uernō*

Data: Latim Literário

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_n

Posição da síncope: Segunda Sílabas
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílaba Tônica: /*ue*-/

▪ *uestro-* ‘vosso’

Análise

Adjetivos construídos com o sufixo **-tero* apresentam síncope vocálica.

**uestero-* > *uestro-*

Leumann (1977: 97)

uestro- vs gr. ὑμέτερος ‘vosso’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_r

Posição da síncope: Segunda Sílab
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílaba Tônica: /*ne*-/

▪ *uaternus* ‘estado mórbido de torpor’

Análise

Talvez não se trate de um caso de síncope em vogal não-imediatamente pós-tônica:

**uet-es-ino* > **uet-er-ino* > **uetrino* >

**uetirno* > **ueterno-* > *uaternus*

Nishimura (2008:143)

**uetusinos* > **ueterinos* > *uaternus*

Vogais não-acentuadas que não são imediatamente pós-tônicas também estão sujeitas a sofrer síncope, e a presença de aproximantes (ressonantes) parece auxiliar o processo.

Ambiente Fonológico:

Posição da síncope: Não há síncope (N)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílaba Tônica: /*ue*-/

▪ *uillum* ‘pequena porção de vinho’

Análise

Analogia em diminutivo.

Nishimura (2008: 146)

**uinene-lo-* > *uillum*

Substantivo com o sufixo diminutivo **-le/o-* próximo a soantes. Diminutivo trissilábico em analogia a diminutivos com sequência de sílabas breves.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: n_l

Posição da síncope: Segunda Sílab
(SM / A)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílaba Tônica: /*uī*-/

▪ *uindēmia* ‘coleta de uvas para a produção de vinho’

Análise

**uini-dēmia* > *uindēmia*

Leumann (1977: 97)

**uini-dēmia* (de **uino-dēmos*) > *uindēmia*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: n_d

Posição da síncope: Segunda Sílab
(SM)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílaba Tônica: /*ui*-/

▪ *uirtūs* ‘qualidade viril’

Análise

**uiro-tūs* > *uirtūs*

Leumann (1977: 96)

**uiro-tūs* > *uirtus*

Palavra nos moldes de *serui-tūs*
'servitude'

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_t

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /*ui*-/

▪ *uitellus* 'vitelo'

Análise

Diminutivo

Nishimura (2008: 145)

**uitele-lo-* > *uitellus*

Diminutivo de *uitulus*

Substantivo com o sufixo diminutivo **-le/o-* próximo a soantes.

Data: Latim Pré-Clássico

Oxford Dictionary (1968: 2081)

uitulus 'filhote de animal'

Cognato Itálico: umb. *uitlu* (nom., sg.)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_l

Posição da síncope: Terceira Sílabas (SM / SNPT)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /*ui*-/

▪ *ūllus, nūllus* 'qualquer um', 'nenhum'

Análise

Analogia em diminutivos.

Nishimura (2008: 146)

**oīne-lo-* > *ūllus*

**n(e)-oīne-lo-* > *nūllus*

Substantivo com o sufixo diminutivo **-le/o-* próximo a soantes. Diminutivo trissilábico em analogia a diminutivos com sequência de sílabas breves.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: n_l

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM / A)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /*oi*-/

▪ *ulna* 'antebraço'

Análise

**olenā* > **olnā* > *ulna*

Leumann (1977: 96)

**olenā* > **olnā* > *ulna*

Cognato: gr. ὠλένη 'antebraço'

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_n

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /*o*-/

▪ *ultrā* (adv./prep.) 'além'

Análise

**ulter-* > **ultr-* > *ultrā*

Leumann (1977: 97)

**ulter-* > *ultrā*

Cognato: lat. *ulterior* 'mais distante'

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_r

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /ul-/

▪ *undecim* '11'

Análise

*oinoz-dekem > com síncope *undecim*

Leumann (1977: 107, 487)

*oinoz-decem > *ūndecim* (*oinos > *ūnus* + *decem*)

Cognatos: gr. ἑνδεκα '11', av. *aēvan-dasa-* '11'

Nishimura (2008: 19, 116)

*óino-dekem > *undecim*

Data: Latim Pré-Clássico

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: n_z

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /oi-/

▪ *ūsurpāre* 'usurpar'

Análise

*ūsu-rapos (de *ūsus* e *rapere*) > com síncope *ūsurpare*

Leumann (1977: 97)

*ūsu-rapos (de *ūsus* e *rapere*) > *ūsurpare*

Nishimura (2008: 19)

*oīsu-rup-ā- > *ūsurpāre*

PIE *reup- > lat. *rupō* 'romper'

ūsū-capiō 'usucapião'

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_p

Posição da síncope: Terceira Sílabas (SM / SNPT)

Quantidade de Sílabas: 4

Sílabas Tônicas: /-su-/

▪ *uter* 'mangueira de água'

Análise

PIt. *udris > *udirs > *uders > *uderr > *uter*

Não há síncope.

Meiser (1998: 123)

*udris > *uter* 'mangueira de água'

Cognato: gr. ὑδρία 'vasilhame de água'

Untermann (2000: 785)

*udri > com síncope *uter* 'mangueira'

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_s

Posição da síncope: Não há síncope (N)

Quantidade de Sílabas: 2

Sílabas Tônicas: /u-/

▪ *uulnus* 'ferida'

Análise

*uolenos > *uolnos > *uulnus*

Leumann (1977: 96)

*uolenos > *uulnus*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_n

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

Sílabas Tônicas: /uo-/

ANEXO II: CORPUS DE PALAVRAS SABÉLICAS

▪ **aadirans** (Osco) ‘Adiram’ (gentílico)

(nom., sg.)

Ocorrência

Po 3

Análise

*-anos > **aadirans**

Benediktsson (1960: 216)

*-anos > **Aadirans**

Antes de -s final, toda vogal breve é sincopada (-ŷs# > -s#).

Final secundário -ns foi mantido em osco e também em úmbrio, enquanto o original *-ns se tornou -ss.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: n_s#

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 5

▪ **aamanaffed** (Osco) ‘entregar’ (3ª sg., perf.)

Ocorrências

aamanaffed: Po 4; Po 6; Po 7; Po 9; Po 14

amanafed: Sa 2; Sa 9

Análise

*-manufefed > *-manfefed > *-manffed
> com anaptixe *-manaffed

Benediktsson (1960: 237)

*-man-peped > aamanaffed (3ª sg., perf.)

Plt. *p (PIE *dh) > f antecedeu a ocorrência da síncope.

Buck (1904:194)

*manfefom, *manfefed > aa-manaffed

Cognato itálico: lat. man-dō (< mandhō)

Untermann (2000: 449)

*(man-)dhe-dhə₁- > *man-fe-f- > aa-manaffed

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: f_f

Posição da síncope: Segunda sílaba + preposição (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ **Abellā-** (Osco) ‘Abela’ (uma cidade na região de Campanha)

Ocorrências

Cm 1B29; Cm 1A6; Cm 1A3; Cm 1B18; Cm 1B15; Cm 1B20

Análise

*ablonā-lā > abellā-

Buck (1904: 60, 96)

Provavelmente: *apro-lā- > Abella- (Abellanús)

Normalmente *pr permanece em osco, mas não neste exemplo.

Meiser (1986: 132)

*ablonā-lā > abellā-

-CRVC- > -CṘC- > -CeRC

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_n

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ **actud** (Osco) ‘fazer’ (imp.)

Ocorrência

Lu 1, 15

Análise

**agetod* > *actud*

Meiser (1986: 130)

Plt. **agetod* > *actud*

Nishimura (2008:1)

Lat. *agito* x osc. *actud* (imp.)

Untermann (2000: 72)

Lat. *agito* x osc. *actud*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: g_t

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **Aderl** (Osco) ‘Atela’ (uma cidade osca na região da Campanha)

Ocorrência

nCm 2a

Análise

É difícil estabelecer qual das suas soluções é a mais plausível, a de Benediktsson/Buck ou a de Meiser, pois fonologicamente ambas funcionam. De qualquer maneira, ambas apresentam uma vogal sincopada.

Benediktsson (1960: 198)

**ātrolā*, *ādrolā* > *Aderl*

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Cognato itálico: lat. *Atella*

Benediktsson (1960: 239, nota 84)

Segundo von Planta (I, 552), original **tr* > *dr* em Úmbrio e secundário **tr* (produzido por síncope) > *tr*. Mas há mais contraexemplos do que exemplos pra corroborar essa teoria, como *cringatro* ‘?’ (< PIE *-tro-)

Buck (1904: 60)

**ātro-lā* > *Aderl*

Meiser (1986: 132)

**adrolā* > *aderlā*

-*CRVC*- > -*CṘC*- > -*CeRC*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_l

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **ager** (Úmbrio) ‘campo’ (nom., sg.)

Ocorrência

ager: Um 10

Análise

**agros* > *agrs* > *agers* > *ager*

Benediktsson (1960: 216)

**agros* > *agrs* > *agers* > *ager* (nom., sg.)

Antes de -s final, toda vogal breve é sincopada (-*Ṽs#* > -s#).

Nom. sg. de temas em -o: *-os > -s.

Cognato itálico: lat. *ager*

Cognatos: gr. ἄγρός, scr. *ajra-*

Meiser (1986: 59)

**agros* > *ager* (nom., sg.)

V > 0 / i, u, r, l _ s#

Untermann (2000: 60-61, 77)

Outras formas: umb. **agre** (gen., sg.)

Cognato itálico: PM *akren*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_s#

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 2

▪ **ahtisper** (Úmbrio) ‘atos’ (dat./abl., pl. + prep. *per*)

Ocorrências

III 24; III 29

Análise

aktifos* > **ahtis-per

Benediktsson (1960: 222)

aktifos* > **ahtis-per (dat./abl., pl. + prep. *per*)

Dativo / ablativo plural de temas em *-i*, *-u*, *-e* e em consoante: **-fos* > *-fs* > *-s(s)*

Weiss (2010: 189)

**akti-* > *ahti-*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: f_s#

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **akkatus** (Osco) ‘invocados’ (nom., pl.)

Ocorrência

Cm 14

Análise

adyokāto-* > **adokāto-* > **akkatus

Benediktsson (1960: 189)

adyokātōs* > **adokātōs* > **akkatus (nom., pl.)

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Buck (1904: 58)

adyokāto-* > **adokāto-* > **akkatus

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: d_k

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ **altrú** (Osco) ‘outro’

Ocorrência

nCm 2a

Análise

Cognato itálico: lat. *alter*

Duas síncope: **ali-tero-* > **altero-* > *altrú*

Geminação: *-LT-* > *-LTT-*

Benediktsson (1960: 213)

**ali-tero-* > **altero-* > *altrú*

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_t, t_r

Posição da síncope: Segunda sílaba e terceira sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ **amboltu** (Úmbrio) ‘dar voltas ao redor de’ (imp.)

Ocorrência

VIb 52

Análise

**ampeltōd* > **am-beltōd* > **am-boltu*

Kümmel (2012/2013)

Prefixo *am* (e não *amb*)

**ampeltōd* > **am-beltōd* > **am-boltu*

Cognato: lat. *colere* ‘cultivar’; gr. *πέλωμαι* ‘movimentar-se ao redor’

Ambiente Fonológico:

Posição da síncope: Não há síncope (N)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **amfret** (Osco) ‘cercar’ (3ª pl., pres., ind.)

Ocorrência

Cm 1B19/20

Análise

am(bi)-fer-ent* > **amfret

Benediktsson (1960: 189)

amferent* > **amfret (3ª pl., pres., ind.)

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: f_r

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **ampe(n)tu, apentu** (Úmbrio) ‘aproximar-se’ (imp.)

Ocorrências

ampentu: IIa 20; III 23

ampetu: IIb 10; IIb 11

apentu: III 27

Análise

A etimologia apresentada por Benediktsson já não é mais aceita pela maioria dos estudiosos.

Benediktsson (1960: 175)

-pendetōd* > **ampe(n)tu, apentu (imp.)

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Cognato itálico: lat. *pendō* ‘eu estou pendurado’

Meiser (1986: 162-165)

Tradicionalmente, relaciona-se o verbo **ampentu** a *(s)*pend-* ‘puxar’, como no latim *pendo*.

Weiss (2010: 164)

PIE **pelh₁-* ‘aproximar-se’

**-peln(e)-* > *penn-* (pres.)

O /n/ em *ampentu* seria apenas um infixo nasal de presente.

Ambiente Fonológico:

Posição da síncope: Não há (N)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **amprehtu, apretu** (Úmbrio) ‘levar (os animais) para uma volta’ (imp.)

Ocorrências

amprehtu: Ib 21

apretu: Ib 20

amprefru{u}s: Ib 20

Análise

am-pre-ei-tōd* > **amprehtu

Não há síncope.

Benediktsson (1960: 189)

PIt. **amfereitōd* > *amprehtu*, *apretu* (imp.)

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Poultney (1959: 143)

amber-ei-tod* > **amprehtu

Untermann (2000:)

am-pre-ei-tōd* > **amprehtu

Vetter (1953: 183)

a(mbi)-pre-etu* > **apretu

amprehtu: com *h* para ênfase

Ambiente Fonológico:

Posição da síncope: Não há (N)

Quantidade de Sílabas: 4

■ **a(n)tentu** (Úmbrio) ‘erguer até o topo’ (imp.), **ententu** (Úmbrio) ‘inserir’ (imp.)

Ocorrências

andendu: VIIa 46

antentu: IIa 20; III 15; III 16; III 17; III 17; III 22; IV 21; IV 27

atentu: IIb 28

endendu: VIb 40; VIb 40; VIb 49

ententu: Ib 12; III 15

Análise

Ambas as etimologias, a que relaciona – **tentu** ao lat. *tendō* e a que relaciona ao

lat. *tollō*, apresentam uma vogal sincopada. Apesar de as duas funcionarem bem fonologicamente, a segunda etimologia parece ser uma solução semanticamente melhor e por isso a etimologia apresentada por Benediktsson já não é mais aceita pela maioria dos estudiosos.

Benediktsson (1960: 175-6)

PIt. **-tendetōd* > **a(n)tentu**, *andendu* (imp.)

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Cognato itálico: lat. *tendō* ‘alongar’

Meiser (1986: 162-165)

Tradicionalmente, relaciona-se o verbo **endendu** a **tend-* ‘alongar’, como no latim *tendo*. No entanto, semanticamente faz mais sentido:

-telnatōd* > **en-tennatōd* > **endendu

Cognato itálico: *tollō* ‘erguer’

Untermann (2000: 742)

telh₂-* > *-tentu* + *an-* = **antentu, *andendu* (3^a sg., imp.) ‘ficar no topo’ (talvez)

telh₂-* > *-tentu* + *en-* = **ententu, *endendu* (3^a sg., imp.) ‘inserir’ (talvez)

telh₂-* > *-tentu* + *per-* = **pertentu (3^a sg., imp.) ‘deitar-se estendido’ (talvez)

telh₂-* > *-tentu* + *su(p)-* = **sutentu (3^a sg., imp.) (significado desconhecido)

Cognato itálico: *tollō* ‘erguer’

Weiss (2010: 119n71)

antentu e **ententu** são compostos de
*/tɛn:V-/ < *telnV- < PIE *telh₂-
‘erguer’

Cognato itálico: lat. *tollō* ‘erguer’

*an-telnetod > **antentu**

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: n_t

Posição da síncope: Segunda sílaba +
preposição (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **aṛkani** (Úmbrio) ‘canto ritual’ (acs.,
sg., n.)

Ocorrência

IV 28

Análise

*ad-kan-ijom > **aṛkani**

Cronologia relativa: *ados-kan-ijom >

*aṛ-kan-ijom > **aṛkani**

Benediktsson (1960: 229)

*-kanjom > **aṛkani** (nom./acs., sg., n.)

Em sílabas finais, qualquer vogal breve
era sincopada depois de -j, mesmo antes
de outras consoantes que não -s.

Nominativo / acusativo singular neutro
e acusativo singular masculino de temas
em -io: *jom > -im.

Buck (1904: 83)

A presença de **ř**, **rs** antes e depois de
consoantes indica que houve síncope de
uma vogal ou uma mudança da posição
intervocálica. É o caso do prefixo **aṛ-**,
ars-.

Meiser (1986: 60)

*ad-kanjom > **aṛkani** (acs., sg.)

Untermann (2000: 50-51)

Possivelmente da raiz *kan (lat. *canere*
‘cantar’; umb. **kanetu** ‘tocar’ um
instrumento)

Weiss (2010:)

ado-kanjom > ado-kanim > aṛo-kanim
> aṛkanim > aṛknim > por analogia

aṛkani

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: j_m#, ř_s, k_n

Posição da síncope: Última sílaba (SF),
última sílaba (SF no prefixo), terceira
sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ **arsmor** (Úmbrio) ‘rito’ (nom., pl.)

Ocorrências

arsmo: VIa 30; VIa 32; VIa 39; VIa 42;
VIa 52; VIb 13; VIb 32; VIb 34; VIIa
17; VIIa 30

arsmor: VIa 26; VIa 36; VIa 46; VIb 29

asmo: VIa 49

Análise

É difícil estabelecer qual vogal foi
sincopada, mas parece claro que houve
alguma: *adVma- (*adVsma-) > **arsmor**

Benediktsson (1960: 235)

*ademā > **arsmor** (nom., pl.),

Outras formas: a(r)smo (acs., pl.)

Cognatos: IrA. *adem*, *aidme* (gen, sg)
‘ferramenta’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: d_m

Posição da síncope: Segunda Sílab
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **Atiersir** (Úmbrio) ‘Artirse’ (gentílico ou nome de uma fraternidade) (dat., pl.)

Ocorrências

atiersir: Vb 8; Vb 14

Análise

Atiersir (dat., pl.)

Não há síncope.

Benediktsson (1960: 216, 268)

**atijedjos* > *Atiersir* (nom., sg.)

Antes de –s final, toda vogal breve é sincopada (-*Ÿs#* > -s#).

Ambiente Fonológico:

Posição da síncope: Não há síncope (N)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ **Aukíl** (Oscó) ‘Aquil’(sobrenome)

(nom., sg.)

Ocorrência

Cm 10

Análise

*-*ilos* > **Aukíl** (nom., sg.)

Benediktsson (1960: 216)

aukílos* > **Aukíl (nom., sg.)

Antes de –s final, toda vogal breve é sincopada (-*Ÿs#* > -s#).

Depois da síncope: -ls# > -l#

Buck (1904: 116)

*-*ilos* > **Aukíl**

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_s#

Posição da síncope: Última Sílab (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **avis, aves** (Úmbrio) ‘aves’ (dat./abl., pl.)

Ocorrências

aves: Ia 1

avis: IIa 16

aveis: VIa 1

Análise

**auifos* > *avis, aves, aveis*

Benediktsson (1960: 222)

**auifos* > *avis, aves, aveis* (dat./abl., pl.)

Dativo / ablativo plural de temas em –i, –u, –e e em consoante: *-*fos* > -*fs* > -s(s)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: f_s#

Posição da síncope: Última Sílab (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **bantins** (Oscó) ‘Bantino’ (cidadão de Banto) (nom., sg.)

Ocorrência

Lu 1, 19

Análise

**bantīnos* > *bantins* (nom., sg.)

*-*ns* por síncope > -*ns*; mas Benediktsson segue a lógica antiga de Buck (1904: 73) de que original *-*ns* se torna –ss em úmbrio, na verdade *-*ns* > umb. –f.

Benediktsson (1960: 216)

Antes de –s final, toda vogal breve é sincopada (-*Ÿs#* > -s#).

Final secundário *-ns* foi mantido em osco e também em úmbrio, enquanto o original **-ns* se tornou *-ss*.

Meiser (1986: 59)

**bantīnos > bantins* (nom., sg.)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: n_s#

Posição da síncope: Última Sílabas (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ *berus* (Úmbrio) ‘estacas’ (abl., pl.)

Ocorrências

Ila 23; Ila 35

Análise

**g^uerufos > berus*

Benediktsson (1960: 222)

**g^uerufos > berus* (dat./abl., pl.)

Cognato itálico: lat. *ueru* ‘estaca’

Dativo / ablativo plural de temas em *-i*,

-u, *-e* e em consoante: **-fos > -fs > -s(s)*

Untermann (2000: 145)

berus (abl., pl.)

Outras formas: *berva* (acs., pl.)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: f_s#

Posição da síncope: Última Sílabas (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ *cebnust* (Osco) (significado desconhecido) (3^a sg., pres., ind.)

Ocorrência

Lu 1, 20

Análise

**ke-benust > cebnust*

Benediktsson (1960: 187)

**ke-g^uenust > cebnust* (3^a sg., pres., ind.)

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: b_n

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ *censtur* (Osco) ‘censores’ (nom., pl.)

Ocorrências

Lu 1, 18; Lu 1, 20; Lu 1, 27; Lu 1, 28;

Lu 1 29

Análise

**-tōres > censtur*

Benediktsson (1960: 219)

**-tōres > censtur* (nom., pl.)

Antes de *-s* final, toda vogal breve é sincopada (*-V̄s# > -s#*).

Nominativo plural masculino e feminino de temas terminados em consoantes: **-es > -s*.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_s#

Posição da síncope: Última Sílabas (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ *ceus* (Osco) ‘cidadão’ (nom., sg.)

Ocorrência

Lu 1, 19

Análise

Empréstimo

Benediktsson (1960: 218)

**keiuis* > *ceus* (nom., sg.)

Cognato itálico: lat. *cñuis*

Antes de -s final, toda vogal breve é sincopada (-*Ÿ*s# > -s#).

Nominativo singular de temas em -i: *-*is* > -s.

Ambiente Fonológico:

Posição da síncope: Não há síncope (N / E)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ *contrud* (Osco) ‘contra’

Ocorrências

Lu 1,11; Lu 1, 17; Lu 1, 25; Lu 1, 33frag.

Análise

Adjetivos construídos com o sufixo *-*tero* apresentam síncope vocálica.

**kom-tero-* > *contrud*

Untermann (2000: 417)

**kom-tero-* > *contrud* (abl., sg., m./n.)

Cognato itálico: lat. *contrā* ‘contra’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_r

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ *dadid* (Osco) ‘dar’ (3ª sg., subj., perf.)

Ocorrência

Cp 37,4

Análise

dād-dedēt* > *dadid***

Não é possível saber se a forma seria /*dadid*/ ou /*daddid*/, pois a inscrição na qual a forma aparece não explicita consoantes geminadas na escrita.

Benediktsson (1960: 189)

dad-detēt* > *dadid*** (3ª sg., subj., perf.)

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: d_t

Posição da síncope: Segunda Sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ *destr-* (Osco e Úmbrio) ‘direita’

Ocorrências

umb. *destruco*: VIb 24; VIb 38

osc. ***destrst***: Cp 8

Análise

Adjetivos construídos com o sufixo *-*tero* apresentam síncope vocálica.

Duas síncope mediais: **deksi-tero-* > **destero-* > *destro-*.

Benediktsson (1960: 213)

**deksi-tero-* > **destero-* > *destro-*

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Untermann (2000: 170)

Cognato itálico: lat. *dexter*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: s_t, t_r

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM) e terceira sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ **dirstu, teřtu** (Úmbrio) ‘dar’ (imp.)

Ocorrências

dirstu: VIb 17; VIb 38; VIb 38; VIb 39; VIIa 5

teřtu: IIa 40; IIa 40; IV 28

Análise

Tendo em mente que em úmbrio *VdV > VrV, podemos traçar uma cronologia relativa: Plt. **didatōd* > *diratod* > *dirstu*, **teřtu**. Isso significa que a mudança do /d/ intervocálico ocorreu antes da síncope em sílaba medial e que a síncope vocálica não pode ser considerada um fenômeno Proto-Itálico, uma vez que o /d/ intervocálico não se transforma em /r/ em osco.

Benediktsson (1960: 189)

didatōd* > *dirstu*, **teřtu

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: d_t

Posição da síncope: Segunda Sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **duti** (Úmbrio) ‘segunda vez’ (acs., sg., n.)

Ocorrência

VIb 63

Análise

**dutiom* > *duti*

Benediktsson (1960: 229)

**dutiom* > *duti* (nom./acs., sg., n.)

Em sílabas finais, qualquer vogal breve era sincopada depois de -i, mesmo antes de outras consoantes que não -s.

Nominativo / acusativo singular neutro e acusativo singular masculino de temas em -io: **iom* > -im.

Untermann (2000: 193-4)

**du-tio-m* > *duti* (acs., sg., n.)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: i_m#

Posição da síncope: Segunda Sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 2

▪ **efidans** (Piceno Meridional) ‘Efidano’ (cognome ou epíteto) (nom., sg.)

Ocorrência

AP 5

Análise

*-nos > **efidans**

*-ns# original > -f, como em **vitluf** < *-ns (acs, sg, m) e umb. **klavlaf** < *-ns (acs, pl), enquanto *ns por síncope > -ns.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: n_s#

Posição da síncope: Última Sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ **embratur** (Pelágio) ‘imperador’
(nom., sg.)

Ocorrência

nPg 6a; nPg 6b

Análise

Empréstimo

Benediktsson (1960: 189)

**emparātōr* > *embratur* (nom., sg.)

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: p_r

Posição da síncope: Segunda Sílaba
(SM / E)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ **emps** (Úmbrio) ‘comprado’ (part. pass.)

Ocorrência

Um 10

Análise

Empréstimo

Benediktsson (1960: 216)

**emtos* > *emps* (part. pass)

Antes de –s final, toda vogal breve é sincopada (-*Ńs#* > -s#).

Nom. sg. de temas em –o: *-os > -s.

Untermann (2000: 193-4)

Significado: ‘pegar’ → ‘comprar’ ou ‘aceitar’ → ‘comprar’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_s#

Posição da síncope: Última Sílaba (SF / E)

Quantidade de Sílabas: 2

▪ **Entraí** (Osco) ‘Entre’ (nome próprio ou epíteto) (dat., sg.)

Ocorrências

Sa 1A8; Sa B10

Análise

**enterāi* > *Entraí*

Benediktsson (1960: 241)

**enterāi* > *Entraí* (dat., sg.)

Cognato itálico: lat. *interior* ‘interior’

Cognato: véd. *ántara-* ‘interior’

Untermann (2000: 226)

**h₁en-tero-/ā* > *entraí*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_r

Posição da síncope: Segunda Sílaba
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **esono-, esunu** (Úmbrio) ‘divino’ (acs., sg. / nom., pl.)

Ocorrência

esona: VIa 3; VIa 5

esone: VIb 11

esoneir: VIa 18

esono: VIa 57; VIb 47

esonome: VIb 50 (frag.); VIb 52

esuna: Va 5

esunesku: Va 11

esune: Va 4; Va 6

esunu: Ib 8; Ib 9; Ib 38; IIa 2; IIa 2 (frag.); IIa 20; IIa 21; IIa 42; III 1; III 14; IV 30

esunume: Ib 14

esunumen: III 20

Análise

**aizezōno-* > *aizzono-* > *esono-*

Benediktsson (1960: 173)

**aizezōno-* > *aizzono-* > *esono-*

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: z_z

Posição da síncope: Segunda Sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ **etre** (Úmbrio) ‘outro’ (acs., sg., f.)

Ocorrências

etrama: III 34

etre: IIb 2; IIb 3; IIb 3; IIb 4; IIb 4; IIb 5; IIb 5; IIb 6; IIb 6; IIb 14

etru: VIa 35; VIa 38; VIa 43

Análise

**eter-* > *etre*

Benediktsson (1960: 241)

**eter-* > *etre* (acs., sg., f.)

Outras formas: *etre* (dat., sg.), *etru* (ab.l., sg., n.)

Cognato itálico: lat. *cēterī* ‘outro’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_r

Posição da síncope: Segunda Sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **factud** (Oscó) ‘fazer’ (imp.)

Ocorrência

Lu 1, 9

Análise

**fakitōd* > *factud*

Benediktsson (1960: 178)

**pakitōd* > *factud* (imp.)

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Cognato itálico: lat. *faciō* ‘fazer’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: k_t

Posição da síncope: Segunda Sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **famel** (Pelígio) ‘escravo’

Ocorrência

Pg 11

Análise

**famelos* > *famels* > *famel*

Benediktsson (1960: 216)

**famelos* > *famels* > *famel* (nom., sg.)

Cognato itálico: lat. *famulus*

Antes de –s final, toda vogal breve é sincopada (-*Ŵs#* > -s#).

Depois da síncope: -*ls#* > -*l#*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_s#

Posição da síncope: Última Sílabas (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **felsva** (Úmbrio) ‘significado desconhecido’

Ocorrência

Va 11

Análise

A etimologia mais plausível é a apresentada por Meiser, a que não apresenta empecilhos morfofonológicos e que funciona semanticamente. Nesse caso, não se pode falar de síncope, pois nessa solução não há vogal breve a ser sincopada

Benediktsson (1960: 260) & Buck (1904: 94)

**xelesuā* > *felsva* ‘vegetal’

Cognato itálico: lat. *holus*

Meiser (1988: 169)

**b^helg^h-os* > **felχ-s-uā* > *felsva* ‘festival’

Vetter (1953: 223-4)

Cognato itálico: lat. *folis* ‘dinheiro’

Ambiente Fonológico:

Posição da síncope: Não há (N)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **fertlid** (Pelígio) ‘fértil’ (abl., sg.)

Ocorrência

Pg 9

Análise

**fertVlīd* > *fertlid*

Benediktsson (1960: 259)

**fertelīd* > *fertlid* (abl., sg.)

Cognato itálico: lat. *fertilis*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_l

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **fertu** (Úmbrio) ‘fazer’ (imp.)

Ocorrências

VIb 50; VIb 50

Análise

É difícil estabelecer se houve síncope ou não, uma vez que não se sabe se o verbo era atermático ou não. Portanto, há duas possibilidades de reconstrução: 1)

**feretōd* > *fertu*; 2) **fertōd* > *fertu*.

Benediktsson (1960: 165)

**feretōd* > *fertu* (imp.)

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_t

Posição da síncope: Segunda Sílabas (SM / I)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ **fiktu** (Úmbrio) ‘moldar’ (imp.)

Ocorrência

Ia 28

Análise

d^hing^hetōd* > **fīngētōd* > **fi(n)ktu

Benediktsson (1960: 182)

**pi-g^uetōd* ‘consertar’ > *fiktu* (imp.)

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Untermann (2000: 284)

PIE **d^heiǵ^h*-

Cognato itálico: lat. *fingere*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes g_t

Posição da síncope: Segunda Sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ *fon*s (Úmbrio) ‘gracioso’ (nom., sg.)

Ocorrências

fons: VIa 42; VIa 50; VIa 52; VIb 7; VIb 11; VIb 13; VIb 26; VIb 32; VIb 34; VIIa 13; VIIa 17; VIIa 31; VIIa 49

fos: VIa 23; VIa 30; VIa 33; VIa 40

fon: VIb 26

Análise

**fauVno*-> *fo(n)s*

Benediktsson (1960: 218)

**x^uouenis* > *fo(n)s* (nom., sg.)

Antes de -s final, toda vogal breve é sincopada (-*ǃs#* > -s#).

Nominativo singular de temas em -i: *-*is* > -s.

De Vaan (2008: 207)

PIt. **fauVno*- > *fons*

Cognato itálico: lat. *faveō* ‘ser favorável a’, lat. *Faunus* ‘Fauno’ (rei mítico); ‘entidades do campo’ (no plural)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes n_s#

Posição da síncope: Última Sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ *fortis* (Osco) ‘mais forte’ (nom./acs., sg.)

Ocorrência

Lu 1, 12

Análise

Síncope final no sufixo de comparativo

**fort-ios* > com epêntese **fortijos* >

**fortiis* > *fortis* (nom./acs, sg)

Benediktsson (1960: 217)

**forktios* > *fortis* (nom./acs., sg.)

Cognato itálico: lat. *fortius*

Antes de -s final, toda vogal breve é sincopada (-*ǃs#* > -s#).

Nominativo/Acusativo singular de neutros com temas em -s: *-*os* > -s.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: i_s#

Posição da síncope: Última Sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 2

▪ *frater* (Úmbrio) ‘irmãos’ (nom., pl.)

Ocorrências

frater: Vb 11

frater: II 5; Va 1; Va 14; Va 22

frateer: Vb 16

Análise

**frāteres* > *frater*, *frat(e)er*

Benediktsson (1960: 218)

**frāteres* > *frater*, *frat(e)er* (nom., pl.)

Cognato: scr. *bhrātara*- ‘irmão’

Antes de –s final, toda vogal breve é sincopada (-Vs# > -s#).

Nominativo plural masculino e feminino de temas terminados em consoantes: *-es > -s.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_s#

Posição da síncope: Última Sílabas (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **fratreks** (Úmbrio) ‘fraterno’ (nom., sg.)

Ocorrências

fratreks: Va 23; Vb 1

fratrex: VIIb 1

Análise

frātrikos* > **fratreks

Benediktsson (1960: 215)

frātrikos* > **fratreks, *fratrex* (nom., sg.)

Antes de –s final, toda vogal breve é sincopada (-Vs# > -s#).

Nominativo singular de temas em –o: *-os > -s.

Meiser (1986: 59)

frātrikos* > **fratreks (nom., sg.)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: k_s#

Posição da síncope: Última Sílabas (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **fratrus** (Úmbrio) ‘irmãos’ (dat., pl.)

Ocorrências

Vb 8; Vb 13; VIIb 1

Análise

**fratrufos* > *fratrus*

Benediktsson (1960: 222)

**fratrufos* > *fratrus* (dat./abl., pl.)

Dativo / ablativo plural de temas em –i, –u, –e e em consoante: *-fos > -fs > -s(s)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: f_s#

Posição da síncope: Última Sílabas (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **fruktatiuf** (Oscó) ‘uso’ (nom., sg.)

Ocorrência

Cm 1A21

Análise

fruge-tātiōn-s* > **fruktatiuf

Benediktsson (1960: 185)

fru-g^uetation* > **fruktatiuf ‘uso’

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Buck (1904: 58)

fru-g^uetation* > **fruktatiuf ‘fruto’

Em latim, ter-se-ia **fruitātiō*

Untermann (2000: 226)

frūg-i-ta-ōm* > **frūktāom* > **fruktatiuf (nom., sg.)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: g_t

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ **funtlere**, **fondlire** (Úmbrio) ‘Fontler’ (nome de um local) (abl., pl.)

Ocorrências

funtlere: Ib 24

fondlire: VIIa 3

Análise

fontelo*- > **funtlere, *fondlir*

Benediktsson (1960: 238)

fontelois* > **funtlere, *fondlir* (abl., pl.)

Derivativo do lat. *fōns*

Untermann (2000: 301) & Buck (1904: 184)

**fontelo*- > *funtlere*, *fondlire* ‘em Fontler’ (local)

Cognato itálico: lat. *fōns* ‘fonte’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_l

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **Fuvfdis** (Osco) ‘Fufido’ (gentílico) (nom., sg.)

Ocorrência

Cm 14, 4 f. C2

Análise

Há duas síncope e de acordo com a cronologia relativa estabelecida por Benediktsson (1960: 258), pode-se afirmar: **foufedijos* > **foufedis* > **fuvfdis**, ou seja, a síncope final ocorreu antes que a síncope medial.

Benediktsson (1960: 264)

foufedijos* > *foufedis* > **Fuvfdis (nom., sg.)

Cognato itálico: lat. *Fufidius*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: i_s#, f_d

Posição da síncope: Última sílaba (SF) e segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **ha(h)tu** (Úmbrio) ‘tomar’ (imp.)

Ocorrências

hahtu: Ila 22

hatu: Ib 11

Análise

habitōd* > **ha(h)tu

Benediktsson (1960: 187)

xabitōd* > **ha(h)tu (imp.)

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Meiser (1986: 126)

habitōd* > **ha(h)tu (imp.)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: b_t

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **herekleís** (Osco) ‘Hércules’ (gen., sg.)

Ocorrências

herekleís: Cm 1A11; Cm 1A24; Cm B4; Cm B6

hereklúi: Sa 1A13; Sa B16

herclei: Pg 6; Pg 7; Pg 56

herclit: Pg 41

herclo: MV 5

Análise

Muito provavelmente trata-se de um empréstimo, porém não se sabe se a palavra veio diretamente do grego ou por influência etrusca. Se for um empréstimo grego, então houve uma síncope: **herakleis* > **herkleis* > com anaptixe **herekleís**. No entanto, se for um empréstimo etrusco, é provável que a síncope tenha ocorrido já no etrusco: *hercle* > com anaptixe **herekleís**.

Benediktsson (1960: 270)

herakleis* > **herkleis* > com anaptixe **Herekleís (gen., sg.)

Vest. *herclo*: empréstimo do gr. *Ηηρακλής*

Rix (2004: 440-445)

A forma *Herecles* (a qual aparece em uma peça do séc. V a.C.), usualmente tida como etrusca, é na verdade latina.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_k

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **herte(r)** (Úmbrio) ‘ser necessário’ (3ª sg, pres. pass.)

Ocorrências

herte: Va 6; Va 8; Va 10

herter: IIa 40; III 1

pisher: VIb 41

Análise

heriter* > **herte(r)

Benediktsson (1960: 237)

xeriter* > **herte(r) (3ª sg, pres. pass.)

Nussbaum (1976: 252-3)

Pode-se relacionar a forma umb. *pisher* (**pis herit*) à forma **herter** e ambas possuem sentido médio-passivo (‘ser necessário’). Outras formas construídas com -io-, como umb. *heris*, *heriest* não podem ser relacionadas às duas primeiras e possuem o sentido ‘querer’.

Rix (2001: 223)

Significado passivo

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_t

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **homonus** (Úmbrio) ‘homens’ (dat., pl.)

Ocorrências

Vb 10; Vb 15

Análise

**homonufos* > *homonus*

Benediktsson (1960: 222)

**homonufos* > *homonus* (dat./abl., pl.)

Dativo / ablativo plural de temas em -i, -u, -e e em consoante: **-fos* > **-fs* > -s(s)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: f_s#

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ **huntrus, hutra** (Oscó e Úmbrio)
‘inferior’

Ocorrências

osc. **huntrus**: Cp 37, 11; Cp 37, 11
(frag.)

osc. **húnttram**: PO 1

osc. **hu[n]truis**: p 37, 7

umb. *hondra*: VIa 15; VIIa 52

umb. **hutra**: Ib 42

Análise

Adjetivos construídos com o sufixo

*-tero apresentam síncope vocálica.

*honter- > **huntrus** (nom./acs., pl.)

Cognato itálico: lat. *humus* ‘terra’

Benediktsson (1960: 213)

*xontero- > *hontro-*

Cognato itálico: umb. *hondomo-* ‘a
parte mais inferior possível’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_r

Posição da síncope: Segunda sílaba
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **humuns** (Oscó) ‘homens’ (nom., pl.)

Ocorrências

Cp 37, 9

Análise

*homones > **humuns**

Na inscrição na qual se encontra esta
forma não há letras modificadas, ou
seja, não há distinção entre vogais
longas e breves. O mais provável é que
o /o/ medial seja uma vogal breve,

assim como a forma dat/abl pl.
homonus.

Benediktsson (1960: 219)

*humōnes > **humuns** (nom., pl.)

Cognato itálico: lat. *hemōnem*

Antes de -s final, toda vogal breve é
sincopada (-ŷs# > -s#).

Nominativo plural masculino e
feminino de temas terminados em
consoantes: *-es > -s.

Weiss (2009: 205, 468)

*homones > **humuns**

Cognato itálico: lat. *homō* ‘homem’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: n_s#

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **húrz** (Oscó) ‘bosque’ (nom., sg.)

Ocorrência

Sa 1B23

Análise

*xortos > **húrz**

Benediktsson (1960: 216)

*xortos > **húrz**

Antes de -s final, toda vogal breve é
sincopada (-ŷs# > -s#).

Meiser (1986: 59)

*γortos > **húrz** (nom., sg.)

Untermann (2000: (334-5))

Cognato itálico: lat. *hortus* ‘jardim’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_s#

Posição da síncope: Segunda sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 2

▪ **iouies** (Úmbrio) ‘rapazes’ (dat./abl., pl.)

Ocorrências

VIb 62; VIIa 13; VIIa 14; VIIa 28; VIIa 50; VM 4 (*i|ouies*)

Análise

*-ēfos > *iouies*

Cognato itálico: lat. *iuuenis* ‘jovens’

Benediktsson (1960: 222)

*-ēfos > *iouies* (dat./abl., pl.)

Dativo / ablativo plural de temas em –i, –u, –e e em consoante: *-fos > *-fs > –s(s)

Ambiente Fonológico:

o > 0 / f_s#

Consoantes adjacentes: f_s#

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ **kanetu** (Úmbrio) ‘cantar’ (imp.)

Ocorrência

IV 29

Benediktsson (1960: 200)

*kanētōd > *kanetu*

Não há síncope nessa forma. Possivelmente a forma provém de um verbo da segunda conjugação e o /e/ medial era longo.

Schirmer (1998)

Verbo causativo, e verbos causativos normalmente fazem parte da 2ª conjugação.

Ambiente Fonológico:

Posição da síncope: Não há síncope (N)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **kartu** (Úmbrio) ‘distribuído’

Ocorrência

IIa 23

Análise

*karVto- > **kartu** (3ªsg, impf.)

Benediktsson (1960: 164)

*karetōd, *karitōd > **kartu** (3ªsg., impf.)

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_t

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **karnus** (Úmbrio) ‘partes’ (dat./abl., pl.)

Ocorrência

IV 7

Análise

*karnufos > **karnus**

Benediktsson (1960: 222)

*karnufos > **karnus** (dat./abl., pl.)

Dativo / ablativo plural de temas em –i, –u, –e e em consoante: *-fos > -fs > –s(s)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: f_s#

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **katel** (Úmbrio) ‘filhote de cachorro’

(nom., sg.)

Ocorrência

IIa 43

Análise

katelos* > **katel Cognato itálico: lat.

catulus

Benediktsson (1960: 216)

katelos* > **katel (nom., sg.)

Antes de –s final, toda vogal breve é sincopada (-ŷs# > -s#).

Nom. sg. de temas em –o: *-os > -s.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_s#

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **katlu** (Úmbrio) ‘filhote de cachorro’

(acs., sg.)

Ocorrências

katlu: IIa 18; IIa 20; IIa 29

katle: IIa 15

katles: IIa 22; IIa 27

Análise

katelo-* > **katlu

Cognato itálico: lat. *catellus* ‘filhote’

Benediktsson (1960: 238)

katelom* > **katlu (acs., sg.)

Outras formas: **katle(s)** (gen., sg.)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_l

Posição da síncope: Segunda sílaba

(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **Kavkdis** (Osco) ‘Caucideu’ (gentílico)

(nom., sg.)

Ocorrência

Cm 14

Análise

Há duas síncope, e de acordo com a cronologia relativa estabelecida por Benediktsson (1960: 258), pode-se afirmar: **kaukedijos* > **kaukedis* > **kavkdis**, ou seja, a síncope final ocorreu antes que a síncope medial.

Benediktsson (1960: 264)

**kaukedijos* > *Kaukdis* (nom., sg.)

Cognatos itálicos: lat. *Caucideius*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: i_s#, k_d

Posição da síncope: Última sílaba (SF) e segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ **kazi** (Úmbrio) ‘nó cego’ (acs., sg.)

Ocorrências

III 16; III 18

Análise

Duas síncope, sendo que a cronologia relativa seria: **kates-ijom* > **katesim* > **kazi**.

Benediktsson (1960: 263)

Etimologia incerta: **katesjom* >
katesim* > **kazi (acs., sg.)

Vetter (1953: 214) & von Planta (1892: 392)

Cognato itálico: lat. *catīnus*

Weiss (2012: 127)

kates-ijom* > **katesim* > **kazi ‘nó cego’
Cognatos itálicos: lat. *catēna* (<
**katesna*) ‘corrente’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: i_m#, t_s

Posição da síncope: Última sílaba (SF) e
segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ **Kerrí, Keri** (Oscó) ‘Ceres’ (dat., sg.)

Ocorrências

kerrí: Sa 1 A3; Sa 1 B7

keri: Cp 37 A1; Cp 37 A3; Cp 37 A12;
Cp37 B

kerí: tSa 27; tSa 30

Análise

keresē* > **kerrí, keri

Benediktsson (1960: 166)

keresē* > **kerrí, keri (dat., sg.)

Cognato itálico: lat. *Ceres*

Síncope em formas tri- ou
quadrissilábicas com uma vogal longa
na terceira sílaba.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_s

Posição da síncope: Segunda sílaba
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **klavlaf** (Úmbrio) ‘estaca’ (acs., pl.)

Ocorrências

klavlaf: IIa 33

klavles: IIa 36; IV 11

Análise

**klāuelans* > *klavlaf*

Benediktsson (1960: 172)

**klāuelans* > *klavlaf* (acs., pl.)

Outras formas: *klavles* (abl., pl.)

Síncope em formas tri- ou
quadrissilábicas com uma vogal longa
na terceira sílaba.

Buck (1904: 331)

klāuela-* > **klavlaf, klavles

Cognatos itálicos: lat. *clāua, clāuola*

Vetter (1953: 391)

Cognatos itálicos: lat. *clauulas, clunes*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: u_l

Posição da síncope: Segunda sílaba
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **krapuvi** (Úmbrio) ‘Graboio (epíteto
de Júpiter ou de Marte) (dat., sg.)

Ocorrências

krapuvi: Ia 3; Ia 11; Ia 21

graboue: VIa 24; VIa 25

grabouei: VIa 22; VIb 1

graboui: VIa 23

grabouie: VIa 25; VIa 26; VIa 27; VIa
28; VIa 29; VIa 29; VIa 31; VIa 32; VIa

33; VIa 34; VIa 35; VIa 36; VIa 31; VIa 37; VIa 31; VIa 38; VIa 38; VIa 39; VIa 41; VIa 41; VIa 43; VIa 44; VIa 45; VIa 46; VIa 47; VIa 48; VIa 48; VIa 49; VIa 51; VIa 51; VIa 53; VIa 54; VIa 55; VIb 19

Análise

Não há síncope

grabouīoi* > **krapuvi

Benediktsson (1960: 216, 268)

grabōuīōi* > **krapuvi, *Grabouie* (dat., sg.)

Ambiente Fonológico:

Posição da síncope: Não há síncope (N)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ **ligis** (Oscó) ‘leis’ (dat./abl., pl.)

Ocorrência

Lu 1, 25

Análise

**legifos* > *ligis*

Talvez um empréstimo, mas não há como ter certeza.

Benediktsson (1960: 222)

**legifos* > *ligis* (dat./abl., pl.)

Dativo / ablativo plural de temas em *-i*, *-u*, *-e* e em consoante: **-fos* > **-fs* > *-s(s)*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: *f_s#*

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **Lúvkis** (Oscó / Pelígio) ‘Lúcio’ (nom., sg.)

Ocorrências

lúvkis: Cp 36 7; Fr 6; nPg 7; Sa 24

l(úvkis): Cm 2; M 10; Po 39

Análise

loukīos* > **lúvkis

Meiser (1986: 60)

loukīos* > **lúvkis (nom., sg.)

V > 0 / i̇, u̇, r, l _ s#

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: *i̇_s#*

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 2

▪ **maimas** (Oscó) ‘máximo’ (gen., sg., f.)

Ocorrências

Lu 1, 3; Lu 1, 7

Análise

Superlativo com síncope em ambiente labial.

**maisVmo-* > *maimas*

Benediktsson (1960: 258)

**maisemo-* > *maimas* (gen., sg., f.)

Buck (1904: 76)

**maisemo-* > **maizemo* > **maizmo-* > *maimas*

Weiss (em conersa privada)

**maisVmo-* > *maimas*

VsVm > *V̄m*

Não há como ter certeza de qual é a qual é a vogal, mas a forma pré-samnita *Φολαισυμος* sugere /u/.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: s_m

Posição da síncope: Segunda sílaba

(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **ku-maltu** (Úmbrio) ‘triturar’ (imp.)

Ocorrências

IIa 9/10; IIa 41; IV 28

Análise

**maletod* > *ku-maltu*

Cognato itálico: lat. *molō* ‘moer’

Benediktsson (1960: 171)

**maletod* > *ku-maltu* (imp.)

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_t

Posição da síncope: Segunda sílaba

(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **medicim** (Osco) ‘aquele que trabalha como *medix*’, ‘*praetor*’ (nom./acs., sg., n.)

Ocorrências

Lu 1, 30; Lu 1, 31frag.; Lu 1, 33

Análise

Há duas síncope, e de acordo com a cronologia relativa estabelecida por Benediktsson (1960: 258), pode-se afirmar: **medodik-ijom* > **medodikiim*

> *medicim*, ou seja, a síncope final ocorreu antes que a síncope medial.

Benediktsson (1960: 229)

**med(o)dikiom* > *medicim* (nom./acs., sg., n.)

Em sílabas finais, qualquer vogal breve era sincopada depois de -i, mesmo antes de outras consoantes que não -s.

Nominativo / acusativo singular neutro e acusativo singular masculino de temas em -io: **iom* > -im.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: i_m#, d_d

Posição da síncope: Última sílaba (SF) e segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ **medíkeis** (Osco) ‘aquele que trabalha como *medix*’, ‘*praetor*’ (gen., sg.)

Ocorrências

medíkeí: Cm 1A5

medíkeis: Po 1

medix: MV 3; Pg 1

meddís: Cm 7; Cp 31; Sa 5

med(dís): Po 5; Po 6; Po7

m(eddís): Cm 4; Cm 5; Cm 9; Sa 9; Sa 10; Sa 12; Sa 28

meddíss: Cm 6; Cm 10; Sa 25:

Análise

**medo-diks* > *medíkeis*

Benediktsson (1960: 215, 219)

**medo-diks* > *medíkeis* (gen., sg.)

Síncope em formas quadrissilábicas com uma sequência de duas vogais breves nas sílabas mediais.

Weiss (2009: 238)

med-* ‘lei’ e **dik-* ‘dizer’ = **meddīks

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: d_d

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ **memnim** (Osco) ‘monumento’ (nom./acs., sg., n.)

Ocorrência

Cp 36

Análise

Há duas síncozes, e de acordo com a cronologia relativa estabelecida por Benediktsson (1960: 258), pode-se afirmar: **memen-ijom* > *memenim* > *memnin*, ou seja, a síncope final ocorreu antes que a síncope medial.

Benediktsson (1960: 229)

**memenijom* > *memnim* (nom./acs., sg., n.)

Em sílabas finais, qualquer vogal breve era sincopada depois de -j, mesmo antes de outras consoantes que não -s.

Nominativo / acusativo singular neutro e acusativo singular masculino de temas em -io: **ijom* > -im.

Buck (1904: 184)

**me-men-jo-* > *memnim*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: j_m#, m_n

Posição da síncope: Última sílaba (SF) e segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **menzne** (Úmbrio) ‘mês’ (abl., sg.)

Ocorrência

Ila 17

Análise

mens-en-* > **menzne

Benediktsson (1960: 272)

mensenī* > **menzne (abl., sg.)

Cognatos itálicos: vest. *mesene*, lat. *mensum* (gen., pl.)

Weiss (2009: 314)

mens-en-* > **menzne ‘mês’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: s_n

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **mers, meřs** (Úmbrio) ‘lei’ (nom./acs., sg.)

Ocorrências

meřs: Ib 18; Ib 18

mers: VIb 31; VIb 55; VIb 55

Análise

**medos* > *mers, meřs*

Benediktsson (1960: 217)

**medos* > *mers, meřs* (nom./acs., sg.)

Antes de -s final, toda vogal breve é sincopada (-V̌s# > -s#).

Nominativo/Acusativo singular de
neutros com temas em *-s*: **-os* > *-s*.

Weiss (2010: 419)

medos* > **meřs, *mers*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: *d_s#*

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 2

▪ **mersus** (Úmbrio) ‘justo’ (dat./abl., pl.)

Ocorrência

III 6

Análise

Há duas síncope, e de acordo com a cronologia relativa estabelecida por Benediktsson (1960: 258), pode-se afirmar: **medesufos* > **medesus* > **mersus** seja, a síncope final ocorreu antes que a síncope medial.

Benediktsson (1960: 222)

medesufos* > **mersus (dat./abl., pl.)

Dativo / ablativo plural de temas em *-i*, *-u*, *-e* e em consoante: **-fos* > *-fs* > *-s(s)*

Meiser (1986: 59, 175)

medesuo* > **mersus

V > 0 / *i̇*, *u̇*, *r*, *l* _ *s#*

**mersuo* ‘customeiro’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: *u_s#*

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **merst-** (Úmbrio) ‘justo’ (acs., sg., m.)

Ocorrências

meersta: VIa 17

mersta: VIa 3; VI 3; VIa 4; VIa 4; VIa 16; VIa 18; VIa 18

merstaf: VIa 4

mersto: VIa 3; VIa 4; VIa 16; VIa 17

merstu: VIa 1

Análise

**medes-to-* > *mersto-*

Benediktsson (1960: 259)

**medestom* > *mersto* (acs., sg., m.)

Weiss (2010: 68)

**medes-to-* > *mersto-*

Ambiente Fonológico:

e > 0 / *d_s*

Consoantes adjacentes: *d_s*

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **mestru** (Úmbrio) ‘maior’ (gen., sg., f.)

Ocorrências

Va 24; Va 27; Vb 4

Análise

**maisterā* > *mestru*

Benediktsson (1960: 242)

**maisterā* > *mestru* (gen., sg., f.)

Untermann (2000: 475)

mestru: comparativo

osc. *maimas*: superlativo

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: *t_r*

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **mi(n)streis** (Osco) ‘menor’ (gen., sg.)

Ocorrências

minstreis: Lu 1, 12; Lu 1, 27

mistreis: Lu 1, 18; Lu 1, 35

Análise

**minustereis* > **minstereis* > *mi(n)streis*

Benediktsson (1960: 215)

**minustereis* > **minstereis* > *mi(n)streis*
(gen., sg.)

Síncope em formas quadrissilábicas com uma sequência de duas vogais breves nas sílabas mediais. As duas vogais podem sofrer síncope se forem abertas, no caso de ambas desaparecerem, é esperado que a vogal da segunda sílaba seja sincopada antes da vogal da terceira sílaba.

Buck (1904: 58, 135)

**min-is-tero-* > *minstereis*

Cognato itálico: lat. *minister*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: n_s, t_r

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM) e terceira sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ **Mitl** (Osco) ‘Mitil’ (cognome) (nom., sg.)

Ocorrências

mit(e)l: Sa 32;

mitl: tSa 21

Análise

Há duas síncope, e de acordo com a cronologia relativa estabelecida por Benediktsson (1960: 258), pode-se afirmar: **mitelos* > **mitels* > **mit(e)l** seja, a síncope final ocorreu antes que a síncope medial.

Benediktsson (1960: 217)

**fimelos* (ou **fēmelos*) > **mītelos* >

Mitl (nom., sg.)

Antes de –s final, toda vogal breve é sincopada (-*Ńs#* > -s#).

Depois da síncope: -*ls#* > -*l#*

Buck (1904: 61)

Mitel* > **Mitl

Cognato itálico: lat. *Mitulus*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_s#, t_l

Posição da síncope: Última sílaba (SF) e terceira sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **Mutl** (Pelígio) ‘Mutil’ (cognome) (nom., sg.)

Ocorrências

nPg 2; nPg 3; nPg 5; nPg 6a; nPg 6b

Análise

*-*ilos* > **Mutl**

Benediktsson (1960: 216)

mutilos* > **Mutl (nom., sg.)

Antes de –s final, toda vogal breve é sincopada (-*Ńs#* > -s#).

Depois da síncope: -*ls#* > -*l#*

Buck (1904: 116)

*-*ilos* > **Mutl**

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_s#

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

- *nertru* (Úmbrio), *nertrak* (Oscó) ‘esquerda’ (abl., sg.)

Ocorrências

umb. *nertru*: VIb 25

umb. *nertruco*: VIb 37; VIb 39

umb. **nertruku**: Ia 32

osc. **nertrak**: Po 39; Po 39 (frag.)

Análise

Adjetivos construídos com o sufixo *-tero apresentam síncope vocálica.

*nertero- > umb. *nertru*, osc. **nertrak**

Benediktsson (1960: 24, 244)

*nerterōd > umb. *nertru* (abl., sg.)

*nerterād > osc. **nertrak** (abl., sg.)

Cognatos: gr. (ε)νερτερος

Weiss (2010: 70n150)

nertrak: Exemplo de adição da partícula -k a uma forma nominal. A forma é somente atestada em uma inscrição quebrada, o que torna difícil entender a função de **nertrak**.

Untermann (2000: 492)

nertruco, **nertruku**: ablativo singular + preposição *com*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_r

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

- *ninctu* (Úmbrio) ‘atacar’ (imp.)

Ocorrências

VIb 60; VIIa 49

Análise

A melhor reconstrução, a que funciona fonologicamente, sintaticamente e semanticamente, é a de Meiser: *ni-n-k-e-tōd > nénketōd > *ninctu*.

Benediktsson (1960: 182)

*nin-x^uetōd > *ninctu* (imp.)

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Buck (1904: 76, 95)

Cognatos: ing. *snow*, lit. *snėgas* ‘nevar’

*ning^uetōd, *nink^uetōd > *ninctu* ‘nevado’

Meiser (1986: 85-87)

*ni-n-k-e-tōd > nénketōd > *ninctu* /nénktu/

Cognato: lit. *su-ninkù* ‘atacar alguém’, gr. νεικος ‘raiva’

Poultney (1959: 278) & Devoto (1937: 284)

ninctu ‘que neve’

Cognato itálico: lat. *ninguit* ‘neva’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: k_t

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **Niumsieís** (Oscó) ‘Niumse’ (nome próprio) (gen. Sg.)

Ocorrências

νιυμησδιησ: Me 1; Me 2

niumsieís: Cm 6; Cm 9frag.; Cp 21frag.; Si 11frag.; Si 12frag.

Análise

*numasedjeis > *numsedjeis > νιυμησδιησ

Benediktsson (1960: 215)

*numasedjeis > *numsedjeis > νιυμησδιησ

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Cognato itálico: lat. *Numerius*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: m_r

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ **numneís** (Oscó) ‘nome’ (gen., sg.)

Ocorrência

Sa 17

Análise

*nomeneis > **numneís**

Benediktsson (1960: 272)

*nomeneis > **numneís** (gen., sg.)

Cognato itálico: lat. *nōminis*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: m_n

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **Núvlanam** (Oscó) ‘nolano’ (habitante de Nola) (acs., sg., f.)

Ocorrências

núvlan-: Cm 1A25

núvlanam: Cm 1B29

núvlanúís: Cm 1A7

núvlanúm: Cm 1B14

núvlanús: Cm 1A23; Cm B12; Cm B21

Análise

*nouelān- > **nuvlan-**

Benediktsson (1960: 173)

*nouelānoi > **Nuvlanam** (acs., sg., f.)

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Ambiente Fonológico:

e > 0 / ũ_l

Consoantes adjacentes: ũ_l

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ **ocar** (Úmbrio) ‘cidade’ (nom., sg.)

Ocorrência

VIb 46

Análise

A solução apresentada por Weiss e Benediktsson parece mais plausível que a reconstrução usual.

*okaris > *ocar*, *ukar*

Benediktsson (1960: 218)

okaris* > **ukar, *ocar*

Meiser (1986: 59)

**okris* > *ocar* (nom., sg.)

de Vaan (2008: 424)

PIt. **okri* > lat. *ocris* ‘montanha’

Cognato itálico: umb. **ukar**, *ocar*

Weiss (2012: 337-8)

**okaris* > *ocar*, *ukar*

Cognato: IrA. *ochair* ‘fronteira’

ocar não é cognato da forma latina *ocris* ‘montanha’, na verdade, tratam-se de duas formas diferentes.

A hipótese **okris* > **okrs* > *ocar* não é possível porque **r* não se tornaria *-ar*, mas sim *-er*. Prova disso, é o desenvolvimento **agros* > *ager* e **-tro* > *-ter*.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_s#

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **oseto**, **osatu** (Úmbrio) ‘construir’
(part. pass., nom., sg., f.)

Ocorrências

oseto: Um 7

osatu: VIIb 24; VIIb 37

Análise

**opeseta* > **oseta* > umb. *oseto*

Possível cognato não-sincopado: PM
opesauom

Benediktsson (1960: 215)

**opeseta* > **oseta* > umb. *oseto* (part. pass., nom., sg., f.)

Meiser (1986: 130)

Cognato Itálico: osc. **opesandam* > **úpsannam** (Ve 11)

Weiss (2010: 326)

**opesatod* > *osatu* (verbo): forma denominal de um tema em *-s* **opos* ‘trabalho’ (cognato do lat. *opus*).

Verbo atestado em osco, úmbrio e piceno meridional

osc. **úpsannam** (gerundivo)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: p_s

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **Paakul** (Osco) ‘Paco’ (nome próprio)
(nom., sg.)

Ocorrência

Cm 7

Análise

-ulos* > *Paakuls* > **Paakul

Benediktsson (1960: 216)

Paakulos* > *Paakuls* > **Paakul (nom., sg.)

Antes de *-s* final, toda vogal breve é sincopada (*-ŷs#* > *-s#*).

Depois da síncope: *-ls#* > *-l#*

Buck (1904: 116)

-ulos* > **Paakul

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_s#

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ ***pacēr*** (Úmbrio) ‘propício’ (nom., sg.)

Ocorrências

VIa 23; VIa 30; VIa 33; VIa 40; VIa 42;
VIa; VIa 50; VIa 52; VIb 7; VIb 11; VIb
13; VIb 26; VIb 32; VIb 34; VIIa 14;
VIIa 17; VIIa 31; VIIa 50

Análise

Metátese

Benediktsson (1960: 218)

**pakris* > *pacēr* (nom., sg.)

Antes de –s final, toda vogal breve é sincopada (-Ũs# > -s#).

Nominativo singular de temas em –i: *-
ĩs# > -s#

Weiss (2010: 281)

**pakri-* > *pacēr*

Cognato: gót. *fagrs* ‘razoável’

Ambiente Fonológico:

Posição da síncope: Não há síncope (N)

Quantidade de Sílabas: 2

▪ ***ΠακFηις, pakkuiis*** (Osco) ‘Pacuio’
(gentílico)

Ocorrências

ΠακFηις: Lu 40, paq MV 8, PA MV 9
(GS)

pakkuiis: Si 19 (NSm)

Análise

Há duas síncope e de acordo com a cronologia relativa estabelecida por Benediktsson (1960: 258), pode-se afirmar: **pākouĩios* > **pākouiis* >

Pacuiēs, ou seja, a síncope final ocorreu antes que a síncope medial.

Benediktsson (1960: 264)

**pākouĩios* > **pākouiis* > *Pacuiēs*

Cognato itálico: lat. *Pacuuius* (<
**pākouo-*)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: ĭ_s #, k_u

Posição da síncope: Última sílaba (SF) e segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ ***pakis, pakim*** (Osco) ‘Paco’ (acs., sg., m.)

Ocorrências

pakim: Cp 37, 3; Cp 37, 10

pakis: Cm 14, 5 (frag.); Cp 37, 9; Fr 7;
Sa 36

pak(is): Cp 1; Sa 10; Sa 11 (frag.); Sa
12; tSa 38 (frag.)

p(a)k(is): Cm 48; Po 5; Sa 18; tSa 5

Análise

No caso da forma no nominativo singular, a síncope na sílaba final é esperada, pois a regra **-Vs#* > *-s#* sempre se aplica: **pakijos* > ***pakis***.

Benediktsson (1960: 30)

**pakjom* > *pakim* (acs., sg., m.)

Em sílabas finais, qualquer vogal breve era sincopada depois de -ĭ, mesmo antes de outras consoantes que não –s.

Nominativo / acusativo singular neutro e acusativo singular masculino de temas em -ĭo: **ĭjom* > *-ĭm*.

Meiser (1986: 59)

pākjom* > **pakim

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: i_m#

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 2

▪ **πακFηισ** (Oscó) ‘Paco’ (nome próprio) (gen., sg.)

Ocorrência

Lu 40

Análise

pākoueis* > **πακFηισ

Benediktsson (1960: 258)

pākoueis* > **πακFηισ (gen., sg.)

Cognato itálico: lat. *Pacuuius*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: k_u#

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **parfam, parfa** (Úmbrio) ‘parra’ (tipo de pássaro) (acs., sg.)

Ocorrências

parfam: Ib 13

parfa: VIa 1; VIa 2; VIa 4; VIa 15; VIa 17; VIb 51

Análise

parVsa-* > **parfa, parfam

Não há como ter certeza de qual é a vogal que foi sincopada.

Benediktsson (1960: 166)

paresām* > **parfam, parfa (acs., sg.)

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Cognato itálico: lat. *parram*

Stuart-Smith (2004:114)

paresām* > **parfam

Secundário **-rs-* > *-rf-*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_s

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **patensíns** (Oscó) ‘abrir’ (3ª pl., subj., impf.), **Patanai** (Oscó) (significado desconhecido), **Padellar** (Úmbrio) ‘Padela’ (nome de uma deusa)

Ocorrências

osc. **patensíns:** Cm 1B24; Cm 1B25

osc. **patanai:** Sa 1A 14; Sa 1B17

umb. **padellar:** VIa 14

Análise

Não é possível ver síncope nas três formas, mas apenas em *patensíns*.

Benediktsson (1960: 175, 208)

▪ *Patanai:* **patenāi* > **patnai* > *Patanai* (dat., sg.)

Síncope e anaptixe

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

▪ *Padella:* **patenolās* > **patnola-* > **paḏla-* > osc. *Padella-*

Síncope em formas quadrissilábicas com uma sequência de duas vogais breves nas sílabas mediais. As duas vogais podem sofrer síncope se forem abertas, no caso de ambas desaparecerem, é esperado que a vogal da segunda sílaba seja sincopada antes da vogal da terceira sílaba.

Cognato itálico: lat. *Patella*

▪ *patensíns*: **patenesē*- > **patnesē*- > **pat̃sē*- > *patensí*-, *patensíns* (3ª pl., subj., impf.)

Meiser (1986: 133)

patanesēnt* > **pat̃sens* > **patensíns

Untermann (2000: 516-7)

**pat*- > *Patanai*

**peth*²- > *patensíns* (3ª pl., subj., impf.)

Ambiente Fonológico:

▪ *patensíns*

Consoantes adjacentes: t_n

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ **pelmner** (Úmbrio) ‘carne’ (gen., sg.)

Ocorrências

Vb 12; Vb 17

Análise

**pelpmen-eis* > *pelmner*

Benediktsson (1960: 272)

**pelpmeneis* > *pelmner* (gen., sg.)

Cognato itálico: lat. *pulpa* ‘carne’

Untermann (2000: 528)

**pel-men*- > *pelmner*

Cognato itálico: lat. *pulmentum* ‘comida feita de carne’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: m_n

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **pelsans** (Úmbrio) ‘enterrar’ (gerund., nom., sg.)

Ocorrência

Ila 43

Análise

pelsandos* > **pelsans

*-*ns*# original > -*f*, como em **vitluf** < *-*ns* (acs, sg, m) e umb. **klavlaf** < *-*ns* (acs, pl), enquanto **ns* por síncope > -*ns*.

Benediktsson (1960: 216)

pelsandos* > **pelsans (nom., sg.)

Antes de -*s* final, toda vogal breve é sincopada (-*Ńs*# > -*s*#).

Nom. sg. de temas em -*o*: *-*os* > -*s*.

Weiss (2009: 443)

pelsans: gerundivo

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: d_s#

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **ař-peltu** (Úmbrio) ‘aconselhar’ (imp.)

Ocorrências

Ila 32; Iib 19; IV 8

Análise

**ados-pelletōd > ař-pelletōd > ař-peltu*

Benediktsson (1960: 171)

**pelletōd > ař-peltu* (imp.)

Cognato itálico: lat. *pellō* ‘bater’;
‘impelir’

Síncope em formas tri- ou
quadrissilábicas com uma vogal longa
na terceira sílaba.

Buck (1904: 83)

A presença de ř, *rs* antes e depois de
consoantes indica que houve síncope de
uma vogal ou uma mudança da posição
intervocálica. É o caso do prefixo ař-,
ars-.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: d_s#, l_t

Posição da síncope: Última sílaba (SF
no prefixo) e segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ *perca(m), perkaf* (Úmbrio) ‘haste’
(acs., sg. – acs., pl.)

Ocorrências

perca: VIa 19; VIb 49; VIb 50; VIb 51;
VIb 63; VIIa 46; VIIa 51

percam: VIb 53

perkaf: Ib 15

Análise

**pertikā-* > *perca(m), perkaf*

Benediktsson (1960: 175)

pertikām > perca(m)* (acs., sg.), **perkaf
(acs., pl.)

Síncope em formas tri- ou
quadrissilábicas com uma vogal longa
na terceira sílaba.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_k

Posição da síncope: Segunda sílaba
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ *Perkens* (Osco) ‘Perse’ (nome
próprio) (nom., sg.)

Ocorrência

Cm 6

Análise

**perkenos > Perkens*

Benediktsson (1960: 216)

**perkenos > Perkens* (nom., sg.)

Antes de –s final, toda vogal breve é
sincopada (-Vs# > -s#).

Final secundário –ns foi mantido em
osco e também em úmbrio, enquanto o
original *-ns se tornou –ss.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: n_s#

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ *pe(r)stu* (Úmbrio) ‘colocar’ (imp.)

Ocorrências

perstu: IIa 32

pestu: IIb 19

Análise

**persketōd > pe(r)stu*

Benediktsson (1960: 178)

persketōd* > **pe(r)stu (imp.)

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Buck (1904: 91)

persk(e)tōd* > **pe(r)stu

Weiss (2010: 362n10)

Significado pouco claro, por causa do contexto, pode-se assumir que se trata de um verbo transitivo e que provavelmente envolve movimento

Ambiente Fonológico:

e > 0 / k_t

Consoantes adjacentes: k_t

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ *pertumum* (Osco) ‘significado desconhecido’

Ocorrência

Lu 1, 7

Análise

Neste contexto, é difícil decidir se houve um enfraquecimento ou síncope seguida de anapitixe, pois há exemplo dos dois casos no mesmo ambiente fonológico. Pode-ser ver enfraquecimento no caso de *pra-hubia* (< **prae-habeo*), no qual /a/ > /u/ antes de uma labial; pode-se ver síncope no caso de *sumtu* (< **supemetod*) e no caso de *maimas* (< **maisemo-*), no qual /e/ > 0 antes de uma labial.

Ainda que ambas as soluções sejam possíveis, parece mais plausível supor que se trata de uma síncope seguida de anapitixe. Isso porque o ambiente fonológico é perfeito para síncope em sílaba medial: sílaba breve imediatamente pós-tônica entre uma oclusiva e uma labial.

Benediktsson (1960: 175)

**pertemom* > **pertmom* > *pertumum*

Síncope e anapitixe

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Buck (1892: 71)

Exemplo de enfraquecimento do /e/ > /u/ em sílaba medial antes de uma consoante labial.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_m

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM / IN)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ *persklum*, *persclo* (Úmbrio) ‘ritual’ (acs., sg.)

Ocorrências

persclo: VIa 1

persklum: Ia 1

perscler: VIa 27; VIa 28; VIa 37; VIa 38

pescler: VIa 47; VIa 48; VIb 30; VIb 30

persklu: III 12

persclu: VIb 36; VIIa 20; VIIa 34; VIIa 34

pesclu: VIb 15; VIIa 8

Análise

per(k)skelo-* > **perskl-, *perscl-*

Benediktsson (1960: 235)

per(k)skelom* > **persklum, *persclo*
(acs., sg.)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: k_l

Posição da síncope: Segunda sílaba
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **praicime** (Pelígio) ‘reino’ (acs., sg.)

Ocorrência

Pg 9

Análise

Há duas síncope e de acordo com a cronologia relativa estabelecida por Benediktsson (1960: 258), pode-se afirmar: **praidik-iȝom* > *praidikim* > *praicim*, ou seja, a síncope final ocorreu antes que a síncope medial.

Benediktsson (1960: 263)

**praidikȝom* > *praidikim* > *praicim*
(acs., sg.)

Untermann (2000: 569)

Praicime: *praicim* + preposição *en*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: i_m#, d_k

Posição da síncope: Última sílaba (SF) e segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **pretra** (Úmbrio) ‘as primeiras’ (acs., pl., f.)

Ocorrência

Vb 12

Análise

Adjetivos construídos com o sufixo *-tero apresentam síncope vocálica.

**praitero-* > *pretra*

Benediktsson (1960: 241)

**praiterans* > *pretra* (acs., pl., f.)

Buck (1904: 184)

**prai-tero-* > *pretra*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_r

Posição da síncope: Segunda sílaba
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **pritrone** (Pelígio) ‘anterior’

Ocorrências

Pg 9

Análise

Adjetivos construídos com o sufixo *-tero apresentam síncope vocálica.

**pritero-* > *pritrom*

Benediktsson (1960: 241)

**priterom* > *pritrom*

Em Pelígio, **tr* > *kr*, como há a sequência *tr* nesta forma, deve-se supor que havia uma vogal entre *tr*, que foi sincopada.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_r

Posição da síncope: Segunda sílaba
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **prúffed** (Oscó) ‘arrumar’ (3^a sg., perf.)

Ocorrências

Cm 10; Sa 25

Análise

**pro-fefed* > *prúffed*

Benediktsson (1960: 237)

**pro-peped* > *prúffed* (3^a sg., perf.)

Plt. **p* (PIE **dh*) > *f* antecedeu a ocorrência da síncope.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: f_f

Posição da síncope: Segunda sílaba
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **prúftú** (Oscó) ‘estabelecer’ (3^a pl., perf., pass.)

Ocorrência

Cm 1A16

Análise

Plt. **pro-pata* > *prúftú*

Benediktsson (1960: 258)

**pro-pata* > *prúftú* (nom., pl., n.)

Cognato itálico: lat. *umerus* ‘ombro’

Untermann (2000: 745)

prúftúset (3^a pl., perf., pass.)
‘estabelecer’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: f_t

Posição da síncope: Segunda sílaba
(SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **Púmpaiians** (Oscó) ‘Pompeiano’
(nom., sg.)

Ocorrências

Po 12frag.; Po 53frag.

Análise

**púmpaiianos* > *Púmpaiians*

Benediktsson (1960: 216)

**púmpaiianos* > *Púmpaiians* (nom., sg.)

Antes de –s final, toda vogal breve é sincopada (-*ŷs*# > -s#).

Final secundário –ns foi mantido em oscó e também em úmbrio, enquanto o original *–ns se tornou –ss.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: n_s#

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ **pupdiis** (Oscó) ‘Popido’ (gentílico)
(nom., sg.)

Ocorrências

popdis: Pg 1

pupdiis: Cm 34

Análise

Há duas síncope, e de acordo com a cronologia relativa estabelecida por Benediktsson (1960: 258), pode-se afirmar: **poped(i)ios* > **popedijs* > **pupdiis**, *popdis*, ou seja, a síncope final ocorreu antes que a síncope medial.

Benediktsson (1960: 264)

poped(i)ios* > **Pupdiis (nom., sg.)

Cognatos itálicos: pal. *popdis* (< **poped(i)ios*); lat. *Popidius*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: i_s#, p_d

Posição da síncope: Última sílaba (SF) e segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ **pupřikes** (Úmbrio) (epíteto) (gen., sg.)

Ocorrências

pupřces: IV 26

pupřice: IV 24

pupřices: IV 4

pupřike: III 27; III 35; IV 10 (frag.); IV 12

pupřikes: IV 11; IV 13

Análise

Apesar das pequenas diferenças na escrita, pode-se constatar que todas essas formas por síncope: **popedik-* > **pupřk-**, **pupřc-**. Além disso, na forma **pupřces** pode-se ver duas síncoptes em sílabas mediais: **popedik-* > **pupřic-** > **pupřces**.

Benediktsson (1960: 211)

**popedikeis* > *Puprikes* (gen., sg.)

Síncope em formas quadrissilábicas com uma sequência de duas vogais breves nas sílabas mediais.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: p_d

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ **pústiris** (Osco) ‘posterior’ (nom./acs., sg.)

Ocorrência

Sa 4

Análise

**postero-* > *pústiris*

Benediktsson (1960: 217)

**posterjos* > *pústiris* (nom./acs., sg.)

Cognato itálico: lat. *posterius* ‘posterior’

Antes de –s final, toda vogal breve é sincopada (-*Ńs*# > -s#).

Nominativo/Acusativo singular de neutros com temas em –s: *-os > -s.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: i_s#

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **pústreí**, **pustrei** (Osco) ‘posterior’ (loc., sg.)

Ocorrências

pustrei: Cp 9

pústreí: Cp 33; Cp 34 (frag.)

Análise

Adjetivos construídos com o sufixo *-tero apresentam síncope vocálica.

**posterei* > *pústreí*, *pustrei*

Benediktsson (1960: 241)

**posterei* > *pústreí*, *pustrei* (loc., sg.)

Cognato itálico: umb. *postra* (acs., sg., f.), *pustra*, *pustru*, *postro* (acs., pl., n.); lat. *posterus* ‘posterior’

Cognatos: lit. *pāstaras*; let. *pastars*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_r

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **putrespe** (Úmbrio) ‘outro’ (gen., sg.)

Ocorrências

IV 14

Análise

Adjetivos construídos com o sufixo *-tero apresentam síncope vocálica.

potereis* > **putres-pe

Benediktsson (1960: 241-2)

k^uotereis* > **putres(-pe) (gen., sg.)

Outras formas: *púterei(-pid)* (loc., sg.), *pútúrús(píd)* (nom., pl.), *pútúrú[m(-píd)* (gen., pl.), *pútúrú[ís(-píd)*

Cognatos: lit. *katròs*; scr *kataráh*; gr. ποτερος

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_r

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **puz** (Oscó) ‘que’, ‘como’ (conj.)

Ocorrências

Cm 1A 17; Po 39

Análise

pu-tVs* > **puz

Cognato itálico: lat. *ut* ‘que’, ‘como’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_s#

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 2

▪ **sacris** (Úmbrio) ‘vítimas sacrificiais’ (dat./abl., pl.)

Ocorrências

VIb 52; VIb 56

Análise

**sakrifos* > *sacris*

Benediktsson (1960: 222)

**sakrifos* > *sacris* (dat./abl., pl.)

Dativo / ablativo plural de temas em -i, -u, -e e em consoante: *-fos > -fs > -s(s)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: f_s#

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **Safinim** (Oscó) ‘Safino’ (nom./acs., sg., n.)

Ocorrências

nPg 2; Sa 4

Análise

**safn-ijom* > *Safinim*

Benediktsson (1960: 229)

**safnjom* > *Safinim* (nom./acs., sg., n.)

Cognato itálico: lat. *Samnium*

Em sílabas finais, qualquer vogal breve era sincopada depois de -i, mesmo antes de outras consoantes que não -s.

Nominativo / acusativo singular neutro e acusativo singular masculino de temas em *-iō*: **iōm* > *-im*.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: *i_m#*

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 2

▪ *salaus* (Osco) ‘salvo’ (nom., sg.)

Ocorrências

MV 7; MV 8; MV 8frag.

Análise

**salauros* > *salaus*, σαλαFσ

Benediktsson (1960: 216)

**salauros* > *salaus*, σαλαFσ (nom., sg.)

Antes de *-s* final, toda vogal breve é sincopada (*-Ṽs#* > *-s#*).

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: *u_s#*

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ *Serfer* (Úmbrio) ‘Ceres’ (gen., sg.)

Ocorrências

sérfe: VIIa 3

sérfer: VIb 57; VIb 58; VIIa 6; VIIa 9; VIIa 10; VIIa 11; VIIa 13; VIIa 15; VIIa 18; VIIa 19; VIIa 20; VIIa 21; VIIa 22; VIIa 24; VIIa 25; VIIa 27; VIIa 29; VIIa 29; VIIa 32; VIIa 33; VIIa 33; VIIa 34; VIIa 35; VIIa 36; VIIa 41

Análise

kereseis* > *Serfer*, **Çerfer

Benediktsson (1960: 256)

kereseis* > *Serfer*, **Çerfer (gen., sg.)

Outras formas: **kerese* > *Serfe*, **Çerfe** (dat., sg.)

Paradigmas nos quais ocorre síncope medial regularmente apenas nos casos oblíquos.

Cognato itálico: lat. *Ceres*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: *r_s*

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ *seste*, *sestu* (Úmbrio) ‘derrubar’ (3ª sg., pres. pass. – imp.)

Ocorrência

seste: IIb 22

sestu: IIb 22; IIb 24

Análise

sistat-* > **sestu, **seste**

Benediktsson (1960: 173,237)

PIE. **si-stə-tōd* > Plt. **sistatod* > **sestu** (imp.)

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

sistater* > **seste (3ª sg., pres. pass.)

Cognato itálico: lat. *sistō* ‘ficar em pé’

Buck (1904: 345)

seste (2ª sg., pres., ind.)

sestu (imp.)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: *t_t*

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ *ander-sistu* (Úmbrio) ‘sentar entre’ (imp.)

Ocorrências

VIa 6

Análise

**sizdVto-* > *ander-sistu*

Benediktsson (1960: 174)

**sizdetōd* > *ander-sistu* (imp.)

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Cognato itálico: lat. *sidō* (< PIE **sed-*) ‘sentar’

Buck (1904: 75)

**sizd(e)tōd* > *ander-sistu*

Cognato itálico: lat. *sidō*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: d_t

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ *scalše* (Úmbrio) ‘tipo de vasilhame usado em rituais’ (abl., sg.)

Ocorrências

skalçeta: IV 15; IV 18; IV 20

scalseto: VIb 16

scalsie: VIb 5; VIIa 37

Análise

skalik-* > **skalçe-ta

Benediktsson (1960: 272)

skaliki* > **skalçe, *scalše* (abl., sg.)

Benediktsson (1960: 272)

skalik-* > **skalçeta, *scalseto*, *scalsie*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_k

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ *a(n)-stintu* (Úmbrio) ‘instingar’ (imp.)

Ocorrências

anstintu: III 20

astintu: III 18; III 19

Análise

stingeto-* > **a(n)-stintu

Benediktsson (1960: 178)

stingetōd* > **a(n)-stintu (imp.)

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Meiser (1986: 82)

**steig-* ‘stick on’

Cognato itálico: lat. *īnstīgāre*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: g_t

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ *stru(h)çla* (Úmbrio) ‘massa assada’

Ocorrências

struçla: III 34

struhçla: IIa 18; IIa 28; IV 4

struḥḥlas: IIa 41; IV 1

Análise

struḥḥekelā-* > **strukelām* > **stru(h)ḥla,
struḥla

Benediktsson (1960: 211)

struḥḥekelā-* > **strukelām* > **stru(h)ḥla,
struḥla (acs., sg.)

Síncope em formas quadrissilábicas com uma sequência de duas vogais breves nas sílabas mediais. As duas vogais podem sofrer síncope se forem abertas, no caso de ambas desaparecerem, é esperado que a vogal da segunda sílaba seja sincopada antes da vogal da terceira sílaba.

Essa palavra contém o sufixo de diminutivo Plt. *-kelo-/ā-

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: ḥ_k, k_l

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM), terceira sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ **sumtu** (Úmbrio) ‘apreender’ (imp.)

Ocorrências

Ia 9; Ia 16

Análise

**supemetōd* (ou **subemetōd*) >
submetōd* > **summetod* > **sumtu

Benediktsson (1960: 212)

**supemetōd* (ou **subemetōd*) >
submetōd* > **summetod* > **sumtu
(imp.)

Síncope em formas quadrissilábicas com uma sequência de duas vogais breves nas sílabas mediais. As duas vogais podem sofrer síncope se forem abertas, no caso de ambas desaparecerem, é esperado que a vogal da segunda sílaba seja sincopada antes da vogal da terceira sílaba.

Buck (1904: 76)

sup(e)mō-* > *summō-* > **sumtu

Untermann (2000: 220)

sumtu ‘apreender’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: p_m, m_t

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM), terceira sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ **supruis** (Osco) ‘superior’ (dat./abl., pl.)

Ocorrência

Cp 37,7

Análise

s-uperois* > **supruis

Benediktsson (1960: 241)

s-uperois* > **supruis (dat./abl., pl.)

Cognato itálico: lat. *superus* ‘superior’

Cognatos: véd. *úpāra-*; gr. *επερος*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: p_r

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **sverrunéi** (Osko) ‘pensamento’ (dat., sg.)

Ocorrência

CM 1A2

Análise

sueresōnei* > **sverrunéi

Benediktsson (1960: 166) & Buck (1904: 63)

sueresōnei* > **sverrunéi (dat., sg.)

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: r_s

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ **taçez, tases** (Úmbrio) ‘tácito’ (part. pass)

Ocorrências

taçez: Ia 26; Ib 26; Ib 30; Ib 32; Ib 44; IIa 7; IIa 39; IV 27

tases: VIa 55; VIa 59; VIb 2; VIb 4; VIb 20; VIb 44; VIb 46; VIIa 7; VIIa 42; VIIa 54

Análise

taketos* > **taçez, tases, tasis

Benediktsson (1960: 216)

taketos* > **taçez, tases, tasis (part. pass)

Antes de –s final, toda vogal breve é sincopada (-*ŷs#* > -s#).

Nom. sg. de temas em –o: *-os > -s.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_s#

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **tehteřim** (Úmbrio) ‘teto’ (nom./acs., sg., n.)

Ocorrência

IV 20

Análise

tektel-ijom* > **tehteřim

Benediktsson (1960: 229)

**tektedjom* > *tehteřim* (nom./acs., sg., n.)

Em sílabas finais, qualquer vogal breve era sincopada depois de -*j*, mesmo antes de outras consoantes que não –s.

Nominativo / acusativo singular neutro e acusativo singular masculino de temas em –io: **jom* > -*im*.

Weiss (2010: 124)

tektelijo-* > **tehteřim

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: j_m#

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **teitu, deitu** (Úmbrio) ‘dito’ (imp.)

Ocorrências

deitu: VIb 56; VIb 63; VIb 64; ; VIb 65; VIIa 1; VIIa 20; VIIa 51

teitu: IIa 26; IIb 7; IIb 25; III 9; III 25

Análise

**deiketōd* > *teitu, deitu*

Benediktsson (1960: 178)

**deiketōd* > *teitu*, *deitu* (imp.)

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Cognato itálico: lat. *dicō* ‘dizer’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: k_t

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **teremníss** (Osco) ‘limites territoriais’ (dat./abl., pl.)

Ocorrência

Cm 1A14

Análise

**termen-i-fos* > **termen-i-fs* > **termníss* > com anaptixe *teremníss*

Dupla síncope, sendo que a primeira a ocorrer foi necessariamente a síncope da sílaba final, seguida de anaptixe.

Benediktsson (1960: 223, 272)

**termenifos* > *teremníss* (dat./abl., pl.)

Cognato itálico: lat. *termen*

Dativo / ablativo plural de temas em *-i*, *-u*, *-e* e em consoante: **-fos* > *-fs* > *-s(s)*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: i_m#, m_n

Posição da síncope: Última sílaba (SF) e segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ **termnas** (Úmbrio) ‘delimitar’ (part. pass., nom., sg., m.)

Ocorrência

Um 10

Análise

**termenā-* > **termnā-* > *termnas*

Benediktsson (1960: 173)

**termenā-* > **termnā-* > *termnas* (part. pass., nom., sg., m.)

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Untermann (2000: 747)

termnas ‘delimitar’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: m_n

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **termnome** (Úmbrio) ‘limites territoriais’ (dat./abl., pl.)

Ocorrências

VIb 57; VIb 63; VIb 64

Análise

**termenom* > *termnem*

Benediktsson (1960: 256)

**termenom* > *termnem* (dat./abl., pl.)

Paradigmas nos quais apenas ocorre síncope medial regularmente nos casos oblíquos.

Cognato itálico: lat. *terminus* ‘marco (de um limite territorial)’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: m_n

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **teřte** (Úmbrio) ‘dar’ (3ª sg., pres. pass.)

Ocorrências

Ila 40; Ila 40; IV 28frag.

Análise

didater* > **teřte

Benediktsson (1960: 237)

didater* > **teřte (3ª sg., pres. pass.)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: d_t

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **terti** (Úmbrio) ‘terceiro’ (nom./acs., sg., n.)

Ocorrência

Ila 28

Análise

trit-ijom* > **terti

Benediktsson (1960: 229)

tritjom* > **terti (nom./acs., sg., n.)

Em sílabas finais, qualquer vogal breve era sincopada depois de -j, mesmo antes de outras consoantes que não -s.

Nominativo / acusativo singular neutro e acusativo singular masculino de temas em -jo: **jom* > -jm.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: j_m#

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 2

▪ **tiçel** (Úmbrio) ‘oferenda’ (nom., sg.)

Ocorrências

Ila 15

Análise

dikelos* > **tiçel

Benediktsson (1960: 216)

dikelos* > **tiçel (nom., sg.)

Antes de -s final, toda vogal breve é sincopada (-V̌s# > -s#).

Nom. sg. de temas em -o: *-os > -s.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_s#

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **tiçlu** (Úmbrio) ‘oferenda’ (acs./abl., sg.)

Ocorrências

Iib 22; III 25; III 27

Análise

dikelom* > **tiçlu

Benediktsson (1960: 238)

dikelom* > **tiçlu (acs./abl., sg.)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: k_l

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **tribřiçu, tribrisine** (Úmbrio) ‘três em número’

Ocorrências

tribŕiçu: Va 9

tribrisine: VIa 54

Análise

A análise de Benediktsson parece mais sensata, a síncope ocorre na segunda sílaba, na sílaba imediatamente pós-tônica, conforme se espera em sabélico.

Benediktsson (1960: 213)

tri-pedikjō* > **tribŕiçu (nom., sg.)

Outras formas: *tribrisine* (abl., sg.)

Síncope em formas quadrissilábicas com uma sequência de duas vogais breves nas sílabas mediais. As duas vogais podem sofrer síncope se forem abertas, no caso de ambas desaparecerem, é esperado que a vogal da segunda sílaba seja sincopada antes da vogal da terceira sílaba.

Meiser (1986: 130)

tri-plek-iĵō* > **triplekĵō* > **tribŕiçu

Untermann (2000: 764)

tribŕiçu ‘três em número’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes:

Posição da síncope:

Quantidade de Sílabas: 4

▪ **tris** (Úmbrio) ‘três’ (dat./abl., pl.)

Ocorrências

III 18; III 18

Análise

**trifos* > *tris*

Benediktsson (1960: 222)

**trifos* > *tris* (dat./abl., pl.)

Dativo / ablativo plural de temas em *-i*, *-u*, *-e* e em consoante: **-fos* > *-fs* > *-s(s)*

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: *f_s#*

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 2

▪ **túvtíks** (Oscó) ‘público’

Ocorrências

túvtíks: Cm 10; as 5frag.

túv(tíks): Po 5; Po 6; Po 7

t(úvtíks): Sa 7; Sa 9; Sa 10, Sa 12; Sa 21; Sa 28

Análise

**toutikos* > *túvtíks*

Benediktsson (1960: 216)

**toutikos* > *túvtíks* (nom., sg.)

Antes de *-s* final, toda vogal breve é sincopada (*-Ŷs#* > *-s#*).

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: *k_s#*

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **uas** (Úmbrio) ‘vício’ (nom./acs., sg.)

Ocorrências

VIa 28; VIa 38; VIa 48; VIb 30

Análise

**uakos* > *uas*

Benediktsson (1960: 217)

**uakos* > *uas* (nom./acs., sg.)

Antes de *-s* final, toda vogal breve é sincopada (*-Ŷs#* > *-s#*).

Nominativo/Acusativo singular de neutros com temas em *-s*: **-os* > *-s*.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: *k_s#*

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 2

- **údiíns** (Piceno Meridional) (significado desconhecido)

Ocorrência

AP 1

Análise

-nos* > **údiíns

**-ns* original > *-f*, enquanto **ns* por síncope > *-ns* (Buck 1904: 73).

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: *n_s#*

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

- **ufestne** (Úmbrio) ‘vasos’ (dat./abl., pl.)

Ocorrência

IV 22

Análise

**op-fenstonois* > *ufestne*

Benediktsson (1960: 256)

**op-fenstonois* > *ufestne* (dat./abl., pl.)

Paradigmas nos quais apenas ocorre síncope medial regularmente nos casos oblíquos.

Cognato: scr. *badhnāti*, gót. *bindan*

Buck (1904: 86)

bhendh-to-* > **op-fest(i)no-* > **ufestne

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes:

Posição da síncope:

Quantidade de Sílabas: 4

- **uincter** (Oscó) ‘ser convencido’ (3^a sg., pres., pass.)

Ocorrência

Lu 1, 21

Análise

**uinketer* > *uincter*

Benediktsson (1960: 237)

**uinketer* > *uincter* (3^a sg., pres., pass.)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: *k_t*

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

- **umne** (Úmbrio) ‘óleo para ungir’ (abl., sg.)

Ocorrência

Ila 38

Análise

**ong^ueni* > *umne*

Benediktsson (1960: 272)

**ong^ueni* > *umne* (abl., sg.)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes:

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

- **umtu** (Úmbrio) ‘ungir’ (imp.)

Ocorrências

IIa 38; IV 13

Análise

**on-g^uetōd* > *umtu*

Benediktsson (1960: 185)

**on-g^uetōd* > *umtu* (imp.)

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Cognato itálico: lat. *unguō* ‘ungir’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes:

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

- **úpvals** (Oscó) ‘Upívalo’ (nome próprio) (nom., sg.)

Ocorrência

Cp 2

Análise

upfalos* > **úpvals

Benediktsson (1960: 216)

upfalos* > **Upvals (nom., sg.), *Upifalleis* (gen., sg.)

Antes de –s final, toda vogal breve é sincopada (-*Ńs*# > -s#).

Depois da síncope: -*ls*# > -*l*#

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_s#

Posição da síncope: Última sílaba (SF)

Quantidade de Sílabas: 3

- **úpsed** (Oscó) ‘fazer’ (3ª sg., perf.)

Ocorrência

Sa 2

Análise

**opesed* > *upsed*

Benediktsson (1960: 237)

**opesed* > *upsed* (3ª sg., perf.)

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: p_s

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

- **urnasier, urnasiaru** (Úmbrio) ‘regular (?)’ (gen., pl., f.)

Ocorrências

urnasiaru: III 3

urnasier: Va 2; Va 15

Análise

Etimologia Incerta

Benediktsson (1960: 175)

ordenāsjaís* > **urnasier, urnasiaru (gen., pl., f.)

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Weiss (2010: 58-9)

Possivelmente o nome de um mês, embora seja difícil definir qual mês.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: d_n

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM / IN)

Quantidade de Sílabas: 4

▪ **uze, onse** (Úmbrio) ‘ombro’ (loc., sg.)

Ocorrências

onse: VIb 50

uze: Iib 27; Iib 28

Análise

omesei* > **uze, onze

Benediktsson (1960: 256)

omesei* > **uze, onze (loc., sg.)

Paradigmas nos quais apenas ocorre síncope medial regularmente nos casos oblíquos.

Cognato itálico: lat. *umerus* ‘ombro’

Weiss (2009: 140)

Cognato itálico: lat. *umerus* (< **omeso-*) ‘ombro’

Cognato: véd. *ám̐sa-* ‘ombro’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: m_s

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **veltu** (Úmbrio) ‘desejar’ (imp.)

Ocorrência

IV 21

Análise

ueletōd* > **veltu

Benediktsson (1960: 171)

ueletōd* > **veltu (imp.)

Cognato itálico: umb. *eh-veltu* ‘ordenar’ (imp.)

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: l_t

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **veskla** (Úmbrio) ‘vasilha’ (acs., pl.)

Ocorrências

veskla: IIa 19

veskles: IIa 31; IIa 37; IIb 18; IV 9; IV 24

vesklu: Ib 29; Ib 37; IIa 34; IIb 19

Análise

ueskelo-* > **veskla

Benediktsson (1960: 235)

ueskelā* > **veskla (acs., pl.)

Cognato itálico: volsc. *uesclis*

Buck (1904: 58)

ues-ke-lo-* > **veskla

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: k_l

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **re-vestu** (Úmbrio) ‘verificar’ (imp.)

Ocorrências

Va 7; Va 9

Análise

PIt. **ueisseto-* > **re-vestu**

Benediktsson (1960: 173)

ueissetōd* > **re-vestu (imp.)

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Cognato itálico: lat. *uisō* ‘olhar’

Buck (1904: 85)

Cognato itálico: lat. *uīsō* (< **ueid-sō*) ‘olhar’

Uma dental é assimilada se um -s a seguir (Proto-Itálico).

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: s_t

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **vetu** (Úmbrio) ‘dividir’ (imp.)

Ocorrências

Ib 29; Ib 37

Análise

ueifetōd* > **vetu

Benediktsson (1960: 176)

ueipetōd* > **ueifetōd* > **ueiftōd* > **uehtōd* > **vetu (imp.)

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Cognato itálico: lat. *dīuidō* ‘dividir’

Cognato: scr. *vidhyati* ‘dividir’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: f_t

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **vezkeí** (Osc) ‘Vezco’ (nome de um deus) (dat., sg.)

Ocorrências

Sa 1A2; Sa B3

Análise

uetVskei* > **vezkeí

Benediktsson (1960: 272)

uet^ε/oskei* > **Vezkeí (dat., sg.)

A presença do -z- pressupõe que houve síncope.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_s

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **vitlu** (Úmbrio) ‘vitelo’ (acs., sg.)

Ocorrências

vitlu: IIb 21; IIb 24

uitlu: VIb 43; VIb 45

vitluf: Ib 1; Ib 4

Análise

uitelo-* > **vitlu

Benediktsson (1960: 238)

uitelom* > **vitlu (acs., sg.)

Outras formas: **vitluf**, **vitlup** (acs., pl.)

Buck (1904: 58)

uitelo-* > **vitlu

Cognato itálico: osc. **Víteliú** ‘Itália’

Meiser (1986: 130)

uitelo-* > **vitlu

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: t_l

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **vutu** (Úmbrio) ‘lavar’ (imp.)

Ocorrência

Ila 39

Análise

louVtōd* > **vutu

Benediktsson (1960: 172)

louetōd* > **vutu (imp.)

Síncope em formas tri- ou quadrissilábicas com uma vogal longa na terceira sílaba.

Cognato itálico: lat. *lauō* ‘lavar’

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: *u_t*

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3

▪ **zicolom** (Osco) ‘dia’ (acs., sg. ou gen., pl.)

Ocorrências

zicolom: Lu 1, 14; Lu 1, 15 *zico(lom)*;

Lu 1, 17

ziculud: Lu 1, 16

Análise

Síncope seguida de anaptixe: **dijēkelo-* > *djēkelo-* > *djeklo-* > com anaptixe *zicolom*

Síncope na terceira sílaba, no sufixo diminutivo **-kelo-*.

Benediktsson (1960: 239)

**djekelo-* > **djeklom* > *zicolom* (acs., sg.)

Outras formas: *ziculud* (abl., sg.), *zicolom* (gen., pl.)

Untermann (2000: 868)

O sufixo diminutivo **-kelo-* pode ser entendido em comparação à forma latina *diēcula* ‘dia mais curto’.

Weiss (2010: 48)

zicolom na *Tabula Bantina* 13-14 significa apenas ‘dia’, mas sim ‘o último dia possível para o pagamento’; ‘data limite do pagamento’. A palavra latina *dies* possui a mesma característica de mudança semântica em certos contextos.

Ambiente Fonológico:

Consoantes adjacentes: *k_l*

Posição da síncope: Segunda sílaba (SM)

Quantidade de Sílabas: 3